

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

MARIANNA GÓMEZ STRENGE TÓRGO

**“INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS ORAIS E SEUS PROCESSOS COGNITIVOS”:  
UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE *INTRODUCING INTERPRETING STUDIES***

Porto Alegre

2021

MARIANNA GÓMEZ STRENGE TÓRGO

**“INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS ORAIS E SEUS PROCESSOS COGNITIVOS”:  
UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE *INTRODUCING INTERPRETING STUDIES***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradutor Português e Inglês – pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Rodrigues da Fonseca

Porto Alegre

2021

#### CIP - Catalogação na Publicação

Gómez Strenghe Tórgo, Marianna  
"INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS ORAIS E SEUS PROCESSOS  
COGNITIVOS": UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE INTRODUCING  
INTERPRETING STUDIES / Marianna Gómez Strenghe Tórgo.  
-- 2021.  
99 f.  
Orientador: Sandro Rodrigues da Fonseca.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Cognição. 2. Estudos da Interpretação. 3.  
Interpretação. 4. Tradução Comentada. I. Rodrigues da  
Fonseca, Sandro, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIANNA GÓMEZ STRENGE TÓRGO

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA E SEUS PROCESSOS COGNITIVOS: UMA  
TRADUÇÃO COMENTADA DE “INTRODUCING INTERPRETING STUDIES”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradutor Português e Inglês – pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre 2021.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moura da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr<sup>a</sup>. Patrizia Cavallo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rozane Rodrigues Rebechi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Leonnardo e Dulce, que são meus amigos e companheiros na imprevisível jornada da vida, que acaba também por englobar jornada acadêmica. Agradeço por apoiarem e impulsionarem com amor este trabalho, seja com as entregas de café enquanto eu estudava e produzia, seja pelos abraços apertados, seja pelas palavras de fé. Acima de tudo, obrigada por acreditarem em mim.

Aos professores que lecionaram as cadeiras que cursei no curso de Letras, que contribuíram não apenas para minha formação profissional, mas também humana. Agradeço em especial o Prof. Dr. Sandro Fonseca, meu orientador, que ajudou a concretizar o presente trabalho, sempre me direcionando com alegria e sabedoria.

Aos meus amigos mais próximos, que torceram por mim durante todo o processo, do primeiro rascunho à defesa da banca, e que me dão forças para seguir meus sonhos e vontades.

Ao professor e pesquisador Franz Pöchhacker por sua generosidade e disponibilidade para responder meu contato e por demonstrar apoio a esta tradução comentada e ao meu trabalho.

E, finalmente, a vós Santo Anjo da Guarda, por fortalecer e orientar meu caminhar, zelando dia e noite por mim. Abençoando-me com sua paz, força, saúde, harmonia e iluminação, que constituem o cerne do meu ser. Assim é, assim seja, assim sempre será, amém.

## RESUMO

Embora uma vez formados bacharéis em Letras sejamos oficialmente tradutores, no mercado de trabalho podemos atuar em diferentes áreas (tradução, revisão, redação, transcrição, etc.), inclusive na interpretação de línguas orais. Contudo, pouco há sobre a prática e a teoria da interpretação nos cursos de bacharelado brasileiros de Letras. À luz de revisões de literatura como Cavallo e Reuillard (2016) e Silva (2019), é observável que há não apenas uma lacuna nos cursos de bacharelado em relação à interpretação de línguas orais, mas também pouca produção acadêmica de maneira geral no Brasil sobre ela. Nesse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso busca adicionar à área dos Estudos Tradução e dos Estudos da Interpretação ao traduzir de maneira comentada o capítulo "Processos Cognitivos" de *Introducing Interpreting Studies* (2016). Escrito por Franz Pöchhacker, esse livro nunca foi traduzido para o português europeu ou brasileiro, mesmo sendo considerado parte do cânone da área dos Estudos da Interpretação. Acreditamos que traduzir um material sobre a interpretação e seus processos cognitivos seja a melhor forma de explicar ao público-alvo selecionado (pesquisadores e estudantes de Letras) a unicidade do *modus operandi* de intérpretes e sua complexidade. A tradução comentada segue García (2007) e conta com três tipos de comentários: (1) tradutórios; (2) explicativos; (3) explicativos expandidos, que constituem um glossário de termos técnicos da área da interpretação seguindo as noções terminológicas de Bevilacqua e Finatto (2006). Os comentários auxiliam o público-alvo, que possui pouco acesso e familiaridade em português com tópicos da interpretação, a compreender melhor os conceitos abordados no capítulo selecionado. A tradução comentada disponibiliza um material introdutório sobre interpretação inteiramente em português, para que pesquisadores e estudantes da Letras possam se inteirar a respeito da interpretação de línguas orais, seus processos cognitivos e área dos Estudos da Interpretação, que, por sua vez, necessita ser amplamente pesquisada e abordada para melhor formação de tradutores e intérpretes dentro dos cursos de bacharelado brasileiros.

**Palavras-chave:** Cognição. Estudos da Interpretação. Interpretação. Tradução comentada.

## ABSTRACT

Although once one receives a bachelor's degree in Languages and Literature they are officially translators, in the job market these professionals might work in different areas (translation, proofreading, transcription, etc.), which includes the interpretation of spoken languages. However, the practice and theory of interpretation are not present in bachelor courses of Languages and Literature in Brazil. Considering recent literature reviews such as Cavallo and Reuillard (2016) and Silva (2019), is observable not only the absence of interpretation of spoken languages in bachelor courses, but how few are the academic texts produced in Brazil about Interpreting Studies. In this context, this work seeks to contribute to the Translation Studies and the Interpreting Studies areas by producing a commented translation of the chapter “Cognitive Processes” of *Introducing Interpreting Studies* (2016). Written by Franz Pöchhacker, this book has never been translated into European or Brazilian Portuguese even though it is considered a canon of the Interpreting Studies. We believe that translating a material about interpretation and its cognitive processes might be the best way to explain to the selected target audience (researchers and undergraduate students of Languages and Literature) the uniqueness of interpreters' *modus operandi* and its complexity. The commented translation follows García (2007) and includes three types of commentaries: (1) translational; (2) explicative; and (3) expanded explicative comments. Following Bevilacqua and Finatto (2006), the latter type constitutes a glossary of interpreting technical terms. These comments aid the target audience, which has little access and familiarity with interpretation topics in Portuguese, to understand concepts explored in the selected chapter. The commented translation provides an introductory material about interpretation entirely in Portuguese so that researchers and undergraduate students of Languages and Literature might know more about the interpreting spoken languages, its cognitive processes, and the Interpreting Studies area, which needs to be further researched and covered for the better formation of translators and interpreters inside Brazilian bachelor courses.

**Keywords:** Cognition. Interpreting Studies. Interpreting. Commented translation.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Comentário Geral.....	33
---------------------------------	----



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Organização do capítulo “Processos Cognitivos” .....	19
Tabela 2 - Os guias de García (2007) para produção de comentários .....	23
Tabela 3 - Modelo dos comentários de Natureza Tradutória (N.T.) .....	35
Tabela 4 – Modelo dos comentários Explicativos .....	36
Tabela 5– Modelo dos comentários de Explicativos Expandidos (Glossário) .....	37

## **LISTA DE SIGLAS**

Libras	Língua Brasileira de Sinais
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TC	Texto de Chegada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TP	Texto de Partida
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
2.1 AVALIAÇÃO DOS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO NO BRASIL.....	16
2.2 <i>INTRODUCING INTERPRETING STUDIES</i> .....	18
<b>3 TRADUÇÃO COMENTADA .....</b>	<b>20</b>
3.1 GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS DA INTERPRETAÇÃO .....	26
3.2 METODOLOGIA.....	28
<b>3.2.1 DIREITOS AUTORAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2.2 DEFININDO O PÚBLICO-ALVO DA TRADUÇÃO COMENTADA .....</b>	<b>30</b>
<b>3.2.3 ORGANIZAÇÃO DA TRADUÇÃO COMENTADA.....</b>	<b>31</b>
3.3 PRODUÇÃO DE COMENTÁRIOS .....	34
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>42</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>94</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por mais que, uma vez formados bacharéis no curso de Letras, sejamos oficialmente tradutores, no mercado de trabalho, o bacharel em Letras, dentre suas muitas atuações (tradutor, revisor, redator, etc.), também pode atuar como intérprete de línguas orais. Até o presente momento da produção deste trabalho, não existem disciplinas exclusivamente focadas na prática e/ou história da interpretação de línguas orais nos currículos de bacharelado em Letras de universidades brasileiras renomadas como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre outras. A UFRGS chegou a ofertar a habilitação “Tradutor e Intérprete” para o curso de Letras-Bacharelado. Iniciada em 1977, contudo, a habilitação foi descontinuada em 1991 sobretudo por “dificuldades operacionais” (BEVILACQUA e REUILLARD, 2013) através da Resolução 04/91 da IV Câmara.

A interpretação de línguas orais é uma atividade linguística complexa, assim como a interpretação de línguas de sinais, pois “novas informações são apresentadas enquanto o intérprete simultaneamente compreende o input em uma língua e produz o output na outra” (CAVALLO e POMPEU, 2019); esse processo demanda alta carga cognitiva dos intérpretes. A UFRGS, por exemplo, possui em seu currículo disciplinas específicas para o estudo e a prática da interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a habilitação “Tradutor e Intérprete de Libras”. Ao prover formação e referenciais teóricos voltados não só para formação de tradutores de texto e intérpretes de libras, mas também de intérpretes de línguas orais, a Universidade capacitaria profissionais mais preparados para o mercado de trabalho e mais conscientes de todas as possibilidades de atuação dos bacharéis em Letras. Embora haja uma dificuldade operacional, como descrito por Bevilacqua e Reuillard de se estabelecer uma habilitação específica para interpretação de línguas modernas, a criação de espaços para sua prática e a estruturação de novos currículos em meio a cortes de orçamento nas universidades, é preciso se pensar, no mínimo, em disciplinas de caráter introdutório sobre a interpretação de línguas orais, que pudessem conduzir estudantes/futuros pesquisadores à programas de pós-graduação voltadas à área dos Estudos da Interpretação.

À primeira vista, ambas profissões, tradutor e intérprete, parecem ser equivalentes e, por isso, justificar-se-ia a falta de um curso ou disciplina exclusiva à prática e história da interpretação de línguas orais no currículo de bacharéis em Letras ou que a distinção de ambas profissões não se faz necessária no contexto acadêmico. Tal visão se baseia na ideia de que a função do intérprete nasce da mesma fonte da dos tradutores, visto que ambos profissionais partilham da propriedade de criar efeitos de sentido de uma língua em outra, como define Sobral (2008):

“Como as línguas são diferentes, já que têm seus próprios modos de expressão, mas não são tão diferentes que nada tenham em comum, a tradução/interpretação cria numa língua efeitos de sentido semelhantes aos de outras línguas.” (SOBRAL, 2008, p. 82).

Partindo dessa definição de Sobral, vê-se que tanto a tradução quanto interpretação são atividades com objetivos e funções semelhantes: ambas buscam gerar efeitos de sentido semelhantes entre uma língua de partida e uma de chegada, sendo o tradutor ou o intérprete um mediador dessa interação, que passa por outros muitos agentes para completar sentidos (leitores, editores, revisores, o contexto cultural da tradução/interpretação, entre outros). Contudo, em uma perspectiva cognitiva, a introdução e a tradução se diferenciam, pois “distintos processos cognitivos estão envolvidos durante a realização dessas tarefas” (CAVALLO e POMPEU, 2019). Em seu núcleo, as tarefas acessam e ativam processos cognitivos distintos nos sujeitos pela diferença operacional entre a oralidade e a escrita, que, segundo Pagura (2015, p. 183), necessitam de formações específicas que cubram a unicidade de cada função (tradução e interpretação). Processamentos cognitivos distintos levam a criação de modelos e estratégias específicos para cada campo, ou seja, geram *modi operandi* diferentes entre tradução e a interpretação. Se o tradutor deve se preocupar com fatores inerentes ao texto além da produção de significados semelhantes entre duas línguas (tradução), como sua forma, diagramação e até adaptação aos gêneros textuais; o intérprete por sua vez irá lidar com problemas do nível da oralidade, como ritmo, esforço das memórias de curto e longo prazo além, é claro, da interpretação. Assim, intérpretes, embora já estejam acostumados com a transferência oral de conteúdo de uma língua de partida para uma de chegada, precisam estudar além para traduzirem textos escritos. Da mesma forma, tradutores, a fim

de tornarem-se intérpretes, necessitam estudar os processos de interpretação antes de adentrarem as cabines de tradução simultânea ou atuarem em quaisquer outros módulos de interpretação de línguas orais.

Pensando no mercado de trabalho para formados em Letras e, como estressado anteriormente, o fato de que há possibilidade de atuação desses profissionais como intérprete de línguas orais, é interessante que os currículos de bacharelado voltem a abraçar a interpretação, mesmo que minimamente. Disciplinas introdutórias à prática e teoria da interpretação de línguas orais já ajudam estudantes e a comunidade acadêmica a enxergarem os Estudos da Interpretação como linha de pesquisa e campo de atuação; também, dá espaço na universidade para essa área, que, assim como as outras, se beneficiaria do contexto acadêmico, que une a educação/formação à pesquisa. Devido as dificuldades operacionais atestadas pelas universidades brasileiras e a complexidade da tarefa da interpretação, também se encoraja que essas linhas de pesquisa da interpretação sigam na pós-graduação para formação de intérpretes. Porém, para que o aluno de Letras chegue até lá, é preciso apresentar sua introdução no currículo do bacharelado. Assim, com a distinção das áreas e dado o enfoque necessário a cada uma delas, podemos estudar mais produtivamente tanto a tradução quanto a interpretação, especialmente a área de Estudos da Interpretação, que ainda possui pouco espaço e pesquisas voltadas para si no Brasil.

A baixa produção de trabalhos sobre os Estudos da Interpretação no Brasil, mas sobretudo no Rio Grande do Sul, se reflete na pouca quantidade de artigos, monografias, dissertações, teses e livros encontrados sobre a área em português. Até o presente momento da produção deste trabalho, o único Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) disponível no LUME UFRGS que aborda interpretação simultânea<sup>1</sup> ou qualquer outro módulo de interpretação de línguas orais como tema central foi escrito por Rebeca Inke Lima em 2016, intitulado “Táticas de Interpretação Simultânea na cerimônia de entrega do Oscar”. No contexto da UFRGS, o TCC de Inke é pioneiro a nível da graduação. Nele

---

<sup>1</sup> Interpretação simultânea é aquela em que o discurso de partida (DP) ou, por exemplo, discurso do palestrante é ouvido, processado e interpretado pelo intérprete ao mesmo tempo (na medida do possível, contando que sempre há, ao menos, de 2 a 3s de delay por limitações da cognição humana). “A interpretação simultânea [...] é constituída por quatro fases: a recepção da mensagem em língua de partida, sua elaboração, reelaboração (as últimas duas chamadas também de decodificação e redcodificação) e sua produção em língua de chegada, sendo, portanto, ‘o resultado da compenetração de diferentes atividades e processos cognitivos’” (CAVALLO, 2015). No glossário produzido pela tradução comentada do presente Trabalho de Conclusão de Curso há uma entrada sobre o tópico (ver ‘interpretação simultânea’ no glossário).

a autora analisa as táticas (estratégias) utilizadas por intérpretes na interpretação simultânea televisionada de cerimônias do Oscar inglês/português. Um dos autores que Lima cita em suas referências é Franz Pöchhacker (2007), que produziu um dos materiais mais importantes utilizados em cursos de formação de intérpretes ao redor do mundo: *Introducing Interpreting Studies* (2016), considerado “um livro essencial a todos os estudantes e pesquisadores dos Estudos da Interpretação”<sup>2</sup> (PÖCHHACKER, 2016, p. 1, trad. nossa). Nesse livro, Pöchhacker apresenta o que é interpretação, quais são seus domínios específicos, sua evolução, consolidação e outros tópicos importantes à compreensão da área dos Estudos da Interpretação, que podem interessar a pesquisadores, professores e estudantes do bacharelado em Letras. Contudo, esse livro nunca foi traduzido para português brasileiro ou europeu.

Uma vez observada a necessidade de materiais sobre interpretação e sobre os Estudos da Interpretação em português, e, assim como a urgência desses para melhor formação de futuros tradutores e intérpretes e para o avanço da área no Brasil, decidi combinar o que havia me aprofundado na faculdade (tradução de textos) com minha fascinação e admiração pela área da interpretação, tendo já trabalhado eu própria como intérprete em eventos, e traduzir um capítulo de *Introducing Interpreting Studies* (2016). Para a seleção do capítulo do livro, me ative à necessidade primordial de se estabelecer uma distinção entre os controles e processos cognitivos ativados por tradutores e intérpretes ao público brasileiro, pois estes ajudam a explicar por que ambos profissionais utilizam *modi operandi* diferentes e por que ambas áreas, interpretação e tradução, se beneficiam mais ao serem estudadas individualmente. Por isso, decidi traduzir o capítulo intitulado “Processos Cognitivos” (*Cognitive Processes*), que abrange as páginas 114 a 130. Esse capítulo exemplifica e explica as operações cognitivas centrais específicas de intérpretes e demonstra o quão diferente são das utilizadas na tradução de textos. Espero que, ao traduzir um material tão importante para área de Estudos da Interpretação quanto esse, eu possa contribuir para uma melhor formação de estudantes de tradução e interpretação e para o avanço da pesquisa sobre a interpretação de línguas orais no Brasil.

A fim de enriquecer ainda mais a tradução proposta por esse trabalho, optei por produzir uma tradução comentada, que é a acrescida de notas de rodapé com explicações,

---

<sup>2</sup> Do original: “Introducing Interpreting Studies has been for the past 12 years the canon for interpreting studies, providing a comprehensive and insightful description of all types of interpreting” (PÖCHHACKER, 2016, p. 1)

referências e notas de tradução, e produzir um glossário de termos técnicos da área da interpretação. Segundo Karas (2007), as traduções comentadas são a forma mais explícita de deixar o tradutor visível em um texto. Essa visibilidade pode ser obtida através da produção de comentários tradutórios, notas de tradução e adição de quaisquer paratextos<sup>3</sup> que o tradutor considere necessário à tradução, como prefácios, posfácios, glossários, etc. Acredito que a tradução comentada seja a forma mais produtiva de trazer *Introducing Interpreting Studies* para o português, pois esse tipo de tradução me permite, como tradutora, explicitar informações implícitas aos leitores do texto de partida (TP), mas que são desconhecidos pelos do leitor de chegada. Buscando, assim, melhorar a inserção do texto de partida no contexto brasileiro e a compreensão dos conceitos da interpretação por parte do público-alvo, que pouco leu sobre o tema em português e que precisa de maiores adições de conteúdo para compreender o capítulo selecionado. Além disso, a adição de comentários é mais uma ferramenta para lidar com os problemas tradutórios do texto de chegada (TC), que podem ser expandidos para além do texto base (notas de rodapé, glossário, etc.). Os comentários, notas e referências foram inseridos como notas de rodapé no documento da tradução. As notas de rodapé de natureza exclusivamente tradutória possuem um ‘N.T.’ no início para marcar que se tratam de comentários de tradução; as notas explicativas aparecem sem indicadores; por fim, as notas explicativas expandidas recebem a adição da informação “(ver ‘xxxx’ no glossário)”, que guiam o leitor até o glossário.

A adição do glossário de termos técnicos da área da interpretação também advém da possibilidade de acrescentar elementos extras ao texto (paratextos) no processo da tradução comentada. O glossário é categorizado como um paratexto e aqui serve para ajudar o público-alvo a melhor entender um número significativo de termos técnicos da área da interpretação que aparecem no texto e entender melhor a complexidade e história rica dessa área.

---

<sup>3</sup> Entende-se aqui paratextos sob a definição de Genette (2009), que os descreve como elementos extras agregados a um texto, como as notas de rodapé, o nome do autor, as ilustrações, um prefácio, etc., que são utilizados para aproximar o texto do público-alvo. “Genette considera paratextos elementos essenciais e que se combinam ao texto principal, ou seja, são acompanhamentos nos quais esse texto se apoia, resultando em uma obra literária mais completa. O autor classifica esses elementos em dois grandes grupos, quais sejam, peritextos e epitextos.” (CARRION, 2019, p.18)



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será apresentada uma revisão de literatura da área dos Estudos da Interpretação no Brasil, que analisa como ela tem sido explorada em dissertações, artigos publicados, monografias, etc., e como o presente trabalho se encaixa nesse contexto; o material de apoio utilizado para guiar as decisões tradutórias, a criação de notas de rodapé e comentários no texto de partida; e, finalmente, a fundação teórica da construção do glossário de termos técnicos da área da interpretação em português.

A tradução de termos técnicos de qualquer área, seja da Medicina, seja da Física, etc., demanda trabalho de pesquisa intenso. A tradução de termos técnicos que há muito tempo estão estabelecidos em língua inglesa e que faz pouco ou até, em alguns casos, nunca foram traduzidos para o português, todavia, se torna uma tarefa ainda mais complexa. Uma vez confrontada com termos técnicos da área da interpretação, havia três estratégias tradutórias que poderia seguir: traduzir os termos técnicos da área da interpretação integralmente para o português com adição de comentários e explicações; traduzir os termos para o português sem adição de comentários e explicações (esperando que o leitor busque essas informações em outra fonte); ou manter os termos em inglês (traduzindo, assim, apenas o resto do texto). Contudo, essas duas últimas estratégias são contrárias ao objetivo primordial desta tradução, que pretende disponibilizar em língua portuguesa um material que está até o presente momento somente em inglês, para torná-lo acessível ao público brasileiro. O leitor de língua portuguesa possui poucos materiais nessa língua para sanar dúvidas sobre o texto, logo, caberia a mim, que busco disponibilizar a tradução do material, dar essas explicações aqui em português. Dessa forma, ajudando a compreensão dos leitores e contribuindo para o futuro desenvolvimento do campo dos Estudos da Interpretação no Brasil, mais independente do inglês e mais ativo em sua própria língua materna.

Branca Vianna (2015, apud SILVA, 2019, p. 17) menciona a escassez de cursos para formação de intérpretes no Brasil, sendo esses ainda menos presente na esfera acadêmica: a nível de pós-graduação e bacharelado. Segundo Vianna, “o mercado sul-americano, de forma geral, como não tendo tradição de formação em interpretação, com implicações para a pesquisa na área” (VIANNA, 2015, apud SILVA, 2019, p. 17). A

educação e a profissionalização unem-se a pesquisa somente dentro das universidades; a migração da formação de intérpretes para fora do ambiente acadêmico acarretou, com o passar dos anos, nessa “não tradição” do mercado sul-americano, que se inclui o brasileiro, na pesquisa na área dos Estudos da Interpretação.

Neste contexto, embora seja uma das opções entre outras sobre como lidar com estrangeirismos e empréstimos do inglês na tradução, optei por traduzir (na medida do possível) os termos técnicos para o português. De acordo com Aixelá (2009, p. 83), existem duas abordagens principais para se lidar com termos técnicos: a descritivista, na qual tradutores ‘adaptam’ (domesticam) o texto para uso dos leitores; e a prescritivista, na qual tradutores priorizam o “respeito absoluto” aos padrões do TP, mesmo que, muitas vezes, seja “nadar contra a maré”. Entre essas, a partir de minha visão enquanto tradutora e analisando o contexto brasileiro dos Estudos da Interpretação, me identifiquei mais com a linha de pensamento descritivista em relação a tradução de termos técnicos. Como diz Vianna, a escassez da área no Brasil promove um “campo aberto, inexplorado” para futuras pesquisas e trabalhos. É nesse “campo aberto” que acredito que há espaço para tentar trazer termos para o português, constituindo uma base mais sólida sobre interpretação sem a necessidade de recorrer sempre ao inglês. Como discute Vianna (2015, apud ARAUJO, 2017) sobre a publicação de artigos sobre a área em português:

Esses dados [estudos na área dos Estudos da Interpretação], por enquanto soltos e coletados, em alguns casos, sem muito rigor acadêmico, começam a criar um princípio de identidade profissional, em torno da qual o grupo se torna potencialmente mais coeso e mais forte. (VIANNA, 2015, p. 3 apud ARAUJO, 2017, p. 55).

Desta maneira, espera-se possibilitar que público-alvo possa criar uma identidade para com a área dos Estudos da Interpretação, que, ao invés de acessá-la apenas como material estrangeiro, passará a se reconhecer no material por estar disponível em sua língua materna e, conseqüentemente, buscar contribuir para futura produção de pesquisas brasileiras na área de Estudos da Interpretação inteiramente em português.

## 2.1 AVALIAÇÃO DOS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, como afirma Silva (2019, p. 17), a “profissão de intérprete começa a se organizar nas décadas de 1940 e 1950, com os primeiros congressos internacionais de maior envergadura”. Contudo, a fundação dos primeiros cursos de intérpretes se deu apenas no final da década de 60 e o início da década de 70. Como dito anteriormente, é nos anos 70 também que a UFRGS, mais especificamente em 1977, adiciona a habilitação “Tradutor e Intérprete” ao seu currículo de bacharelado em Letras. Contudo, a área passou por um processo de realocação das universidades para cursos privados, que, por consequência, ajudou na diminuição da produção acadêmica na área dos Estudos da Interpretação.

Desde 2010, como apresenta Araujo (2017, p. 55), os Estudos da Interpretação voltaram a ter mais força e pesquisas divulgadas, mas essas ainda são poucas quando comparadas a produção nessa área em outros países com maior tradição nas pesquisas da interpretação, como a França. Nesse contexto, Cavallo e Reuillard (2016) analisam em sua revisão de literatura as dissertações, teses e artigos publicados no Brasil sobre a interpretação de línguas orais e, conseqüentemente, os Estudos da Interpretação no período entre 2006 e 2015. Os números observados pela revisão de literatura dessas autoras comprovam a produção incipiente apontada por Pagura (2010)<sup>4</sup>. De 2006 até 2010, apenas três dissertações e teses foram publicadas sobre o tópico da interpretação no Brasil: (1) uma dissertação sobre o meio de trabalho de intérpretes; (2) uma tese sobre interpretação judicial; (3) uma tese sobre formação de intérpretes de conferência, todos produzidos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). De 2011 até 2015, sete dissertações e teses foram publicadas sobre interpretação: seis dissertações sobre diferentes módulos de interpretação (consecutiva, médica, simultânea e comunitária) e uma tese sobre formação de intérpretes de conferências. Embora o volume de trabalhos não seja tão intenso nesse período de quatro anos, podemos perceber um aumento de interesse na área pela comunidade acadêmica devido ao aumento de teses e dissertações sobre a interpretação e que agora não advinham apenas da PUC-SP e PUC-Rio, mas também da USP, UFSC e UFRGS. No caso de Trabalhos de Conclusão (TCC), como dito

---

<sup>4</sup> “No Brasil, a área [dos Estudos da Interpretação] é ainda incipiente, tendo sido pouquíssimas as pesquisas divulgadas” (PAGURA, 2010, p. 13).

anteriormente, no contexto da UFRGS há apenas um TCC disponível no LUME UFRGS sobre interpretação simultânea, produzido por Rebeca Lima Inke em 2016, que analisou a interpretação simultânea de cerimônias do Oscar do inglês para o português.

Quanto a artigos em português publicados sobre a área da interpretação no período de 2006 a 2015, Cavallo e Reuillard (2016) encontraram apenas dezesseis. Entre as dissertações, teses e artigos analisados, apenas dois abordavam, pela primeira vez, o tópico da cognição junto à interpretação, Merode (2012) e Cavallo (2015). Entretanto, ambos trabalhos estudam os aspectos cognitivos de intérpretes em contraste com bilíngues sem formação específico. Não foi listado ou encontrado, por essa revisão de literatura, dissertações, teses ou artigos na literatura brasileira que abordam exclusivamente os aspectos cognitivos da interpretação sem a comparação com bilíngues ou um trabalho exclusivamente sobre a tradução comentada de aspectos cognitivos da interpretação, como é feito no presente Trabalho de Conclusão de Curso. Também, é preciso destacar que Cavallo e Reuillard (2016) observaram uma falta de uniformidade de foco nos estudos sobre interpretação, que apresentam diferentes tópicos como problemas éticos na interpretação, formação de intérpretes, etc. Isso demonstra como o campo dos Estudos da Interpretação e suas subáreas é vasto e imensamente rico, porém, também atesta a pouca consolidação da área no Brasil. Sendo uma revisão de literatura de 2016, claro, é preciso adicionar que os Estudos da Interpretação já evoluíram desde então. Nos anos de 2017 e 2018, os volumes 23 e 24 do periódico *Tradução em Revista* (PUC-Rio) foram totalmente dedicados à área, com 17 artigos (1 original, 1 tradução e 1 entrevista), como aponta Silva (2019).

A partir dos dados apresentados, então, podemos concluir que ainda há poucos trabalhos publicados no contexto acadêmico brasileiro sobre interpretação de línguas orais, especialmente sobre os aspectos cognitivos da interpretação, seja na modalidade consecutiva ou simultânea<sup>5</sup>. A diversidade do campo dos Estudos da Interpretação e sua multidisciplinaridade é comprovada pelos tópicos abordados em suas pesquisas, que variam desde a formação de intérpretes (fazendo intersecção com a Licenciatura), contexto da interpretação jurídica (intersecção com o Direito), até o papel do intérprete no meio artístico e social (fazendo intersecção com campos da Sociologia e das Artes), e

---

<sup>5</sup> Ambos modos de interpretação, simultâneo e consecutivo, aparecem como entradas do glossário.

mostra como o tópico da interpretação pode ser aprofundado por estudantes e pesquisadores da Letras e outras diversas áreas.

## **2.2 INTRODUCING INTERPRETING STUDIES**

Figura presente em todos os campos de atuação de intérpretes, Franz Pöchhacker é pesquisador da área dos Estudos da Interpretação, tradutor, intérprete (língua A<sup>6</sup>: Alemão, língua B: Inglês, língua C: Espanhol) e professor de interpretação na Universidade de Viena. Ele defende que intérpretes devem ir além das cabines de interpretação e entrar em contato com a pesquisa acadêmica na área de Estudos da Interpretação. Pöchhacker (2010) diz que intérpretes deveriam ser aqueles que pesquisam nas universidades a interpretação, pois a profissão, mesmo já consolidada, tem seu status ainda instável. Embora após os precedentes da Segunda Guerra Mundial e o Tribunal de Nuremberg<sup>7</sup> houvesse consenso internacional sobre a necessidade de a educação de intérpretes ocorrer em universidades, ao menos no Brasil atualmente há cada vez mais cursos voltados à formação de intérpretes fora de instituições acadêmicas. Alguns desses cursos são ofertados por empresas privadas que moldam o intérprete para seu próprio esquema de trabalho. Contudo, a formação no ambiente acadêmico se faz essencial, pois é apenas nele onde a pesquisa e o ensino andam de mãos dadas. Essa união da pesquisa e ensino permitiria que a profissão do intérprete evoluísse com a pesquisa e tivesse seu status mais valorizado.

Entre as contribuições acadêmicas de Pöchhacker para área da interpretação, contando com mais de cem artigos publicados sobre tópicos e assuntos ligados aos Estudos da Interpretação, é preciso destacar uma de suas três monografias, o livro selecionado para essa tradução comentada: *Introducing Interpreting Studies*, publicado primeiramente em 2004 e reeditado em 2016. Segundo Sandra Hale, professora da Universidade New South Wales, “*Introducing Interpreting Studies* tem se consolidado

---

<sup>6</sup> As línguas A, B e C, segundo a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC), se referem às línguas de trabalho de intérpretes. A língua A é a língua nativa do intérprete ou qualquer outra língua em que ele possua fluência equivalente à nativa. Já a língua B é outra língua além da nativa do intérprete, a qual ele consegue controlar com proficiência, ou seja, traduz, interpreta e verte. Finalmente, a língua C é outra língua de trabalho geralmente adquirida após a B, mas na qual o intérprete também é proficiente.

<sup>7</sup> O tribunal ou julgamento de Nuremberg foi um evento muito importante para a interpretação simultânea e de conferências (ver “julgamento de Nuremberg” no glossário).

como um livro canônico para os Estudos da Interpretação nos últimos doze anos, provendo um guia completo para estudantes de tradução e interpretação e pesquisadores interessados na área”<sup>8</sup> (PÖCHHACKER, 2016). O livro é composto por três partes que abordam o passado, o presente e o futuro dos Estudos da Interpretação: (1) Fundação, onde os conceitos, a evolução, as abordagens e modelos de interpretação são apresentados; (2) Tópicos Seleccionados, onde a linguagem e memória, processos cognitivos (o capítulo selecionado), produção e efeito, discurso em interação, a profissão, tecnologia na interpretação e formação de intérpretes são apresentados; (3) por fim, Direções, onde as perspectivas, tendências e orientações para intérpretes profissionais são apresentadas.

Tabela 1 - Organização do capítulo “Processos Cognitivos”

TP	TC
<b>Cognitive Processes</b> <b>6.1 Comprehension</b> 6.1.1 Language Understanding 6.2.1 Knowledge-Based Processing <b>6.2 Production</b> 6.2.1 From Intention to Articulation 6.2.2 Hesitation and Correction 6.2.3 From Utterance to Interactive Discourse <b>6.3 Simultaneity</b> 6.3.1 Divided Attention 6.3.2 Pauses and Synchrony 6.3.3 Time Lag and Segmentation <b>6.4 Input Variables</b> 6.4.1 Sound and Vision 6.4.2 Accent and Intonation 6.4.3 Speed and Mode of Delivery 6.4.4 Source-Text Complexity <b>6.5 Strategies</b> 6.5.1 Norms, Strategies, Constrains 6.5.2 Coping with Structure: Timing, Restructuring and Anticipation 6.5.3 Communicating Content: Condensation and Adaptation	<b>Processos Cognitivos</b> <b>6.1 Compreensão</b> 6.1.1 Entendimento da Linguagem 6.2.1 Processamento Baseado em Conhecimentos Prévios <b>6.2 Produção</b> 6.2.1 Da Intenção à Articulação 6.2.2 Hesitação e Correção 6.2.3 Do Enunciado ao Discurso Interativo <b>6.3 Simultaneidade</b> 6.3.1 Atenção Dividida 6.3.2 Pausas e Sincronia 6.3.3 Delay e Segmentação <b>6.4 Variáveis de Input</b> 6.4.1 Som e Visão 6.4.2 Sotaque e Entonação 6.4.3 Velocidade e Modo de Delivery 6.4.4 Complexidade do Discurso de Partida <b>6.5 Estratégias</b> 6.5.1 Normas, Estratégias e Restrições 6.5.2 Enfrentar a Estrutura: Tempo, Reestruturação e Antecipação 6.5.3 Comunicar o Conteúdo: Condensação e Adaptação

Fonte: Tradução da autora (2021).

<sup>8</sup> Do original: “Introducing Interpreting Studies has been for the past 12 years the canon for interpreting studies, providing a comprehensive and insightful description of all types of interpreting” (PÖCHHACKER, 2016, p. 1) Essa crítica de Sandra Hale é apresentada na contra-capá do livro.

A Tabela 1 apresenta os títulos e subtítulos em inglês à esquerda (texto de partida) e os mesmos traduzidos por mim para o português à direita (texto de chegada), o capítulo é subdividido em cinco partes, as quais são subsegmentadas em quinze outras partes. O capítulo, que se estende das páginas 114 a 130 e abrange os pontos 6.1 a 6.5.3, discute tópicos relacionados ao controle cognitivo e características do processamento cognitivo de intérpretes através da apresentação de estudos da área dos Estudos da Interpretação. Essas definições e estudos explicitam o quão único é o *modus operandi* da interpretação e como ele se diferencia dos processos cognitivos de tradutores e bilíngues não-treinados<sup>9</sup>.

Ao traduzir para português um capítulo de um livro que é tão importante quanto *Introducing Interpreting Studies* para a área da interpretação, espero abrir novos caminhos de pesquisa para estudantes e pesquisadores da Letras, demonstrando quão rica é essa área, além de complementar na formação de futuros intérpretes e tradutores.

### 3 TRADUÇÃO COMENTADA

Após a identificação da lacuna de trabalhos na área de Estudos da Interpretação no Brasil, selecionado o livro para a tradução, *Introducing Interpreting Studies* (2016) e adquiridos os direitos de tradução e redistribuição, conforme explicado na seção 3.1 mais abaixo, optei não apenas por traduzir o texto integral do capítulo selecionado, mas realizar uma tradução comentada. Embora não possuam uma descrição e definição única de seus métodos e estilos, as traduções comentadas vêm ganhando mais espaço no contexto acadêmico tendo revistas acadêmicas com uma seção dedicada à publicação de traduções comentadas: *Caderno de Literatura em Tradução* (USP), *Cadernos de Tradução* (UFRGS) e a *Translatio* (UFRGS). Como Boisseau (2007, apud JANCZUR, 2015) descreve, comentários sempre estão presentes em traduções, sejam eles explícitos ou implícitos.

---

<sup>9</sup> Nos grupos de estudo em pesquisas sobre interpretação, frequentemente se separam intérpretes de bilíngues não-treinados. Nesse contexto, bilíngue não-treinado se refere a indivíduos que possuem conhecimento avançado em duas línguas, mas que não possuem formação, treino ou experiência profissional na área da interpretação ou tradução.

Em relação aos comentários explícitos, Boisseau diz que eles podem ser explicativos e aparecerem em forma de paratextos (prefácios, posfácios, notas de rodapé, glossários, etc.), esses que são “comentários autônomos sobre o texto original e/ou sua tradução, sobre o elo que os une apesar da diferença linguística” (BOISSEAU, 2007, p. 5, apud JANCZUR, 2015). Acredito que a tradução comentada seja a forma mais adequada para a trazer o material selecionado para o português por sua natureza explicativa; é a tradução que convida tradutores a adicionarem comentários explícitos anexados ao texto (em forma de paratextos) que possam cobrir lacunas de significado na passagem de conteúdo identificados. No meu caso, a tradução de um texto de língua com muito acesso à área de Estudos da Interpretação (inglês) para outra com poucos materiais e familiaridade para/com ela (português). Assim, ao acrescentar comentários tradutórios, explicativos e explicativos expandidos seguindo a visão descritivista de tradução de termos técnicos, se busca não apenas traduzir o texto, mas realmente torná-lo mais coeso e compreensível ao público-alvo. Como explica Aixelá (2009, p. 10) sobre a tradução de termos técnicos seguindo o modelo descritivista:

Os descritivistas acreditam que o papel de escritores técnicos, que incluem tradutores, não seja inteiramente pedagógico, mas comunicativo, que quando são forçados a escolher entre correção intrínseca da língua de chegada e eficácia comunicativa, o último é que deve prevalecer. Nesta conexão [descritivista], a ideia central é que a melhor comunicação técnica ou científica não consiste da escolha entre os melhores termos descontextualizados, mas da garantia da clareza e precisão da informação recebida pelo remetente (AIXELÁ, 2009, p. 10).<sup>10</sup>

No capítulo selecionado, por exemplo, aparecem nomes de modelos de interpretação já comuns aos leitores estrangeiros, mas não aos leitores brasileiros. Assim, ao explicitar sentidos que seriam ocultos aos leitores do texto de chegada, se promove o fenômeno da ‘explicitação’, que é “tornar explícito no TC o que é implícito no TP ou

---

<sup>10</sup> Do original: “They [descriptivists] believe that the role of technical writers, translators included, is not mainly pedagogical but communicative, that when forced to choose between intrinsic target language correction and communicative efficacy, the latter should dominate. in this connection, the central idea is that optimal technical or scientific communication does not consist of choosing the best decontextualised terms but of ensuring the clarity and precision of the information received by the addressee” (AIXELÁ, 2009, p. 10).



tornar mais explícito o que já é explícito no TP” (KRASKOWSKA, 2018)<sup>11</sup>. A partir desses conceitos, os comentários produzidos pela minha tradução comentada buscam surtir a garantia da clareza e precisão da informação recebida pelo remete (que irá compreender melhor o texto) através da explicitação de conceitos implícitos aos leitores do TP, mas que são ocultos aos leitores do TC. Com os comentários explicativos, explicativos expandidos e tradutórios, então, leitores do TC podem restituir significados mais completos que, sem eles, seriam mais nebulosos em uma tradução sem esses comentários.

De acordo com as diretrizes propostas por García (2007) para auxiliar o processo de decisão de tradutores sobre o que deve ser tornado em comentários em traduções comentadas:

Nessa ideia de comentário, como proposto por vários pesquisadores, deve-se enfatizar que expressar decisões tradutórias na escrita também implica avaliar a interação do conhecimento declarativo com conhecimento processual na tradução de um texto específico especializado. Verbalizar apenas o conhecimento declarativo em comentário [ex. conhecimento teórico sobre tradução] não provê em si só soluções estratégicas melhores. [...] O profissionalismo implica a habilidade de racionalizar os processos de tomada de decisão do indivíduo de maneira objetiva. (GARCÍA, 2007, p. 139-163, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Assim, quando condensa o conhecimento declarativo (científico, teórico, estático) com o conhecimento processual (internalizado, na prática, em evolução), a tradução comentada permite que o tradutor não apenas expresse sua individualidade no texto, pontuando suas decisões tradutórias, mas também permite que utilize referências e materiais de apoio, seja em comentários, seja em notas, sejam paratextos, para suprir possíveis lacunas de significados. Para orientar estudantes de tradução e tradutores

---

<sup>11</sup> Do original: “Finally, *explicitation* is transformation which consists of making explicit in the target text what is implicit in the source text or of making even more explicit what is already explicit in the source text.” (KRASKOWSKA, 2018, p. 75).

<sup>12</sup> Do original: “Taking as our starting point this idea of commentary as it has been posited by several scholars, it should be emphasised that expressing translation decisions in writing also implies evaluating the interaction of declarative knowledge with procedural knowledge in the translation of a specific specialised text. Verbalising only declarative knowledge in a commentary, i.e. verbalising theoretical knowledge about translation, does not in and of itself ensure better strategic solutions. [...] Professionalism implies the ability to rationalize one's decision-making processes in an objective manner” (GARCÍA, 2007, p. 139-163).

formados, García (2007) lista dezenove pontos para ajudar a formular comentários em uma tradução, que passam de problemas do nível do conteúdo (lexicais, sintáticos e pragmáticos), aos culturais (diferenças ideológicas ou advindos de diferentes contextos), até editoriais (correção de erros de digitação, adaptações exigidas por clientes de tradução, estruturais para se adaptar a certo documento), etc. As dezenove orientações de García são apresentadas na tabela abaixo, com seus originais à esquerda e minha tradução dos mesmos à direita:

Tabela 2 - Os guias de García (2007) para produção de comentários

TP	TC
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. On the basis of translation instructions of the commission (translation norms, textual norms, etc.);</li> <li>2. On the basis of the macro-purpose sought with the TT (possible differences with respect to the macro-purpose of the ST);</li> <li>3. On the basis of ideological, cultural and informative considerations and/or differences between the receptors of the TT and the ST;</li> <li>4. On the basis of the textual conventions of the TT (norms according to its typology, what it allows and what it doesn't, differences with those of the ST, etc.);</li> <li>5. Possible defects in the ST;</li> <li>6. Date and place of TT publication (possible temporal/situational differences with the ST if applicable);</li> <li>7. Possible problems in expression and any other types of problems bound up with the intentionality of the TT, and possible differences in relation to the intentions of the ST (persuasive, informative, directive, instructive, expressive);</li> <li>8. Possible issues, differences and changes in the textual structure of the TT in relation to the ST (topic-centred, main act-centred, mixed structure, etc.);</li> <li>9. Possible issues and differences between the text acts and speech acts of both texts (according to the maxims and conventions established by each culture);</li> <li>10. Possible similarities and differences between the functional relations of utterances in both texts (including possible omissions, extensions, paraphrase, etc., and problems related to</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Considerações das instruções da comissão (normas textuais, da tradução, etc.);</li> <li>2. Considerações do macro-propósito almejado pelo TC (possíveis diferenças com respeito ao macro-propósito do TP);</li> <li>3. Considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada;</li> <li>4. Considerações das convenções textuais do TC (normas de acordo com sua tipologia, o que elas permitem e não permitem, diferenças dessas com as do TP, etc.);</li> <li>5. Possíveis defeitos no TP;</li> <li>6. Data e local da publicação do TC (possíveis diferenças situacionais/temporais com o TP);</li> <li>7. Possíveis problemas em expressões e quaisquer outros problemas ligados a intencionalidade do TC; também possíveis diferenças em relação às intenções do TP (persuasivo, informativo, direcional, instrutivo e expressivo);</li> <li>8. Possíveis problemas, diferenças e mudanças nas estruturas textuais do TC em relação ao TP (centrada em tópico, centrada em ato, estrutura mista, etc.);</li> <li>9. Possíveis diferenças e/ou problemas entre os atos do texto e fala do TP/TC (de acordo com as máximas e as convenções estabelecidas por cada cultura);</li> <li>10. Possíveis semelhanças ou diferenças entre as relações funcionais do discurso em ambos textos (omissões, paráfrases, extensões, etc., e problemas relacionados</li> </ol>

<p>the specific degree of explication and implication necessary to express the informativity of the TT, keeping in mind the principles of economy and relevance);</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>11. Lexical and terminological issues and problems: pragmatic-cognitive conceptual similarities and differences between both communicative situations and based on the differences between receptors (exotisation, domestication; prototype semantics; metaphoric, metonymic and image-schematic mappings; scripts; lexical categories according to the translation instructions, etc.);</li> <li>12. Stylistic issues and problems in the TT (linguistic register, jargon, problems related to field, mode and tone/tenor, etc.);</li> <li>13. Issues and problems with cohesion in the TT: problems with collocations, punctuation, suprasegmental features, referential relations of form and meaning between sentences, theme-rheme structure, etc.;</li> <li>14. Commentary on photos or other non-verbal elements, photo captions and typographical elements in the TT (possible differences with those of the ST);</li> <li>15. Possible issues or problems in consulting dictionaries, encyclopedias, parallel texts, databases, informants, etc.;</li> <li>16. Possible negotiations with the translation client and other determining factors in the process;</li> <li>17. Problems with the time allotted for completing the translation;</li> <li>18. Other considerations you deem relevant (e.g. arguments based on declarative knowledge: translation studies, interdisciplinary theories, etc.);</li> <li>19. If you deem it necessary, support your translation on the basis of the similarities and differences between both texts using Beaugrande &amp; Dressler's seven textuality criteria (1981): situationality, intentionality, acceptability, intertextuality, informativity, coherence and cohesion.;</li> </ol>	<p>ao grau específico da explicação e implicação necessária do nível de informação do texto de chegada);</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>11. Problemas lexicais e terminológicos: diferenças e semelhanças pragmático-cognitivas entre situações comunicativas e baseadas na diferença entre receptores (exotização, domesticação, semântica, etc.);</li> <li>12. Problemas estilísticos no TC (registro linguístico, jargão, problemas relacionados ao campo de estudo, modo/tom, etc.);</li> <li>13. Problemas com a coesão no TC: problemas com colocações, pontuação, relações referenciais, de sentido ou de forma, etc.);</li> <li>14. Comentários em fotos ou outros elementos não-verbais, como legenda de fotos e elementos tipográficos no TC (possíveis diferenças desses com o TP);</li> <li>15. Possíveis problemas na consulta de materiais (enciclopédias, dicionários, textos paralelos, etc.);</li> <li>16. Possíveis negociações com os clientes da tradução e outros fatores determinantes no processo;</li> <li>17. Problemas com o tempo imposto para completar a tradução;</li> <li>18. Outras considerações que considere relevantes (ex. argumentos baseados em conhecimentos declarativos: Estudos da Tradução, Interdisciplinaridade, etc.);</li> <li>19. Se considerar necessário, dê suporte teórico sobre as semelhanças/diferenças entre os dois textos seguindo os 7 critérios textuais de Beaugrande &amp; Dressler (1981): situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade, coerência e coesão.</li> </ol>
--	---

Desses dezenove pontos, apenas quatro descreviam satisfatoriamente os problemas que influenciaram meu processo de produção de comentários; foram esses os pontos: (3) considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada<sup>13</sup>; (10) possíveis semelhanças ou diferenças entre as relações funcionais do discurso em ambos textos (omissões, paráfrases, extensões, etc., e problemas relacionados ao grau específico da explicação e implicação necessária do nível de informação do texto de chegada)<sup>14</sup>; (11) problemas lexicais e terminológicos: diferenças e semelhanças pragmático-cognitivas entre situações comunicativas e baseadas na diferença entre receptores (exotização, domesticação, semântica, etc.)<sup>15</sup>; (18) outras considerações que [o tradutor] considera relevantes (ex. argumentos baseados em conhecimentos declarativos: Estudos da Tradução, Interdisciplinaridade, etc.)<sup>16</sup>. A relação entre os pontos selecionados de García e meus comentários é discutido mais além no ponto 3.3 (“Produção de Comentários”) desse TCC.

Além do guia de García, outros três livros foram utilizados como suporte para produzir comentários explicativos e explicativos expandidos na tradução, são eles: *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* (2015); *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training: Revised Edition* (2009); e o próprio *Introducing Interpreting Studies* (2016). Esses livros, embora estejam em inglês, foram selecionados como materiais de apoio para essa tradução por conterem glossários completos de termos técnicos da área da interpretação, além de análises e descrições satisfatórias sobre os Estudos da Interpretação. A enciclopédia *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies*, também editada por Pöchhacker, é a que continha maiores explicações sobre a história da interpretação, sobre paradigmas e teorias da área, etc., que eu considero indispensáveis para compreensão do que é a interpretação. Pela alta qualidade de seu conteúdo e

---

<sup>13</sup> Do original: “on the basis of ideological, cultural and informative considerations and/or differences between the receptors of the TT and the ST” (GARCÍA, 2007, p. 139-163).

<sup>14</sup> Do original: “possible similarities and differences between the functional relations of utterances in both texts (including possible omissions, extensions, paraphrase, etc., and problems related to the specific degree of explication and implication necessary to express the informativity of the TT, keeping in mind the principles of economy and relevance)” (GARCÍA, 2007, p. 139-163).

<sup>15</sup> Do original: “lexical and terminological issues and problems: pragmatic-cognitive conceptual similarities and differences between both communicative situations and based on the differences between receptors (exotisation, domestication; prototype semantics; metaphoric, metonymic and image-schematic mappings; scripts; lexical categories according to the translation instructions, etc.)” (GARCÍA, 2007, p. 139-163).

<sup>16</sup> Do original: “other considerations you deem relevant (e.g. arguments based on declarative knowledge: translation studies, interdisciplinary theories, etc.)” (GARCÍA, 2007, p. 139-163).

explicações completas, ela acabou sendo a maior influenciadora para criação de notas, seja na tradução, seja no glossário. Além desses, foram utilizados os artigos de Reynaldo Pagura, um grande expoente na área de Estudos da Interpretação no Brasil, com destaque a Pagura (2003), Pagura (2012) e Pagura (2015), para conferir como os termos técnicos da interpretação eram descritos em português e, caso fosse, como eram referenciados.

### 3.1 GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS DA INTERPRETAÇÃO

Para melhor explicar a função de um glossário de termos técnicos é necessário se apoiar nas definições advindas da área da Terminologia e Lexicografia sobre esse tipo de paratexto. Como Camargo e Hasmann (2013, p. 166) afirmam “o tradutor que lida com áreas de especialidade, inevitavelmente, lida com a terminologia do campo escolhido”. Ou seja, ao lidar com a área da interpretação, inevitavelmente, é preciso lidar com os termos técnicos dessa área. Então, minha estratégia foi traduzir os termos e, quando identifiquei ser necessário, explicitando seus sentidos, e adicioná-los ao glossário, tendo em mente a definição de Bevilacqua e Finatto (2006) que diz:

A elaboração de um dicionário ou glossário de termos, por exemplo, de Culinária ou de Direito Ambiental, pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico”, em uma área de saber específica. Mas também pode ser visto como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada. (BEVILACQUA e FINATTO, 2006, p. 48)

Partindo dessa definição, vemos que um glossário de termos técnicos ajuda a sanar possíveis dúvidas de leitores sobre o conteúdo específico de certa área. Contudo, diferente de dicionários, glossários de termos técnicos apenas englobam verbetes de áreas específicas, neste caso, termos que tangem à área dos Estudos da Interpretação. Contudo, às vezes sua detecção pode ser difícil e a compreensão de seus significados prejudicados, visto que certos termos técnicos podem apresentar mais de um significado dependendo do contexto em que estão sendo utilizados. Por exemplo, o termo técnico *product-oriented* (orientado por produto) na área da interpretação se refere a uma estratégia, porém

na área do Marketing ele se refere a formas de produzir materiais focados na qualidade ao invés da necessidade do público-alvo. Como afirma Tuxi (2017, apud VALE, 2018), o contexto da utilização de termos é dependente do contexto em que são inseridos; assim, segundo o autor, termos técnicos podem ser definidos como:

[...] Termo é, além de uma unidade linguística, uma unidade cognitiva, uma unidade de conhecimento, já que está ligada a um conceito científico. É também uma unidade de comunicação, já que esses termos são utilizados dentro de uma linguagem específica. Em comunicações especializadas entre aqueles que compartilham o mesmo saber, e que se identificam enquanto especialistas da mesma área por compartilharem uma linguagem de especialidades cuja unidade é o termo (TUXI, 2017, p.27 apud VALE, p. 22, 2018).

Os livros selecionados como apoio da tradução e produção de comentários ajudaram a identificar quais palavras eram termos técnicos da área da interpretação e o que eles significam para a ela. Em adição a descrição de Tuxi, Bevilacqua e Finatto (2006) descrever termos técnicos como “padrões textuais, fraseologias (conforme a concepção de BEVILACQUA, 2004), expressões cristalizadas, combinatórias frequentes ou específicas” (BEVILACQUA e FINATTO, 2006, p. 48).

Glossários, assim como dicionários, são divididos em duas partes: macroestrutura e microestrutura. Segundo Frubel (2006, p. 62, apud ALBANO, 2009), a macroestrutura é composta pela organização geral (ex. se os verbetes irão ser colocados em ordem alfabética ou não) e a microestrutura é a organização de informações dentro de um verbete (ex. título, informações sobre a natureza gramatical do verbete, etc.). Em relação à macroestrutura, decidi manter os termos técnicos em ordem alfabética ao invés de separá-los por campo conceitual ou família de palavras, pois essa separação ainda não faz sentido para leitores que estão tendo contato com muitos dos termos técnicos da interpretação pela primeira vez. Já a microestrutura foi construída em três partes: (1) um título, negrito, que apresenta o nome do termo; (2) a definição do termo em português, que são, em sua maioria, traduções minhas das entradas correspondentes presentes na enciclopédia da Routledge, que estão asseguradas pelos direitos autorais do CCC; (3) a referência, marcada sempre pelo título de mesmo nome (Referência), que deixa transparente aos leitores de onde advêm tais descrições, se são traduções ou não, etc. Acredito que esse estilo de construção de verbete seja completo para explicar aos leitores

de língua portuguesa o significado dos termos técnicos apresentados e também apontar o processo de onde foram adquiridas as informações.

Devido às restrições de tempo e tamanho do presente TCC, a macroestrutura do glossário anexado à tradução não consegue abranger todos os termos técnicos da área dos Estudos da Interpretação, mas sim apenas aqueles citados no capítulo “Processos Cognitivos” e que são relevantes à leitura da tradução. Ao todo, foram adicionados 27 verbetes ao glossário, são eles: Compreensão; Delay; Desverbalização; Estratégias; Inferência; Interferência; Interpretação; Interpretação Automática; Interpretação Consecutiva; Interpretação de Conferências; Interpretação Simultânea; Julgamento de Nuremberg; Legendagem ao vivo; Língua A (B/C); Língua Franca; Linguagem Corporal; Memória de Trabalho; Omissão; Paradigma DI; Paradigma PC; Paradigma TI; *Shadowing*; Teoria da Relevância; Teste de Cloze; Tomada de Notas; Tradução à vista; e Turnos de Fala. Suas definições, como dito anteriormente, são, em sua maioria, traduções condensadas e mais objetivas de entradas do livro de apoio *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies*. O item (3) da microestrutura sempre deixa claro ao leitor de onde foi retirada a informação, se ela é uma tradução adaptada. Essa mesma informação é reforçada no Comentário Introdutório (“Introdução”), que se encontra na primeira página da tradução comentada. Assim, é transparente o processo de construção de descrições para os leitores

## **3.2 METODOLOGIA**

Nesta seção será apresentada a metodologia empregada na produção da tradução comentada, que, em seus processos, passa pela aquisição de direitos autorais, a definição do público-alvo, a estruturação e organização da tradução.

### **3.2.1 DIREITOS AUTORAIS**

Pelo seu tempo de publicação, a obra selecionada não está em domínio público e seus direitos autorais estão assegurados pela editora Routledge. Portanto, a fim de seguir com minha tradução, o primeiro passo a seguir foi garantir o direito de redistribuição da

obra em um trabalho acadêmico com adição de uma tradução (nesse caso, desenvolvida por mim). No site da editora Routledge, localizadas na seção *Permissions for Books & Journals*, encontram-se duas diretrizes para aquisição de direitos autorais de utilização em trabalhos acadêmicos. Optei pela opção A, que conduz a negociação de direitos através da plataforma *Copyright Clearance Center* (CCC). Assim, através dessa plataforma, adquirei os direitos de utilização do texto das páginas 114-130.

Além dessas páginas, também foram adquiridos pela mesma plataforma os direitos para tradução e publicação de 27 verbetes da enciclopédia da Routledge, que correspondiam aos termos técnicos identificados na tradução comentada, depois alocados no meu glossário como verbetes. Do *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* foram adquiridos os direitos de tradução e republicação em trabalho acadêmico o direito das páginas 36 a 38, 55, 70 a 74, 78 a 79, 84 a 87, 194 a 195, 189 a 191, 198 a 200, 235, 239 a 242, 283 a 285, 288, 289 a 291, 350 a 351, 371 a 373, 374 a 375, 382 a 385, 402 a 405, 418 a 420, e 443 a 445. Dentre os referenciais teóricos do meu trabalho, esse continha maiores explicações sobre a história da interpretação, paradigmas e teorias da área, etc., que considero indispensáveis para compreensão do que é a interpretação e a apresentação da área dos Estudos da Interpretação. Contudo, embora boa parte do conteúdo das entradas do glossário seja uma tradução de entradas da enciclopédia, sua versão em português é bem mais resumida e adaptada do que o texto de partida. Referências que são apresentadas nas entradas em inglês, por exemplo, foram suprimidas da minha tradução/glossário, pois, além de recortar o que era mais importante para a definição do termo, não compensaria o trabalho de reprodução das referências ao final da tradução ou do Trabalho de Conclusão de Curso; são referências trazidas pelos autores em questão, não por mim. Ademais, as entradas originais da enciclopédia, geralmente, eram demasiadamente longas e certos pontos necessitavam de maiores explicações, por isso, foram resumidas e modificadas.

Desta forma, então, além de produzir o presente Trabalho de Conclusão de Curso e comentar seus processos, tenho os direitos autorais de redistribuição e tradução do texto das porções/páginas selecionadas mencionadas dos livros *Introducing Interpreting Studies* e *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies*, o que me permite, então, anexar ao final deste arquivo minha tradução, que engloba o texto base (de partida e de chegada), os comentários e o glossário, para visualização do público.



### 3.2.2 DEFININDO O PÚBLICO-ALVO DA TRADUÇÃO COMENTADA

Ser fluente na transferência de conteúdo de uma língua de partida para uma de chegada, seja no modo textual, seja na interpretação, não basta para prover uma boa tradução. Existem nuances às quais tradutores e intérpretes devem se ater para além do conteúdo e da língua, como diferenças de estilo de texto, de discursos coloquiais ou formais e, claro, de públicos-alvo. Definir o público-alvo de uma tradução, ou seja, o “perfil demográfico, de interesse e regional de quem consumirá o conteúdo traduzido” (BARROS, 2020), ajuda tradutores a decidirem qual estilo será empregado em seu texto (menos ou mais coloquial), quais informações podem ou não ser omitidas, quais informações necessitam ou não serem adicionadas, entre outros fatores decisivos para qualidade final do material produzido. Como emissores de uma mensagem, tradutores, a fim de alcançar uma comunicação eficaz de seus conteúdos, devem se preocupar com a forma pela qual essa está sendo recebida pelo público-alvo, se ele reconhece termos, é familiarizado com o assunto em questão, etc.

A tradução comentada, por exemplo, é um modo de tradução que me permite adicionar comentários, e esses, por seu caráter explicativo, podem ajudar a contornar problemas tradutórios; a adição de comentários pode atuar como uma estratégia de tradução, que auxilia a realização de explicitações para tornar o texto mais compreensível ao público-alvo, visto que permite explicar e comentar termos e conteúdo que, em uma tradução não-comentada, acabariam por serem apagados ou pouco entendidos pelo público selecionado. Tendo em vista a importância e a necessidade de se definir um público-alvo para produção de uma tradução de maior qualidade, o público-alvo selecionado para essa tradução foram pesquisadores e estudantes da área da Letras.

Afunilar um “alvo” para minha tradução ajudou a optar por produzir uma tradução comentada, visto que o público-alvo selecionado possui poucos materiais em português sobre os Estudos da Interpretação para consumo, como atestado pela revisão de literatura de Cavallo e Reuillard (2016) e Silva (2019), e os currículos dos cursos de bacharelado em Letras de universidades brasileiras renomadas (ex. UFRGS, USP, PUCRS, UFSC, entre outras). Além disso, o quanto certos termos deveriam ser explicados ou não, e qual seção do livro eu deveria traduzir, também foram decisões influenciadas pela definição do público-alvo. Certos termos como, por exemplo, “texto de partida” ou “texto de chegada”, não se tornaram verbetes no glossário em apêndice, tampouco receberam

explicações, visto que estudantes e pesquisadores de Letras brasileiros já os utilizam frequentemente, seja em artigos, seja na universidade. Caso o público-alvo fossem interessados na área, mas que não fossem da Letras, esses conceitos também deveriam ser explicados. Por outro lado, alguns termos que aparecem no capítulo “Processos Cognitivos”, como *DI paradigm* (Paradigma DI), se tornaram verbetes e receberam explicações em notas de rodapé por não serem utilizados com frequência em português. Em relação à adaptação à audiência da tradução, se o público-alvo fosse leigo, ou seja, pessoas fora da área da Letras de maneira geral, por exemplo, ambos termos, tanto “paradigma DI” quanto “texto de chegada/partida”, teriam de ser comentados.

### 3.2.3 ORGANIZAÇÃO DA TRADUÇÃO COMENTADA

A tradução comentada foi produzida no programa Word, em arquivo “.doc”, em um documento separado por uma tabela de 2x2, com um lado reservado para o texto de partida (à esquerda) e outro para o texto de chegada (à direita). As notas de rodapé e anotações foram inteiramente anexadas ao texto de chegada, visto que, embora nos resultados do trabalho possamos observar os dois lados da tabela, os comentários da tradução fazem referência somente ao texto de chegada, logo, não faria sentido aplicá-los ao texto em inglês e forçar os leitores a buscarem informações no texto de partida. O glossário, por sua extensão e volume de informações, acabou por ser desenvolvido em um documento à parte, onde não existia a divisão de tabelas.

A primeira tradução das páginas 114-130 começou em maio de 2020, que, junto à primeira transcrição, tradução e revisão do documento, durou cerca de duas semanas. O texto de partida teve de ser transcrito, o que acabou por aumentar o período de trabalho, pois a cópia que possuo do livro é física e não foi possível encontrar essa edição de maneira digital. Os outros materiais de apoio estavam em cópia digital e facilitaram a checagem e visualização de informações a serem adicionadas ao documento do Word. O trabalho seguiu em agosto de 2020, quando as primeiras bases de introdução, referencial teórico e definição dos métodos foram desenvolvidas junto à cadeira de Leitura e Produção de Textos em Inglês I, com ajuda da Professora Dra. Ana Beatriz Areas da Luz Fontes. Logo, nesse período a tradução que havia sido produzida em maio foi revisada e teve o acréscimo de mais notas de rodapé. O glossário e a tradução de suas definições,

por sua vez, foram finalizados em fevereiro de 2021, pois demandou mais leituras e revisões para além do texto.

Para guiar a tradução, um comentário geral introdutório de minhas intenções para com a produção da tradução comentada foi produzido e anexado ao início do documento em tabela sob o título “Introdução”. Por estar anexado ao documento que apresenta o texto de partida, acredito ser importante descrever o porquê de algumas diferenças estilísticas entre os textos nas duas colunas, como a pontos de referência a outros capítulos passados do livro *Introducing Interpreting Studies*, que são detalhes que leitores, mesmo os não-fluentes na língua de partida, conseguem perceber como diferenças entre o texto de partida e chegada. O comentário geral também ajuda a revelar aos leitores meu objetivo para com o trabalho desenvolvido, o porquê de a tradução ser comentada, uma breve descrição da seleção do público-alvo e a questão das referências e direitos autorais, como demonstra a imagem a seguir:

## Figura 1- Comentário Geral

### Introdução

A tradução comentada do capítulo “Processos Cognitivos” (*Cognitive Processes*) tem como objetivo a disponibilização desse material para estudantes da graduação e pesquisadores da área da Letras, porém também convida à leitura demais interessados no campo da interpretação. Um dos motivos que me levou a selecionar tal capítulo, além de meu apreço pessoal pela área da interpretação de línguas orais e como atua a cognição nela, foi o fato de que a cognição e os processos mentais explicam satisfatoriamente a diferença entre os processos de trabalho, *modi operandi*, de intérpretes e tradutores de texto. Na seção “Processos Cognitivos” são apresentados desafios exclusivos da interpretação que demonstram a complexidade linguística do trabalho do intérprete simultâneo e consecutivo. A ideia de realizar a tradução de forma comentada nasce da seleção do público-alvo (alunos de graduação e pesquisadores da área de Letras) e a adaptação desse material para o mesmo, explicando melhor termos técnicos dos Estudos da Interpretação que profissionais com pouca familiaridade com a área não reconheceriam em uma primeira leitura. Assim, o aporte teórico da tradução comentada é mais robusto e é possível criar dentro da tradução, mesmo que em pequena escala, uma base de pesquisa em português sobre a interpretação para os leitores, o que, muitas vezes, não é possível se fazer fora dela devido à baixa produção de artigos dessa área no Brasil.

As referências utilizadas para construção de cada entrada são sempre pontuadas após a definição do termo, que, embora estejam mais completas no original em inglês, apontam para os leitores outros locais de consulta. A maioria das definições do glossário são traduções adaptadas e resumidas de entradas do livro *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* (2015), que, além de me ajudarem a identificar o que seriam termos técnicos da área dos Estudos da Interpretação, provém explicações completas e satisfatórias para os termos. Para maior transparência, sempre é adicionado ao final do verbete na seção “Referência” a fonte de onde tal descrição/definição foi encontrada. Ainda sobre a tradução, pensando no público-alvo selecionado e na leitura fluida e natural em português, existem pontos onde decidi alterar estruturas maiores do texto, como a ordem de certas frases, colocar dois pontos para criar listas e até simplificar algumas descrições do autor no texto, visto que havia espaço para demais explicações nas notas de rodapé e no glossário. Existem pontos e marcações do texto original que decidi omitir na tradução, pois fazem sentido para quem possui uma cópia de *Introducing Interpreting Studies* por completo. Essas marcações ao longo do texto fazem referência a outros capítulos do livro, sempre marcados por seus títulos, como por exemplo “(3.4.3)”. Contudo, devido à delimitação de capítulo, os leitores não poderiam acessar essas referências, logo, optei por omiti-las da tradução e contornar esse problema ao explicar pontos e termos nas notas de rodapé e no glossário.

Fonte: Arquivo da autora (2021).

O comentário geral abarca decisões e reflexões que me ocorreram antes (a motivação que deu início à tradução, a definição do público-alvo e a defesa do porquê adicionar comentários, aquisição dos direitos autorais) e durante (omissões, diferenças estilísticas, como a remoção das referências a outros capítulos do livro) o processo da produção da tradução comentada. No final, os três documentos foram unidos em apenas um só (comentário geral, tradução em tabela e glossário). As duas primeiras seções somaram 29 páginas no total, já o glossário adicionou cerca de 15 páginas ao documento.

Assim, a tradução comentada final acabou totalizando 44 páginas, que podem ser visualizadas na seção Resultados deste trabalho.

### 3.3 PRODUÇÃO DE COMENTÁRIOS

Após a seleção do capítulo e a definição do público-alvo, como apontado na seção 3 (Tradução Comentada) deste trabalho, as possíveis lacunas de significado que poderiam aparecer na tradução, na passagem do contexto de partida para o de chegada, foram contornadas com a explicitação de ideias e conceitos do inglês, os quais o público-alvo possuía pouca familiaridade em português. García (2007), com seu guia sobre traduções comentadas, ajudou a entender o que seria interessante de comentar na produção das notas de rodapé, enquanto os livros selecionados para o referencial teórico do trabalho ajudaram a identificar quais seriam os termos técnicos da área da interpretação e, conseqüentemente, suas descrições. A enciclopédia da Routledge, por suas descrições mais completas, acabou se tornando o livro principal de consulta dentre os três e suas descrições traduzidas por mim (asseguradas as porções pelo CCC) compõem a maior parte das descrições do glossário. Além disso, esses materiais de suporte ajudaram a enriquecer a tradução comentada e, ao final, se traduziram em comentários anexados à tradução (expandidos ou não) para o público-alvo.

A partir dos quatro pontos selecionados do guia de García, foram produzidos três tipos de comentários: comentários de natureza tradutória; comentários explicativos; e comentários explicativos expandidos. As categorias selecionadas de García (2007) foram: (1) considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada; (2) possíveis semelhanças ou diferenças entre as relações funcionais do discurso em ambos textos (omissões, paráfrases, extensões, etc., e problemas relacionados ao grau específico da explicação e implicação necessária do nível de informação do texto de chegada); (3) problemas lexicais e terminológicos: diferenças e semelhanças pragmáticas-cognitivas entre situações comunicativas e baseadas na diferença entre receptores (exotização, domesticação, semântica, etc.); (4) outras considerações que [o tradutor] considera relevantes (ex. argumentos baseados em conhecimentos declarativos: Estudos da Tradução, Interdisciplinaridade, etc.). A relação

dos pontos de García para/com os três tipos de comentários da presente tradução comentada pode ser visualizada nas tabelas 3, 4 e 5 a seguir.

Tabela 3 - Modelo dos comentários de Natureza Tradutória (N.T.)

Total de comentários identificados na tradução comentada	Descrição de estrutura	Busca comentar, seguindo García, (2007)	Exemplo de Comentário (Nota 12)
24	<p>Pensando na tradução em tabela, que apresenta o texto de partida à esquerda e o texto de chegada à direita, os comentários de natureza tradutória buscam explicitar decisões tradutórias da autora no texto, que, sem eles, seriam opacas aos leitores. Além de promover a transparência da tomada de decisões chave durante a tradução, os comentários de natureza tradutória ajudam o público-alvo a aprender mais sobre o processo da tradução. Esses comentários são marcados por um '(N.T.)' inicial.</p>	<p>(1) considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada (3) problemas lexicais e terminológicos: diferenças e semelhanças pragmáticas-cognitivas entre situações comunicativas e baseadas na diferença entre receptores (exotização, domesticação, semântica, etc.);</p>	<p>“(N.T.) No inglês, o nome do processo é <i>Knowledge-Based Processing</i>, que é traduzido literalmente como “Processamento Baseado em Conhecimento” ou “Processamento Baseado em Saber”, contudo, acredito que essas opções não traduzem bem o nome em questão. Optei por traduzi-lo como “Processamento Baseado em Conhecimentos Prévios”, pois assim se explicita que tipo de conhecimento se está tratando, como explicado pelo texto (conhecimentos prévios à leitura). Além disso, “conhecimentos prévios” é utilizado em pesquisas sobre modos de leitura, por exemplo, o verbete “Conhecimentos prévios na leitura” do Glossário Ceale. Embora <i>knowledge-based</i> funcione em inglês sem o colocado <i>previous</i>, acredito que no português não soe bem “Processamento Baseado em Conhecimentos”, por isso, tendo em</p>

			vista todas essas questões, optei por adicionar “Prévios”.
--	--	--	--

Fonte: Arquivo da autora (2021).

Tabela 4 – Modelo dos comentários Explicativos

Total de comentários identificados na tradução comentada	Descrição de estrutura	Busca comentar, seguindo García, (2007)	Exemplo de Comentário (Nota 57)
13	Os comentários explicativos buscam explicar conceitos e termos técnicos da área da interpretação que não são familiares ao público-alvo. Por sua extensão mais curta que os explicativos expandidos, esses comentários conseguem se manter nas notas de rodapé da tradução comentada. Diferente dos comentários de natureza tradutória e os comentários expandidos, os explicativos não possuem nenhum marcador especial.	(1) considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada; (2) possíveis semelhanças ou diferenças entre as relações funcionais do discurso em ambos textos (omissões, paráfrases, extensões, etc., e problemas relacionados ao grau específico da explicação e implicação necessária do nível de informação do texto de chegada); (4) outras considerações que [o tradutor] considera relevantes (ex. argumentos baseados em conhecimentos declarativos: Estudos da Tradução, Interdisciplinaridade, etc.).	“Na biografia estrangeira, há registros de pesquisas sobre legibilidade ( <i>readability</i> ) pelo menos desde os anos 1920, conforme assinalam Davison e Green (1988, p.121), que afirmam que esses estudos surgiram a partir da necessidade de adequar materiais de leitura a públicos específicos. Os estudos baseavam-se no pressuposto de que todos os problemas de leitura estão relacionados a traços textuais mensuráveis, os quais, após a sua identificação, são inseridos em fórmulas cujos resultados estimam a legibilidade de um texto. Os traços mais comumente mensurados, até

			<p>hoje, são a dificuldade lexical, baseada na frequência e na extensão das palavras, e a dificuldade imposta pelo tamanho da sentença, a partir do cálculo do número de palavras por sentença” (cf. PASQUALINI, B. Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos da literatura para leitores com letramento básico. 155 f. Trabalho de Conclusão de Curso – UFRGS, Porto Alegre, 2012). Um exemplo de teste de legibilidade é o <i>Flesch-Kinkaid</i>, que calcula o quão legível um texto é a partir do cálculo da relação de suas palavras, sílabas e frases, através da fórmula: <math>206.835 - 1.015 \times (\text{palavras/orações}) - 84.6 \times (\text{sílabas/palavras}).</math>”</p>
--	--	--	--

Fonte: Arquivo da autora (2021).

Tabela 5– Modelo dos comentários de Explicativos Expandidos (Glossário)

Total de comentários identificados na tradução comentada	Descrição de estrutura	Busca comentar, seguindo García, (2007)	Exemplo de Comentário (Nota 54)
27	Os comentários de explicativos expandidos seguem a mesma lógica dos comentários expandidos, porém, por possuírem mais texto e conteúdo, acabaram sendo alocados no glossário de termos técnicos da tradução. Esses comentários são	(1) considerações e/ou diferenças ideológicas, culturais e informativas entre os receptores do texto de partida e do texto de chegada; (2) possíveis semelhanças ou diferenças entre as relações funcionais do discurso em ambos textos (omissões,	“(ver “julgamento de Nuremberg no glossário)  <sup>1</sup> O <b> julgamento de Nuremberg</b> se refere ao julgamento dos Nazistas por seus crimes de guerra antes do Tribunal Militar



	<p>sinalizados nas notas de rodapé sempre com o sistema de “(ver ‘xxxx’ no glossário)”, que leva o leitor até o glossário da tradução comentada. A maioria desses comentários são traduções bem adaptadas (asseguradas pelo CCC) do <i>Encyclopedia of Interpreting Studies</i> (2015). A fim de tornar o processo mais claro para os leitores, é adicionado após a descrição do termo sempre a seção “Referência”, que destaca de onde vêm os textos.</p>	<p>paráfrases, extensões, etc., e problemas relacionados ao grau específico da explicação e implicação necessária do nível de informação do texto de chegada); (4) outras considerações que [o tradutor] considera relevantes (ex. argumentos baseados em conhecimentos declarativos: Estudos da Tradução, Interdisciplinaridade, etc.).</p>	<p>Internacional (TMI). O processo durou de novembro de 1945 até outubro de 1946 e tomou lugar no Palácio da Justiça de Nuremberg. O julgamento foi importante para lei internacional e é um dos primeiros grandes eventos internacionais noticiados pela mídia. Por seu caráter internacional, o julgamento de Nuremberg reuniu sujeitos de diferentes países, que, por sua vez, falavam línguas distintas e que, conseqüentemente, necessitavam da interpretação de línguas orais para se comunicarem. Graças à arquivos, memórias de intérpretes e entrevistas, hoje é possível saber sobre a interpretação no TMI. O julgamento marcou um ponto de virada na história da interpretação: sob o olhar vigilante público internacional, houve o primeiro evento com interpretação simultânea para quatro línguas, que acabou servindo como modelo para formular as bases da interpretação de conferências atual. Assinada pelos Aliados em 08/06/1945 como parte do Acordo de</p>
--	--	--	--

			<p>Londres e do próprio tribunal, a carta do TMI postulava um julgamento justo, que incluía a tradução de todos os documentos utilizados e também a interpretação dos processos para inglês, francês, russo e alemão. Por questões de custo e tempo, o modo consecutivo tradicional da interpretação não era viável. O Coronel Léon Dostert, então, sugeriu a utilização do “Sistema Internacional de Tradutores” Filene-Finlay da IBM para realizar a interpretação simultânea do julgamento. O sistema da IBM chegou à Nuremberg no final de outubro de 1945, pouco tempo após o início dos julgamentos. Dostert se encarregou de recrutar os profissionais para a interpretação, que deveriam ter um domínio “quase-nativo” das línguas requeridas. Os candidatos que se encaixassem no padrão foram levados a Nuremberg, onde também tiveram seus conhecimentos gerais e de vocabulário testados, especialmente a</p>
--	--	--	---

			<p>terminologia médica e legal, e tiveram de demonstrar resistência ao stress em práticas de interpretação. O critério mais importante, contudo, era a agilidade linguística para lidar quase que de imediato com o input do DP. Apenas 5% dos candidatos passaram no teste, a maioria entre 35 e 45 anos, todos fluentes em não mais que duas línguas; metade deles eram mulheres.</p> <p><b>Referência:</b> Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. BEHR, Martina. Nuremberg Trial. In: POCHHACKER, Franz.” <b>Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies</b>. Londres: Routledge, 2015, p. 288 – p. 289).</p>
--	--	--	---

Fonte: Arquivo da autora (2021).

Como visto pelas tabelas, ao correlacionar os comentários da tradução (de natureza tradutória; explicativos; e explicativos expandidos) com o guia de García, podemos observar a seguinte relação: todas as notas expandidas para o glossário (27), assim como os comentários explicativos (13), se encaixam nas categorias selecionadas 1, 2 e 4, visto que considero importante explicar ao público brasileiro termos e conceitos sobre a interpretação já que, diferente do público estrangeiro, não encontra muitos materiais em português ou pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre o assunto. Assim, é

justificável a aplicação de comentários explicativos visto que há diferenças culturais e informativas entre o público de chegada e partida e que eu, como tradutora, considero importantes. A forma que encontrei para contornar o problema relacionado ao espaço necessário para explicar termos técnicos foi através da extensão de certas explicações para o glossário. Já os comentários de natureza tradutória (24) se pautam nas categorias selecionadas 1 e 3, que demonstram tentativas minhas de domesticar o texto, muitas vezes explicando o processo tradutório de certos termos técnicos e a dificuldade desse a fim de deixar o texto totalmente em português.

Ao final da tradução do capítulo “Processos Cognitivos”, foram adicionados 64 comentários explicativos, explicativos expandidos e tradutórios em forma de notas de rodapé. As notas de natureza exclusivamente tradutória contabilizaram 24 desses comentários e aparecem com o marcador “(N.T.)” em seu início; notas explicativas expandidas, que se estendem para além das notas de rodapé e aparecem no glossário em apêndice, contabilizaram 27 comentários; os outros 13 comentários explicativos são definições e descrições que conseguiram serem desenvolvidas apenas no espaço da nota de rodapé e que não precisaram serem expandidos para o glossário em apêndice.

É importante pontuar também que embora tenham sido anotados muitos comentários explícitos, ainda existem decisões e mudanças que são implícitas na leitura. Sempre há decisões e/ou processos que, mesmo em traduções comentadas, acabam por serem omitidas dos leitores, seja para maior fluidez da leitura, seja pela falta da necessidade delas para compreensão do texto. No texto de partida, Franz Pöchhacker preenche o capítulo com referências a outros pontos já descritos em outras seções de *Introducing Interpreting Studies*, utilizando de parêntesis e números após certos termos. Como exemplo, as Ciências Cognitivas são descritas como “*cognitive science* (< 3.2.5)” no texto. Como o leitor brasileiro não poderia acessar a essa informação, tão pouco compreender que se trata de uma referência ao ponto 3.2.5 do livro *Introducing Interpreting Studies*, optei por omitir tais enumerações.

## 4 RESULTADOS

Na presente seção será apresentada uma reprodução do resultado final deste trabalho, que é a tradução comentada, acrescida do comentário geral, glossário e notas de rodapé, que contam com 44 páginas no total. É importante frisar que a tradução apresentada a seguir está assegurada pela aquisição dos direitos autorais de republicação pela plataforma *Copyright Clearance Center* (CCC), os quais foram pedidos e recebidos em maio de 2020 (os direitos do texto do capítulo “Processos Cognitivos”) e em março de 2020 (os direitos de páginas que fazem referência aos termos do glossário em apêndice). Além disso, por ser uma reprodução, as notas de rodapé iniciam no número 1 e vão até o número 64, assim como ocorre no arquivo original separado. Essas notas apresentadas juntamente à tabela não devem ser contadas e somadas como notas de rodapé constituintes do documento geral do presente Trabalho de Conclusão de Curso, mas sim como um grupo de notas a parte que constituem o documento final da tradução comentada produzida por esse trabalho.

A primeira seção, “Introdução”, apresenta os objetivos do projeto de tradução para os leitores, que perpassam a seleção do público-alvo, o processo decisivo que levaram à tradução do capítulo “Processos Cognitivos”, entre outros pontos. Já a seção da tradução comentada apresenta a tradução do capítulo selecionado em uma tabela 2x2, onde à esquerda pode-se ler o texto de partida, que está sinalizado pelas siglas ST/TP, e à direita o texto de chegada, sinalizado pelas siglas TT/TC. Abaixo da tabela pode-se ler as notas de rodapé produzidas pelo trabalho, que incluem as notas tradutórias, explicativas e explicativas expandidas. Logo após a tabela, encontra-se o glossário de termos técnicos da interpretação.

## Introdução

A tradução comentada do capítulo “Processos Cognitivos” (*Cognitive Processes*) tem como objetivo a disponibilização desse material para estudantes da graduação e pesquisadores da área da Letras, porém também convida à leitura demais interessados no campo da interpretação. Um dos motivos que me levou a selecionar tal capítulo, além de meu apreço pessoal pela área da interpretação de línguas orais e como atua a cognição nela, foi o fato de que a cognição e os processos mentais explicam satisfatoriamente a diferença entre os processos de trabalho, *modi operandi*, de intérpretes e tradutores de texto. Na seção “Processos Cognitivos” são apresentados desafios exclusivos da interpretação que demonstram a complexidade linguística do trabalho do intérprete simultâneo e consecutivo. A ideia de realizar a tradução de forma comentada nasce da seleção do público-alvo (alunos de graduação e pesquisadores da área de Letras) e a adaptação desse material para o mesmo, explicando melhor termos técnicos dos Estudos da Interpretação que profissionais com pouca familiaridade com a área não reconheceriam em uma primeira leitura. Assim, o aporte teórico da tradução comentada é mais robusto e é possível criar dentro da tradução, mesmo que em pequena escala, uma base de pesquisa em português sobre a interpretação para os leitores, o que, muitas vezes, não é possível se fazer fora dela devido à baixa produção de artigos dessa área no Brasil.

As referências utilizadas para construção de cada entrada são sempre pontuadas após a definição do termo, que, embora estejam mais completas no original em inglês, apontam para os leitores outros locais de consulta. A maioria das definições do glossário são traduções adaptadas e resumidas de entradas do livro *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* (2015), que, além de me ajudarem a identificar o que seriam termos técnicos da área dos Estudos da Interpretação, provém explicações completas e satisfatórias para os termos. Para maior transparência, sempre é adicionado ao final do verbete na seção “Referência” a fonte de onde tal descrição/definição foi encontrada. Ainda sobre a tradução, pensando no público-alvo selecionado e na leitura fluída e natural em português, existem pontos onde decidi alterar estruturas maiores do texto, como a ordem de certas frases, colocar dois pontos para criar listas e até simplificar algumas descrições do autor no texto, visto que havia espaço para demais explicações nas notas de rodapé e no glossário. Existem pontos e marcações do texto original que decidi omitir na tradução, pois fazem sentido para quem possui uma cópia de *Introducing Interpreting Studies* por completo. Essas marcações ao longo do texto fazem referência a outros capítulos do livro, sempre marcados por seus títulos, como por exemplo “(3.4.3)”. Contudo, devido à delimitação de capítulo, os leitores não poderiam acessar essas referências, logo, optei por omiti-las da tradução e contornar esse problema ao explicar pontos e termos nas notas de rodapé e no glossário.

ST (TP)	TT (TC)
<p><b>Cognitive Processes</b> Analyzing interpreting from a cognitive perspective suggests a simple distinction between cognitive structures and cognitive processes. As evident from the state of the art on research into working memory (&lt; 5.2.3), however, the difference between the two is anything but clear-cut. Thus, while the focus of this chapter is on cognitive processes, it should be understood that these are closely interdependent with memory ‘structures’ and linguistic resources as described in processes (&gt; 6.1, &gt; 6.2), the present chapter also covers topics that have received special attention in research on interpreting, mainly with a focus on (spoken-language) simultaneous conference interpreting.</p> <p><b>6.1 Comprehension</b> A key prerequisite in the interpreting process, language comprehension as a crucial topic at the interface of language and cognition is an important area of study in the cognitive sciences. A basic distinction is made in research on language understanding between “bottom-up” (i.e. input-driven) and “top-</p>	<p><b>Processos Cognitivos</b> Analisar a interpretação<sup>1</sup> a partir da perspectiva cognitiva sugere uma distinção simples entre estruturas cognitivas e processos cognitivos. Contudo, como evidenciado por pesquisas mais avançadas<sup>2</sup> sobre memória de trabalho<sup>3</sup>, fazer essa distinção não é nada simples. Deste modo, embora este capítulo aborde os processos cognitivos, deve-se esclarecer que eles interdependem de estruturas de memória e de recursos linguísticos. O presente capítulo também aborda tópicos que têm recebido atenção especial nas pesquisas sobre interpretação, majoritariamente nas pesquisas com enfoque na interpretação simultânea de conferências<sup>4</sup> (de línguas orais).</p> <p><b>6.1 Compreensão</b> Pré-requisito chave no processo da interpretação, a compreensão da linguagem<sup>5</sup>, por atuar na interface entre linguagem e cognição, é uma importante área de estudo das Ciências Cognitivas. Uma distinção simples é feita nas pesquisas sobre a compreensão da linguagem: os modelos <i>bottom-up</i><sup>6</sup> (guiado</p>

<sup>1</sup> (ver “interpretação” no glossário).

<sup>2</sup> (N.T.) No texto de partida, é utilizada a locução adjetiva *state of the art* para se referir às pesquisas sobre memória de trabalho. Segundo o *Oxford Learner’s Dictionary*, a locução *state of the art* significa “que utiliza das técnicas ou métodos mais modernos e/ou avançados; o melhor possível no presente momento”. Embora exista a expressão “estado da arte” em português com mesma definição de *state of the art*, essa é pouco utilizada em textos e por falantes. Logo, optei por traduzir *state of the art* como “mais avançadas”, que é o colocado mais utilizado para se referir a estudos mais atualizados de seus campos, como no exemplo “a mesma empresa da vacina de Oxford, uma das **mais avançadas** na corrida contra o coronavírus” (Coronavírus: como estão as pesquisas em busca de um remédio específico. VEJA, SP, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-como-estao-as-pesquisas-em-busca-de-um-remedio-especifico/>).

<sup>3</sup> (ver “memória de trabalho” no glossário).

<sup>4</sup> (ver “interpretação de conferências” no glossário).

<sup>5</sup> (ver “compreensão” no glossário).

<sup>6</sup> “No modelo *bottom-up*, o leitor constrói o significado apenas ao reconhecer as palavras e a estrutura das sentenças na página impressa de um texto (NUTTAL, 1996, apud MARCUZZO, 2017). Um exemplo de atividade de leitura que envolve o uso de estratégias ascendentes é um exercício em que os alunos devem tentar agrupar os títulos das seções de um texto com os parágrafos que compõe essas seções. O professor

<p>down” (i.e. knowledge-based) operations, both of which are required for a full account of comprehension, defined here as the act of building a mental representation of language-mediated meaning.</p> <p><b>6.1.1 Language Understanding</b></p> <p>Psycholinguistic research on spoken language understanding has long reflected a particular concern with the initial stages of the comprehension process. Component operations like phoneme identification, word recognition, lexical disambiguation and sentence parsing, which have been modeled in the serial information-processing as well as the connectionist paradigm of cognitive science (&lt; 3.2.5), are naturally relevant, though hardly unique, to interpreting. Indeed, with the significant exception of speech recognition research in the context of automatic interpreting (&gt; 11.3.1), very little interpreting-specific work has been done on the so-called <b>low-level</b> processes in language comprehension. An interesting approach was taken from the perspective of second-language acquisition research by McAllister (2000), who studied (inferior) comprehension performance in an acquired language; another is psychological research on interpreters’</p>	<p>por dados apresentados) e <i>top-down</i><sup>7</sup> (guiado por conhecimentos prévios). Ambos modelos são necessários para atingir plena compreensão, definida aqui como o ato de construir uma representação mental de significados mediados pela linguagem.</p> <p><b>6.1.1 Entendimento da Linguagem</b><sup>8</sup></p> <p>Pesquisas da psicolinguística sobre entendimento da linguagem têm demonstrado um interesse especial de pesquisadores pelos estágios iniciais da compreensão. As operações de componentes (ex. identificação de fonemas, reconhecimento de palavras, desambiguação lexical e análise sintática)<sup>9</sup> são naturalmente relevantes para a área da interpretação, embora não sejam exclusivas a ela. De fato, com exceção de pesquisas sobre reconhecimento de fala na interpretação automática<sup>10</sup>, existem pouquíssimos estudos sobre os ditos processos de baixo-nível da compreensão da linguagem na interpretação. Alguns desses são os estudos de McAllister (2000), que analisou a performance de baixo-nível da compreensão em uma língua adquirida, e Bajo et al. (2000), que analisou as habilidades lexicais especializadas de intérpretes em contraste com bilíngues através de tarefas de identificação e categorização de</p>
--	---

fornece o título das seções e os parágrafos do texto separados de forma desordenada. Os alunos devem tentar identificar qual o título da seção que melhor se encaixa em qual parágrafo do texto. Para fazer esse exercício, os alunos devem entender o texto como um todo, estabelecendo relações entre as sentenças a fim de obter uma representação integrada do conteúdo do texto” (MARCUIZZO, Patrícia. O papel da leitura crítica no ensino de inglês como língua estrangeira. *Linguagens & Cidadania*, 6, 2017).

<sup>7</sup> O modelo *top-down* utiliza estratégias de leitura descendentes e necessitam que o leitor utilize de seus conhecimentos prévios para completar os sentidos. “Essas estratégias resultam das experiências prévias adquiridas ao longo da vida que utilizamos para fazer previsões acerca do conteúdo de um texto” (STERNBERG, 2000, apud MARCUIZZO, 2017) “Para fins de exemplificação, uma atividade que envolve exclusivamente o uso de estratégias descendentes é a previsão do conteúdo do texto a partir de textos não-verbais que o acompanham (figuras, imagens, tabelas e fotos) e alguns textos verbais como título, subtítulo, fonte e indicações de datas. Por meio da leitura desses elementos, os alunos podem tentar ativar seu conhecimento prévio e tentar fazer previsões acerca do conteúdo do texto”. (MARCUIZZO, Patrícia. O papel da leitura crítica no ensino de inglês como língua estrangeira. *Linguagens & Cidadania*, 6, 2017).

<sup>8</sup> (N.T.) Decidiu-se utilizar termos distintos em 6.1 e 6.1.1, “compreensão” e “entendimento”, pois assim é feito no inglês, que separa as duas ideias de *Comprehension* e *Language Understanding*. No português, ambos termos *comprehension* e *understanding* poderiam ser traduzidos como “compreensão”, porém como o autor faz questão de utilizar dois termos diferentes nesses pontos optei por manter o mesmo sistema em português.

<sup>9</sup> Essas operações têm sido moldadas seguindo o processamento serial de informação e o paradigma conexionista das Ciências Cognitivas.

<sup>10</sup> (ver “interpretação automática” no glossário).



<p>specialized <b>lexical skills</b> in tasks like word identification and categorization, for which Bajo et al. (2000) found a presumably training-related superiority among interpreters in contrast to bilingual controls. In general, however, interpreting scholars, particularly in the IT paradigm, have shown little interest in the lower-level stages of language understanding as studied in the psycholinguist's laboratory. Their main interest has rather been in the way interpreters comprehend utterance meaning ('sense') in situated discourse by drawing on their contextual, situational and encyclopedic knowledge.</p> <p><b>6.1.2 Knowledge-Based Processing</b></p> <p>It is now an established fact that comprehension is not a passive, receptive process but depends crucially on what is already known. Processing new information thus requires the active construction of some form of mental representation by integrating the input with various kinds of pre-existing knowledge - lexical, syntactic, pragmatic, encyclopedic, etc. The so-called <b>cloze technique</b>, developed in the early 1950s, is based on such a knowledge-based conception of comprehension: confronted with gaps in verbal structures, subjects will use their lexical and grammatical knowledge to fill in what is missing by a process of anticipatory reconstruction or pattern-based 'closure'. The fact that prior knowledge serves to generate <b>expectations</b> which guide the comprehension process was demonstrated early on for SI. Chernov (&lt; 2.3.2) had 11 professional interpreters work on realistic 20-minute</p>	<p>palavras. Bajo et. al (2000) observou em uma superioridade nas habilidades de intérpretes em relação as de bilíngues, o que foi creditado à formação para interpretação. Contudo, de maneira geral, pesquisadores da área da interpretação, principalmente os interessados no paradigma TI<sup>11</sup>, têm demonstrado pouco interesse nos estágios de baixo-nível do entendimento da linguagem. Ao invés disso, o interesse desses pesquisadores se voltou para a compreensão do significado do enunciado ('sentido') por intérpretes em discursos situados, com base em seus conhecimentos enciclopédico, situacional e contextual.</p> <p><b>6.1.2 Processamento Baseado em Conhecimentos Prévios<sup>12</sup></b></p> <p>É fato que a compreensão não é um processo passivo ou receptivo, pois depende crucialmente de conhecimentos prévios. Processar novas informações requer, portanto, a construção ativa de um tipo de representação mental ao integrar o input a vários tipos de conhecimentos prévios (lexicais, sintáticos, pragmáticos, enciclopédicos, etc.). Desenvolvida no início dos anos 50, o teste de Cloze<sup>13</sup> se baseia na concepção da compreensão baseada em conhecimentos prévios: ao serem confrontados com lacunas em estruturas verbais, participantes irão utilizar seus conhecimentos prévios (lexical e gramatical) para preenchê-las através do processo de reconstrução antecipatória ou preenchimento baseado em padrões. Ao que se refere à interpretação simultânea (IS), há muito tempo foi demonstrado que conhecimentos prévios geram expectativas que guiam o processo de compreensão. Em</p>
--	---

<sup>11</sup> (ver "paradigma TI" no glossário).

<sup>12</sup> (N.T.) No inglês, o nome do processo é *Knowledge-Based Processing*, que é traduzido literalmente como "Processamento Baseado em Conhecimento" ou "Processamento Baseado em Saber", contudo, acredito que essas opções não traduzem bem o nome em questão. Optei por traduzi-lo como "Processamento Baseado em Conhecimentos Prévios", pois assim se explicita que tipo de conhecimento se está tratando, como explicado pelo texto (conhecimentos prévios à leitura). Além disso, "conhecimentos prévios" é utilizado em pesquisas sobre modos de leitura, por exemplo, o verbete "Conhecimentos prévios na leitura" do Glossário Ceale. Embora *knowledge-based* funcione em inglês sem o colocado *previous*, acredito que no português não soe bem "Processamento Baseado em Conhecimentos", por isso, tendo em vista todas essas questões, optei por adicionar "Prévios".

<sup>13</sup> (ver "teste de cloze" no glossário).

<p>speeches (United Nations speeches, lectures) that had been manipulated to include meaningless (i.e. semantically anomalous) sentences and unpredictable turns of phrase (i.e. utterances which defied the phrasal expectations generated by their preceding context). Most subjects omitted or mistranslated the anomalous sentences and rendered the unpredictable utterances according to the contextually prompted expectation (see Chernov 1979/2002: 100x 2004: 189, 195). Chernov thus identified the principle of subjective redundancy and, hence, <b>predictability</b> of contextualized utterances as fundamental to the comprehension process, and made “probability prediction” the core of his processing model of SI (&lt; 4.4.3).</p> <p>Using the linguistic notions of theme and rheme to refer to “given vs new” information, Chernov modeled the semantic level of comprehension as process of “cumulative dynamic analysis” resulting in “sense structures.” On the whole, he described the dynamic process of <b>understanding</b> as covering the (1) the gradual addition of rhematic components to those already foregrounded; (2) the bridging of sense gaps; (3) the combination of rhematic and thematic components to form more complex configurations; and (4) the molding of the resulting sense structure to fit the situational context and the hearer’s knowledge (see Chernov 1979/2002: 104f). Chernov’s approach is largely compatible with psychological models of discourse comprehension, such as the Construction-Integration Model developed by Walter Kintsch (1998). With reference to the influential model by van Dijk and Kintsch (1983), for instance, Chernov’s account can</p>	<p>seu estudo, Chernov analisou onze intérpretes profissionais trabalharem em discursos reais de 20 minutos (discursos proferidos na ONU, palestras, etc.) que haviam sido manipulados para incluírem frases sem sentido (ex. semanticamente anômalas) e reviravoltas discursivas imprevisíveis (ex. enunciados que desafiavam as expectativas frasais geradas pelo contexto anterior). Em sua maioria, os intérpretes omitiram ou traduziram de forma errônea as frases anômalas; já as reviravoltas discursivas imprevisíveis foram transformadas de acordo com a expectativa gerada pelo contexto (cf. Chernov 1979/2002: 100, 2004: 189, 195). Assim, Chernov identificou o princípio da redundância subjetiva e, conseqüentemente, o quão fundamental a previsibilidade de enunciados contextualizados é para o processo de compreensão. Além disso, Chernov tornou a “predição da probabilidade” o núcleo de seu modelo de processamento da IS.</p> <p>Utilizando as noções linguísticas de tema e rema<sup>14</sup> para se referir às informações “dadas vs. novas”, Chernov modelou o nível semântico da compreensão como processo de uma “análise dinâmica cumulativa” que resulta em “estruturas de sentido”. De modo geral, Chernov descreveu que o processo dinâmico do entendimento abarca: (1) adição gradual de componentes remáticos àqueles já destacados; (2) preenchimento de lacunas de sentido; (3) a combinação de componentes remáticos e temáticos para formar configurações mais complexas; e (4) a moldagem de estruturas de sentido resultantes para encaixá-las no contexto situacional e nos conhecimentos prévios do ouvinte (cf. Chernov 1979/2002: 104f). A abordagem de Chernov é amplamente compatível com os</p>
---	--

<sup>14</sup> Segundo o Dicionário de Termos Linguísticos da ILTEC, o **tema** é a parte do enunciado que menos traz informação na situação de comunicação. A **rema** opõe-se ao tema e refere-se à expressão que contém a informação que o falante quer comunicar, por exemplo, a parte do enunciado que mais informação traz à situação de comunicação, no sentido em que expressa significação extra, relativamente ao que já havia sido comunicado (REMA. In: PORTALDALINGUAPORTUGUESA, Dicionário de Termos Linguísticos. Coimbra: CELA-ILTEC, 2020. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2797>>. Acesso em: 08 dez. 2020).

<p>be related to (1) building a <b>propositional textbase</b>; (2) <b>inferencing</b>; (3) building <b>macro-structures</b> (macro-processing); and (4) building a <b>situational model</b>. These notions have been applied in various studies on comprehension in interpreting.</p> <p>In one of the most extensive experimental studies on the topic, Dillinger (1994) used a proposition score to compare comprehension processes in untrained bilinguals and professional interpreters. His study, which addressed a number of relevant input variables –(&gt; 6.4.4) – yielded little evidence of interpreting-specific comprehension skills, possibly for reasons of experimental design. Beyond a approach, Mackintosh (1985) pointed to the relevance of macro-processing operations such as ‘deletion’, ‘generalization’ and ‘construction’ in both simultaneous and consecutive interpreting, and Pöchhacker (1993) discussed interpreters’ use of <b>knowledge structures</b> like ‘frames’, ‘scripts’ and ‘MOPs’ in building a mental representation of message content. Isham and Lane (1994), who investigated comprehension in signed language interpreting by using a cloze task requiring inferences, found that subjects who had interpreted (rather than transliterated) the English input passages and thus processed them at a more conceptual level were better able to draw the necessary inferences.</p>	<p>modelos psicológicos da compreensão do discurso, como o modelo de Walter Kintsch (1998)<sup>15</sup>. Em relação ao influente modelo de van Dijk e Kintsch (1983), por exemplo, as definições de Chernov podem ser relacionadas à (1) construção de um texto-base<sup>16</sup> proposicional; (2) inferência<sup>17</sup>; (3) construção de macroestruturas (macro processamento); (4) construção de um modelo situacional. Essas noções têm sido aplicadas a vários estudos sobre compreensão na interpretação.</p> <p>Em um dos estudos experimentais mais extensos sobre o tópico, Dillinger (1994) verificou muitas variáveis de input relevantes, como o tipo do texto a densidade informacional. O estudo utilizou uma pontuação de proposição para comparar processos de compreensão em bilíngues não-treinados e intérpretes profissionais. Contudo, o estudo apresentou poucas evidências sobre as habilidades de compreensão específicas da interpretação, possivelmente por ser experimental, embora tenha abordado variáveis de input relevantes. Além da abordagem proposicional quantitativa, Mackintosh (1985) apontou a relevância das operações de macro processamento (generalização, construção, eliminação, etc.) para a interpretação simultânea<sup>18</sup> e consecutiva<sup>19</sup>. Já Pöchhacker (1993) discutiu como intérpretes usam estruturas de</p>
---	--

<sup>15</sup> O modelo de construção-integração tem como principal foco o conhecimento de mundo do leitor ou seus conhecimentos prévios, os elementos do texto e a coordenação dos componentes de forma e conteúdo. Visando uma melhor organização, Kintsch (1998) preconizou duas fases que viabilizam o processo de compreensão: a de construção e a de integração. A fase de construção consiste na construção de um modelo mental mediante o significado das palavras e das proposições do texto. A fase de integração, embora ainda de natureza local, se constitui de forma global e acontece sempre que uma nova informação é acrescentada. Assim, de forma integrada, o leitor constrói os sentidos do texto a partir de seus conhecimentos prévios e das novas informações obtidas no texto lido. Nesse processo o leitor é ativo, formando uma representação mental coerente com o texto-base e também, através da integração das informações do texto com o seu conhecimento de mundo, forma uma representação mental correspondente às suas significações (EMMERICK, T. A.; VICENTE, L. A.; SOARES, B. A. Evaluation of levels of texts understanding in university students. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.10, n. 3, 2010).

<sup>16</sup> Kintsch, em *A Comprehension-Based Approach to Learning and Understanding* (2003), descreve o texto-base (do original *textbase*) como sendo “a representação mental do significado do texto”.

<sup>17</sup> (ver “inferência” no glossário).

<sup>28</sup> (ver “interpretação simultânea” no glossário).

<sup>19</sup> (ver “interpretação consecutiva” no glossário).

<p>Just what level or <b>conceptual depth</b> of comprehension is required for interpreting remains a moot point, not least because the methodological difficulty of measuring the level of “operational comprehension” (Gile 1993:67) during interpreting. One of the few attempts to address the contentious dichotomy between language-based ‘transcoding’ and ‘deverbalization’-based interpreting on the basis of experimental research was made by William Isham (1994), who replicated the so-called Jarvella effect (i.e. the impact of syntactic boundaries on verbatim recall of the most recent clause) in a study involving nine English/French professionals interpreters and twelve bilingual controls. Isham found that some of the interpreters displayed a similar recall pattern to listeners, whereas others showed inferior verbatim recall and appeared to be oblivious to syntactic boundaries. He concluded that both a more <b>form-based</b> approach and <b>meaning-based</b> strategy may be viable in particular language pairs.</p> <p>Mindful of these choices, an integrative account of the dynamic process of ‘meaning assembly’ in interpreting was developed by Setton (1998/2002, 1999) in the framework of <b>cognitive pragmatics</b> (more specifically, relevance theory). Based on the relevance-theoretic assumption that cognitively available <b>context</b> plays a key role in complementing linguistic signals, Setton analyzes (simultaneous) interpreting as an inferential process in which interpreters must derive – and give access to in their audience – meaning that are ‘optimally relevant’ in their cognitive environment, that is, yield maximum cognitive effects for minimum</p>	<p>conhecimento (frames, quadros, MOPs<sup>20</sup>, etc.) para formar representações mentais do conteúdo de mensagens. Isham e Lane (1994), ao investigarem a compreensão na interpretação da ASL<sup>21</sup> através de tarefas Cloze, observaram que sujeitos que interpretam passagens do input e depois as processam em um nível mais conceitual (ao invés de transliterar) são melhores em destacar as inferências necessárias.</p> <p>A profundidade conceitual da compreensão necessária para a interpretação, todavia, ainda é discutida, muito pela dificuldade metodológica de se mensurar o nível da “compreensão operacional” (Gile 1993:67) na interpretação. Isham (1994) é um dos poucos que aborda a controversa dicotomia entre ‘transcodificação’ baseada na linguagem e interpretação baseada na ‘desverbalização’<sup>22</sup>.</p> <p>Baseando-se em pesquisas experimentais, Isham replicou o efeito Jarvella (o impacto dos limites sintáticos no processo de lembrar a oração mais recente). O estudo comparou nove intérpretes profissionais e doze bilíngues do par de línguas inglês e francês. Isham descobriu que alguns intérpretes apresentavam padrões de memória similares aos de bilíngues, enquanto outros apresentavam padrões inferiores e pareciam estar abstraídos dos limites sintáticos, e concluiu que tanto a abordagem baseada na forma quanto a estratégia baseada no significado podem ser viáveis em certos pares de línguas.</p> <p>Consciente dessas escolhas, Setton (1998/2002, 1999) desenvolveu uma abordagem integrativa do processo dinâmico da ‘montagem de significado’ na</p>
--	---

<sup>20</sup> (N.T.) Traduzido do inglês, os *MOPs* (*Memory Organization Packets*) são literalmente os “Pacotes de Organização de Memória” (POM). Segundo o livro *Dynamic Memory Revisited* de Roger C. Shank (1999), MOP é uma estrutura mental de alto nível que processa novos inputs a partir de aspectos encontrados neles que possam relacionar com experiências passadas vividas pelo indivíduo. Assim, um MOP organiza esses aspectos relacionados à nossas experiências e organiza as cenas (frames) de nossa memória.

<sup>21</sup> (N.T.) Isham e Lane (1994) investigaram mais especificamente a interpretação da ASL, *American Sign Language*, que é a língua de sinais norte-americana. No original, entretanto, se diz apenas *sign language*, mas a fim de manter o fluxo do texto com menores estruturas, preferi utilizar ASL para especificar qual língua de sinais se trata na pesquisa ao mesmo passo que se salva espaço na tradução, também para que leitores brasileiros não confundissem essa interpretação de ASL com a interpretação de BSL ou Libras.

<sup>22</sup> (ver “desverbalização” no glossário).

processing effort. He shows how the interpreter's **mental model** of the source speech is enriched by information that is accessible, or inferable, in the situation of interaction and how this mental representation informs executive decisions on output production in the target language.

## 6.2 Production

Compared to the substantial body of language-processing research focusing on comprehension, production processes have received rather less attention, both in cognitive science in general and in the CP paradigm of interpreting studies (< 3.4.3). In the DI paradigm (< 3.4.4), in contrast, where the emphasis is on language use in interaction, researchers have shown a keen interest in 'speaking' as a situated activity. This is reflected in different lines of research relevant to interpreting as 'text/discourse production' (< 3.2.6): one which studies 'speaking' as the production of linguistic utterances as such (> 6.2.1), and another which studies utterances as tools in the interactive creation of discourse (> 6.2.3, Chapter 8).

### 6.2.1 From Intention to Articulation

Ever since Herbert (1952: 59) demanded that "A good interpreter must be a trained public speaker," conference interpreters, particularly when working in the consecutive mode, have foregrounded their professional skills of expression (e.g. Déjean le Féal 1990: 155). On the assumption, however, that the interpreter's speech process would be the same as that of any (native) speaker (see Seleskovitch 1978a: 97), the explanation of production processes was left to psycholinguists, who have indeed managed to elucidate the process over the course of decades of experimental research. One of the most widely accepted and

interpretação, sob o sistema da pragmática cognitiva (teoria da relevância<sup>23</sup>). Seguindo a teoria da relevância e sua proposição de que o contexto cognitivo disponível é importante para completar sinais linguísticos, Setton analisou a interpretação simultânea como um processo inferencial, no qual intérpretes devem derivar (e disponibilizar para sua audiência) os significados 'relevantes' em seu contexto cognitivo, gerando o máximo de efeitos cognitivos para o mínimo esforço de processamento. Setton demonstra que o modelo mental do discurso de partida<sup>24</sup> de intérpretes são enriquecidos pela informação acessível (ou inferível) na situação da interação e que essa representação mental define decisões executivas na produção do output na língua alvo.

## 6.2 Produção

Comparadas às várias pesquisas sobre processamento de linguagem na compreensão, pesquisas sobre os processos de produção têm recebido menos atenção tanto nas Ciências Cognitivas quanto no paradigma PC<sup>25</sup> dos Estudos da Interpretação. No paradigma DI<sup>26</sup>, que enfatiza o uso da linguagem na interação, pesquisadores, por outro lado, têm demonstrado interesse na fala como uma atividade situada. Isso aparece em diferentes linhas de pesquisa relevantes à interpretação como a "produção textual/discursiva": uma delas estuda a fala como a produção de enunciados linguísticos e a outra estuda os enunciados como ferramentas na criação interativa do discurso.

### 6.2.1 Da Intenção à Articulação

Ao defender que bons intérpretes devem ser oradores públicos treinados, Herbert (1952: 59) fez com que intérpretes de conferência, especialmente no modo consecutivo,

<sup>23</sup> (ver "teoria da relevância" no glossário).

<sup>24</sup> (N.T.) Assim como se utiliza ST e TT (*Source Text* e *Target Text*) em inglês para descrever os dois polos na produção de tradução, sendo ST o "texto de partida" (TP em português) e TT o "texto de chegada" (TC em português), aqui o autor utiliza *source speech*, que optei por traduzir como "discurso de partida" (DP).

<sup>25</sup> (ver "paradigma PC" no glossário).

<sup>26</sup> (ver "paradigma DI" no glossário).

influential models of production is the three-stage model of *Speaking* by Willem Levelt (1989), in which a **conceptualizer** generates ‘preverbal messages,’ a **formulator** encodes them as ‘internal speech,’ and an **articulator** produces ‘overt speech.’ This model has been adopted, among others, by Setton (1999) and de Bot (2000), whose account of bilingual language use and SI includes a critical discussion of production in early process models (< 4.4.3). One of these is the model by Gerver (1971), who was the first to stress that **monitoring** and correction are an integral part of the process of SI (see Gerver 1976: 2002). Indeed, with the ideational component largely inaccessible to research, components of the production process such as output planning and monitoring, as manifested in self-corrections and false starts, have been of particular interest to psycholinguists and interpreting researchers alike.

### 6.2.2 Hesitation and Correction

Psycholinguistic research on spontaneous speech focused on hesitation, in particular pausing, as a ‘window’ on the cognitive planning activity intrinsic to speech production. Ever since Goldman-Eisler’s ‘pausological’ approach to SI, **silent** and **filled pauses** (‘ums and ‘ahs’) have been acknowledged as significant features both of the process of output generation and of the interpreter’s output as a textual product (> 7.1.3). Lederer (1978/2002, 1981) and Setton (1999), for instance, discuss SI output in their corpora with reference to the interpreters’ pauses as reflected in their transcriptions, and Setton (1999: 246) suggests that various types of hesitancy phenomena correspond to different levels of attention. Applying the study of pauses and hesitation to consecutive interpreting, Peter Mead, in a PhD thesis completed in 2002, analyzed a large corpus of consecutive interpretations (English/Italian) with regard to both the quantitative incidence

priorizassem suas habilidades de expressão (ex. Déjean le Féal 1990: 155). Contudo, ao suporem que o processo de fala de intérpretes era idêntico ao de falantes nativos (cf. Seleskovitch 1978a: 97), psicolinguistas conseguiram elucidar os processos de produção, através de pesquisas experimentais ao longo das décadas. Um dos modelos de produção amplamente aceito é o de Willem Levelt, que separa o processo em três etapas: (1) um conceitualizador gera ‘mensagens pré-verbais’; (2) um formulador as codifica como ‘discurso interno’; (3) e um articulador produz o ‘discurso evidente’. Esse modelo foi adotado, entre outros, por Setton (1999) e de Bot (2000), cuja abordagem do uso da linguagem por bilíngues e da IS inclui uma discussão sobre a produção em modelos de processo mais antigos. Um desses modelos é o de Gerver (1971), que foi o primeiro a ressaltar a importância do monitoramento e da correção para o processo da IS (cf. Gerver 1976: 2002). De fato, com o componente ideacional pouco acessível às pesquisas, componentes do processo de produção (planejamento do *output*, monitoramento, manifestados em autocorreções e inícios falsos) têm interessado tanto psicolinguistas como pesquisadores da área da interpretação.

### 6.2.2 Hesitação e Correção

Pesquisas da psicolinguística sobre o discurso espontâneo, como exemplo Goldman-Eisler no final dos anos 50, focaram-se na hesitação, especialmente na pausa, como uma ‘janela’ na atividade de planejamento cognitivo intrínseco à produção do discurso. Desde o surgimento da abordagem pausológica<sup>27</sup> da IS, as pausas silenciosas e preenchidas (‘humms’ e ‘aahs’<sup>28</sup>) têm sido reconhecidas como recursos importantes para produção de *output* e para o *output* do intérprete como produto textual. Lederer (1978/2002, 1981) e Setton (1999), por exemplo, discutem o *output* da IS em seus corpora com referência às

<sup>27</sup> Abordagem criada por Goldman-Eisler.

<sup>28</sup> (N.T.) Onomatopeias que representam o som expresso pelo intérprete/falante entre algumas pausas.

<p>of <b>disfluencies</b> and his 45 subjects' retrospective explanations of their pausing behavior. On the basis of precise software-assisted measurements, Mead (2000) found an average proportion of pause time of 11 seconds for professionals working into their A language, compared to more than 20 seconds for student interpreters' experimental output in terms of <b>stalls</b> – that is, silent and filled pauses and lengthened syllables – and other disfluencies, such as repetitions, corrections and false starts. In a process-oriented perspective, such phenomena have been conceptualized not so much as faults and imperfections, but as typical features of orality (&gt; 7.1.3) and <b>impromptu speech</b> (Enkvist 1982) and thus of the 'spontaneous' production required of the interpreter (see Lederer 1981: 41; Pochhacker 1995b).</p> <p>The strategic nature of <b>repairs</b> in SI was demonstrated in a corpus-based study by Petite (2005), who examined authentic interpretations by eight professional interpreters and identified different types and degrees of repair. Aside from 'mid-articulatory' (i.e. within-word) repairs, she found instances of overt <b>error correction</b> as well as repairs undertaken to achieve greater <b>appropriateness</b> (in terms of precision, disambiguation or coherence). The latter were sometimes made even when the repair did not seem to justify the additional processing cost incurred, thus placing listener orientation above the interpreter's own need to minimize cognitive effort.</p> <p><b>6.2.3 From Utterance to Interactive Discourse</b></p>	<p>pausas dos intérpretes, como demonstrado em suas transcrições. Setton (1999: 246) sugere que vários tipos de fenômenos de hesitação correspondem a diferentes níveis de atenção. Em sua tese de doutorado, Mead (2002) analisou um <i>corpus</i> grande de interpretações consecutivas inglês/italiano em relação a incidência quantitativa de disfluências e a explicação dos sujeitos sobre porquê fizeram pausas. Mead (2000) descobriu que intérpretes profissionais ao trabalharem interpretando para sua língua A faziam pausas de cerca de 11s, enquanto estudantes de interpretação estagnavam<sup>29</sup> por cerca de 20s. Segundo a perspectiva orientada pelo processo, tais fenômenos têm sido conceitualizados não como falhas, mas sim como características típicas da oralidade e do discurso improvisado (Enkvist 1982), e, assim, parte da produção 'espontânea' requerida do intérprete (cf. Lederer 1981: 41; Pochhacker 1995b).</p> <p>A natureza estratégica dos reparos na IS foi demonstrada por Petite (2005), que examinou interpretações autênticas de oito intérpretes profissionais e identificou diferentes tipos de reparo. Além dos reparos 'meio-articulatórios' (ex. dentro das palavras), Petite observou também instâncias de correção de erros evidentes e reparos feitos a fim de adequar o discurso (em termos de precisão, desambiguação ou coerência). Esse último, às vezes, era feito até quando a correção não justificava o custo mental causado pelo processo adicional, impondo, assim, a orientação do ouvinte acima da necessidade de economia do esforço cognitivo do intérprete.</p>
--	---

<sup>29</sup> (N.T.) Do original *stall*, optei por traduzir o termo como "estagnar", que é o sentido de *stall* como verbo ('parar', 'pausar', 'estagnar', entre outros). Contudo, embora as outras opções de traduções fossem possíveis, optei especialmente por 'estagnar', visto que é era necessário utilizar uma palavra nova (assim como faz o autor em inglês, que utiliza termos diferentes para *stall* e *pauses*) para marcar esse termo. 'Paradas' ou 'pausas' já eram utilizadas para descrever outros pontos, logo não serviriam. Além disso, no texto em inglês o termo é negrito e explicado, porém, como a tradução comentada tem o espaço extra das notas de rodapé para explicação de conceitos, achei ser mais proveitoso trazer essa informação para cá, do que mantê-la no texto e acabar deixando o bloco longo demais. 'Estagnar', no contexto da IS, se refere ao período onde o intérprete recorre a pausas preenchidas, sílabas expandidas e outras disfluências, como falsos inícios e correções para lidar com a interpretação.

While the process leading from ideation to utterance is the focus of psycholinguistic studies of production in and by a speaking individual, research on speaking from a sociolinguistic perspective essentially investigates how two or more speakers use utterances in the process of conversational interaction. This approach to interactive discourse implies a fundamental concern with **contextual factors**, as listed early on in the mnemonic SPEAKING model (Situation – Participants – Ends – Act sequences – Key – Instrumentalities – Norms – Genres) by Hymes (< 3.2.4), which has been adopted in various domains of interpreting research. Within the ‘dialogic’ conception of discourse underlying the DI paradigm, production is viewed as a joint activity, or **inter-activity**, involving all participants as speakers and hearers in the interactions (> 8.1.1). Central to the discourse-analytical view of production is the notion of **turn-taking** as foregrounded in conversation analysis (> 8.2.1). The study of turn-taking behavior in particular highlights the role of **non-verbal features**, and **multimodality**, in discourse production by the interpreter and the primary participants (>8.2.2).

### 6.3 Simultaneity

Ever since the introduction and spread of simultaneous conference interpreting sparked off scientific interest, the issue of simultaneity has been a key topic in processing-oriented research. While simultaneity in the form of ‘overlapping talk’ and the interpreter’s multiple involvement in the interactivity of discourse also plays a significant role in dialogue interpreting research (> 8.2.1.), the

### 6.2.3 Do Enunciado ao Discurso Interativo

Enquanto o processo da ideação ao enunciado seja o foco dos estudos sobre a produção de fala na psicolinguística, pesquisas da sociolinguística sobre a fala investigam como dois ou mais falantes utilizam enunciados no processo de interação conversacional. Essa abordagem indica interesse nos fatores contextuais, como listado pelo modelo mnemônico<sup>30</sup> SPEAKING<sup>31</sup> de Hymes. Dentro da concepção ‘dialógica’ do discurso subjacente ao paradigma DI, a produção é vista como uma atividade conjunta (interatividade), que envolve todos os participantes, falantes e ouvintes, nas interações. Importante para perspectiva discursiva-analítica da produção, os turnos de fala<sup>32</sup> são destacados pela análise da conversa. O estudo dos turnos de fala destaca o papel dos recursos não-verbais e da multimodalidade na produção do discurso por parte dos intérpretes e dos participantes primários.

### 6.3 Simultaneidade

Desde que a propagação da interpretação simultânea de conferências chamou a atenção da comunidade científica, o problema da simultaneidade têm sido tópico chave nas pesquisas orientadas por processos. Embora a simultaneidade como ‘fala sobreposta’ e o envolvimento múltiplo do intérprete na interatividade do discurso também seja importante para pesquisa sobre interpretação dialógica, aqui iremos nos focar na visão clássica do problema em relação à atenção dividida nos processos produtivos e receptivos e o nível de sincronia das operações psicolinguísticas.

<sup>30</sup> (N.T.) Segundo o Dicio, Dicionário Online de Português, “mnemônico” é algo que “facilita a memorização ou ajuda a expandir a memória, através de exercícios de associação que relacionam algo simples a outra coisa complexa, tornando-a mais fácil de memorizar” (ver <https://www.dicio.com.br/mnemonic/>). Neste caso, o próprio acrônimo SPEAKING (“fala” ou “falando” em Inglês) é um operador mnemônico, que ajuda o sujeito a relembrar os processos descritos por suas letras ao combiná-las em uma única palavra.

<sup>31</sup> SPEAKING (‘falando’) é um acrônimo. Suas letras significam respectivamente: situação; participantes; fins; sequências de atos; chave; instrumentalidades; normas; gêneros). Esse modelo, criado por Hymes, é adotado por vários domínios das pesquisas sobre interpretação.

<sup>32</sup> (ver “turnos de fala” no glossário).



focus here is on the ‘classic’ view of the problem in terms of dividing attention over receptive and productive processes, and the degree of synchrony of psycholinguistic operations.

### 6.3.1 Divided Attention

Early cognitive psychologists in the 1950s and 1960s, such as Donald Broadbent and Alan Welford, worked on the long-standing assumption that **attention-sharing** is possible only for habitual, largely automatic tasks. In an experiment requiring subjects simultaneously to listen and respond to simple questions, Broadbent found that “the saying of even a simple series of words interferes with the understanding of a fresh message” and concluded that “we cannot attend perfectly to both the speech of others and to our own” (Broadbent 1952: 271ff). This was questioned in the 1969 PhD thesis by Ingrid Pinter (< 2.2.2), whose experiment with beginning and advanced students of interpreting as well as experienced conference interpreters clearly demonstrated the effect of practice on proficiency in the skill of simultaneous listening and speaking (see Kurz 1996). Welford’s suggestion, in turn, that interpreters learned to ignore the sound of their own voices so as to avoid interference, was refuted by Gerver (1971), who pointed to self-corrections in interpreted output as evidence that simultaneous interpreters were indeed monitoring their own voices.

Gerver endorsed proposals by contemporary psychologists to replace the notion of a fixed (single) channel of limited capacity by that of a “fixed-capacity central processor,” whose activity could be distributed over several tasks within the limits of the total **processing capacity** available (see Gerver 1971; 15f). This capacity-sharing approach has proved fundamental to processing models of interpreting (<4.3) and is at the heart of recent studies on working memory in SI (<5.2.4). While the principle of attention-sharing in the interpreting process is now beyond doubt, the

### 6.3.1 Atenção Dividida

Nos anos 50 e 60, os primeiros psicólogos cognitivos (ex. Donald Broadbent e Alan Welford) estudaram a antiga suposição de que a divisão da atenção se limitava às tarefas habituais e automáticas. Broadbent (1952) analisou a divisão da atenção, ao fazer com que participantes simultaneamente ouvissem e respondessem perguntas. Ele observou que “dizer até o mais simples conjunto de palavras interfere no entendimento de uma nova mensagem” e que “não conseguimos prestar atenção em dois discursos (o nosso e o de outros) ao mesmo tempo”. Posteriormente, isso foi questionado pela tese de doutorado de Pinter (1969), que demonstrou o efeito da prática na proficiência das habilidades de escuta e fala simultâneas ao analisar estudantes de interpretação e intérpretes de conferência experientes (cf. Kurz 1996). Welford, por outro lado, dizia que intérpretes aprendiam a ignorar o som de suas vozes a fim de evitar interferências<sup>33</sup>, porém essa sugestão foi refutada por Gerver (1971). Gerver apontou as autocorreções no output interpretado como evidência de que intérpretes simultâneos estavam, de fato, monitorando suas próprias vozes.

Gerver apoiou as propostas de psicólogos para substituir a noção de ‘canal fixo de capacidade limitada’ por aquela de ‘processador central de capacidade fixa’, onde a atividade poderia ser distribuída entre várias tarefas dentro dos limites da capacidade de processamento máxima disponível (cf. Gerver 1971; 15f). A abordagem da capacidade de distribuição de tarefas é bastante adotada pelos modelos de processamento da interpretação e pelos estudos atuais sobre a memória de trabalho na IS. Embora o princípio da atenção dividida já esteja bem estabelecido no processo da interpretação, o detalhamento da alocação

<sup>33</sup> (ver “interferência” no glossário).

details of interpreters' selective allocation, if not switching, of their attentional resources remain unclear.

### 6.3.2 Pauses and Synchrony

Both interpreters and psycholinguist have suggested that the simultaneous interpreter might take advantage of pauses in the source speech to avoid the simultaneity of listening and speaking. The idea that interpreters would try to crowd as much of their output as possible into the speaker's pauses (see Paneth 1957/2002: 33; Goldman-Eisler 1967: 128) was tested in the 1969 PhD thesis by Barik (< 2.2.2). Although he found support for the hypothesis in his experimental data, Barik (1973: 263) conceded that interpreters' speech activity during source-speech pauses might also be an epiphenomenon of the task as such rather than a strategy to aid performance. These doubts were confirmed by Gerver (1975, 1976) on the basis of pause-time analyses of authentic conference speeches. Employing a pause criterion of 250 milliseconds, he found that most pauses in his sample (71% of 804 pauses) lasted no more than 750 milliseconds and only 17% were longer than one second. As for the interpreter's strategic behavior, Gerver (1975: 123) concluded that "there is obviously not much he can fit into most pauses, but then neither can he avoid filling them if he is already speaking." Further evidence of the essential simultaneity of speaking and listening in SI, which had also been studied by Soviet authors (e.g. Chernov 1978; Shiryayev 1979), was supplied by Ivana Čeňková in her 1985 PhD research. Based on an oscillographic analysis of 29 minutes of fieldwork data involving Russian and Czech, Čeňková (1988) reported a ratio of concurrent activity of roughly 90% for source speeches delivered at a speed of over 200 syllables per minute.

seletiva da atenção por intérpretes (ou sua constante troca) ainda não está claro.

### 6.3.2 Pausas e Sincronia

Psicolinguistas e intérpretes sugeriram que pausas no DP<sup>34</sup> poderiam evitar a sobreposição do que se ouve/fala no modo simultâneo. Em 1969, a ideia de que intérpretes alocariam a maior quantidade de output possível durante as pausas (cf. Paneth, 1957/2002; Goldman-Eisler, 1967) foi testada pela tese de doutorado de Barik. Embora tenha encontrado dados que apoiassem essa hipótese, Barik (1973) admite que a fala de intérpretes durante as pausas no DP poderia ser fruto de um epifenômeno da tarefa em si, ao invés de uma estratégia para auxiliar a performance. Gerver (1975, 1976) confirmou isso através da análise do tempo de pausa de discursos de conferência autênticos, aplicando 250 milissegundos como critério de pausa. Gerver descobriu que a maioria das pausas (71% de 804 pausas) não duraram mais que 750 milissegundos e apenas 17% duraram mais que um segundo. Gerver (1975: 123) também analisou o comportamento estratégico e concluiu que embora intérpretes não consigam inserir muito output nas pausas, também não conseguem evitar preenchê-las se já estão falando. Ivana Čeňková também estudou a simultaneidade entre fala/escuta na IS em sua tese de 1985, assim como outros autores soviéticos (Chernov 1978; Shiryayev 1979). Ao analisar 29 minutos de interpretação de russos e tchecos através de oscilografias, Čeňková (1988) observou uma razão de simultaneidade de cerca de 90% para DPs com velocidade maior de 200 sílabas por minuto.

Além dos estudos comparativos dos tempos de pausa, que têm ressurgido graças aos programas de análise de dados da fala (ex. Lee 1999; Yagi; Tissi 2000), a sincronia entre DP e DC<sup>35</sup> na IS também é analisada através da

<sup>34</sup> (N.T.) DP designa Discurso de Partida.

<sup>35</sup> (N.T.) DC designa Discurso de Chegada.

Apart from the comparative study of pause times, which has seen a revival thanks to the availability of computer-assisted speech data analysis (e.g. Lee 1999; Yagi; Tissi 2000), the synchrony of source and target speeches in SI has also been studied by comparing speech and articulation rates, the number and duration of ‘speech bursts’ or ‘chunks’ of speech between pauses, and the number of source-target ‘overlap events’. The findings from such analyses are rather varied, however, given the differences in measurement techniques, pause criteria, language pairs, discourse types, and skill levels.

### 6.3.3 Time Lag and Segmentation

The central aspect of synchrony in SI is the ‘time lag’, also known as *décalage*, between the original speech and the interpreter’s output. Paneth (< 2.2.1), stressing that “the interpreter says not what he hears, but what he has heard” (1957/2002: 32), measured lag times in fieldwork data and found average values between two and four seconds. These stopwatch measurements were confirmed by Oléron and Nanpon (1965/2002), who employed special equipment to analyze time delays on parallel visual tracings. They found mean values of two to three seconds for various language combinations in a range between 0.5 and as much as 11 seconds. While time lag measurements depend on a number of methodological choices (see Timarová et al 2011), the average of two to three seconds, or four to five words at average presentation rates (see Gerver 1969/2002), has proven quite robust for spoken as well as signed languages. Cokely (1992a) reported average onset lag times of 2.8 seconds (min. 1 second, max, 8 seconds) for English-ASL interpretation while pointing to a considerable spread of average lag times (min. 1.7 seconds,

comparação entre os níveis de articulação e fala, da quantidade e duração de ‘quebras de fala’ ou ‘pedaços’ do discurso entre as pausas e o número de ‘sobreposições’ do DP e DC. Os resultados dessas análises, contudo, são variadas, pois as técnicas de medição, os critérios de pausa adotados, os pares de língua, os tipos de discurso e os níveis de expertise são diferentes em cada estudo.

### 6.3.3 Delay<sup>36</sup> e Segmentação

O aspecto central da sincronia na IS é o delay<sup>37</sup> (*décalage*) entre o DP e o output do intérprete. Paneth, reforçando que “o intérprete não diz o que ouve, mas o que já ouviu” (1957/2002: 32), descobriu a média de 2 a 4 segundos de delay em interpretações. Essa média foi confirmada por Oléron e Nanpon (1965/2002), que utilizaram equipamentos especializados para verificar o tempo de delay em traçados visuais paralelos. Eles descobriram a média de 2 a 3 segundos (mín. 0,5s; máx. 11s) de delay para vários pares de língua. Embora a verificação do tempo de delay dependa da metodologia empregada (cf. Timarová et al. 2011), a média de 2 a 3 segundos, ou de quatro a cinco palavras (cf. Gerver 1969/2002), é contundente na interpretação de línguas orais e sinalizadas. Cokely (1992a) encontrou a média de 2,8s (mín. 1s; máx. 8s) de delay na interpretação de Inglês/ASL, e apontou a grande diferença dos tempos de delay, que iam de 1,7 a 4,8 segundos entre os seis intérpretes analisados.

O delay também é relevante a outros processamentos simultâneos, como a tradução

<sup>36</sup> (ver “delay” no glossário).

<sup>37</sup> (N.T.) Optei por utilizar o termo “delay” ao invés de “tempo de espera” ao traduzir *time lag* para salvar espaço de texto e por ser um anglicanismo adotado pelo português, que significa “a diferença de tempo entre o envio e o recebimento de um sinal ou informação em sistemas de comunicação” (ver <https://www.significados.com.br/delay/>). Além disso, é o termo técnico mais utilizado no Brasil na área da interpretação para descrever esse processo.

<p>max. 4.8 seconds) among the six interpreters in his sample.</p> <p>Time lag is relevant also in other forms of simultaneous processing, such as sight translation and respelling, and even in consecutive interpreting. Andres (2002) used time-coded video-recordings to study lag times in note-taking and found that average lag times for 14 professional subjects working from French into German were between three and six seconds. The 14 student interpreters in her study, by contrast, tended to fall behind in their note-taking by more than six seconds, and to catch up by leaving gaps in their notes which showed up directly as omissions in their target-language output. Such evidence of processing overload as a result of note production competing with comprehension processes for scarce attentional resources (&lt; 6.3.1) highlights the link between temporal variables and underlying cognitive activities, as explored also in early experiments on SI.</p> <p>In an experiment involving constructed 100-word passages of English and French and an</p>	<p>à vista<sup>38</sup>, legendagem ao vivo<sup>39</sup> e a interpretação consecutiva. Andres (2002), utilizando vídeos com <i>timecodes</i><sup>40</sup>, encontrou o delay médio de 3 a 6 segundos na tomada de notas<sup>41</sup> de 14 intérpretes profissionais francês/alemão. Contudo, o delay de 14 estudantes de interpretação ultrapassava 6 s. Esse delay causava maiores lacunas nas anotações, que viravam omissões<sup>42</sup> no output. Essas evidências da sobrecarga do processamento como resultado das anotações, que ocorre devido à divisão dos recursos atencionais, destaca o link entre variáveis temporais e atividades cognitivas sobrepostas, como estudado nos primeiros experimentos sobre IS.</p> <p>Treisman (1965), seguindo a abordagem baseada em palavras, mediu a decalagem de tempo entre ouvir e falar ou o <i>ear-voice span</i> (EVS<sup>42</sup>)<sup>43</sup> de bilíngues (não-treinados) durante a interpretação simultânea e o <i>shadowing</i><sup>44</sup> de cem passagens construídas de inglês/francês. Ela descobriu que o EVS era maior na interpretação (4 a 5 palavras vs. 3 palavras no <i>shadowing</i><sup>45</sup>) e atribuiu isso ao</p>
--	---

<sup>38</sup> (ver “tradução à vista” no glossário).

<sup>39</sup> (ver “legendagem ao vivo” no glossário).

<sup>40</sup> Nas edições de vídeo, um segundo de vídeo é formado por diversos quadros (*frames*) que são mostrados em sequência para causar a ilusão de movimento – 25 quadros ou frames por segundo no sistema europeu PAL e aproximadamente 30 quadros por segundo no sistema NTSC americano. Para facilitar o trabalho de montagem e de manipulação de materiais de vídeo, foi inventado um código para fazer referência a qualquer frame num determinado instante. Esse código foi batizado de “timecode” e criado com 8 dígitos agrupados, para representar as horas, os minutos, os segundos e os frames, conforme o padrão seguinte: “00: 00: 00: 00”. Assim como num cronômetro, os três primeiros grupos de dois dígitos marcam, respectivamente, as horas, os minutos e os segundos. Nos dois últimos dígitos, são referenciados os frames. (ver <http://www.efeitosvisuais.com/blog/2008/07/19/video-timecode/>)

<sup>41</sup> (ver “tomada de notas” no glossário).

<sup>42</sup> (ver “omissão” no glossário).

<sup>43</sup> (N.T.) O *ear-voice span* (EVS), que pode ser traduzido literalmente como “período voz-ouvido”, foi mantido em inglês por ser utilizado em inglês na literatura dos Estudos da Interpretação no Brasil (ex. Gile, Daniel & Weininger, Markus & Santos, Giovana & Barbosa, Diego. (2015). Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição. Cadernos de Tradução. 35. 590. 10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p590). O EVS também é descrito em português como a “dcalagem de tempo entre ouvir e falar” ou o “tempo de atraso em relação ao produtor do discurso”, contudo, por suas extensões, optei por manter o termo em inglês, ocupando menos espaço no texto, mas adicionando essa descrição em sua primeira aparição para que o leitor não ficasse desamparado em relação a seus significados.

<sup>44</sup> (ver “*shadowing*” no glossário).

<sup>45</sup> (N.T.) Optei por manter *shadowing* como é em inglês, ao invés de traduzi-lo como ‘ocultamento’ ou ‘sombreamento’, pois esse termo é bastante difundido em artigos brasileiros sobre interpretação sem sua tradução (ex. NASCIMENTO, Priscila. Memória na interpretação simultânea: uma análise do sistema da

<p>essentially word-based analytical approach, Anne Treisman (1965) measured the <b>ear-voice span</b> (EVS) of (untrained) bilingual subjects during <b>shadowing</b> (i.e. immediate verbatim repetition of the input in the same language) and simultaneous interpreting. She found the EVS to be greater for the interpreting task (four to five words versus three words in shadowing) and attributed this to “the increased decision load between input and output” (1965: 369). This differential performance on a shadowing and an interpreting task was demonstrated for professional subjects by Gerver (1969/2002) and subsequently confirmed in a more ecologically valid experiment by Linda Anderson (1994), who found an average EVS of 1.4 seconds for shadowing compared to nearly three seconds for SI.</p> <p>With a focus on lag time at the beginning of new utterances, EVS has been taken to reflect segmentation of the input into ‘chunks’ serving as <b>units of translation</b>. From an experiment involving six professionals interpreting short (three to six minute) speeches in three language combinations, Goldman-Eisler (1972/2002) concluded that EVS units were not of a lexical but of a syntactic nature. EVS units mostly consisted of at least a complete predicative expression (noun phrase + verb phrase), with the verb phrase (predicate) playing a crucial correlate of EVS, Goldman-Eisler nevertheless observed that interpreters’ <b>chunking</b> behavior in output production did not follow the sequence of the input segments. Rather than “identity” between input and output chunks, Goldman-Eisler (1972/2002) found the onset of the interpreter’s output to lie either before the end of the (pause-delimited) input segment (“fission”) or after two or more chunks of input (“fusion”). Apart from her detailed consideration of the <b>language factor</b>, Goldman-Eisler (1972/2002: 73) briefly made reference also to factors like the “nature of the</p>	<p>“aumento da carga decisória entre input e output” (1965: 369). Essa diferença de performance entre os dois processos foi demonstrada por Gerver (1969/2002) e Linda Anderson (1999), que descobriu na IS uma média de 1,4s para EVS e quase 3s para <i>shadowing</i>.</p> <p>Com foco no delay presente no início de enunciados, o EVS tem sido utilizado para analisar segmentos do input (blocos), que são tratados como unidades tradutórias.</p> <p>Goldman-Eisler (1972/2002) analisou o EVS de 6 intérpretes profissionais em discursos de 3 a 6min em três combinações de línguas diferentes e concluiu que as unidades de EVS não eram de natureza lexical, mas sintática. As unidades de EVS consistiam, em sua maioria, de uma expressão predicativa completa (frase nominal + frase verbal), onde a frase verbal (predicado) desempenhava um correlato crucial do EVS. Todavia, Goldman-Eisler observou que os intérpretes seccionam a produção do output em blocos que não seguiam a sequência dos segmentos do input. Ao invés de abordar a “identidade” entre o input e o output, Goldman-Eisler (1972/2002) descobriu que o início do output do intérprete se encontra antes do final (delimitado via pausa) do segmento do input (“fissão”) ou após dois ou mais blocos de input (“fusão”). Além de sua explicação sobre o fator da língua, Goldman-Eisler (1972/2002: 73) também comentou outros fatores, como a “natureza da mensagem” e a capacidade do intérprete ou preferência por estocar ou antecipar informações do input. A ideia de que intérpretes simultâneos optam entre diferentes padrões de tempo, técnicas ou estratégias seguindo seu gosto pessoal, foi abordada por Paneth (1957/2002) e em estudos com intérpretes de língua de sinais (Llewellyn – Jones 1981; Cokely 1992a). Contudo, a natureza da mensagem tem grande impacto na atividade de processamento do intérprete, já</p>
--	--

message” and the interpreter’s capacity or **preference** for storing or **anticipating** input information (> 6.5.2). The fact that simultaneous interpreters might opt for various patterns of timing as a matter of personal preference, technique or strategy had been suggested early on by Paneth (1957/2002) and was found also in studies with sign language interpreters (Llewellyn - Jones 1981; Cokely 1992a). Without doubt, however, the ‘nature of the message’ has a strong impact on the interpreter’s processing activity as his or her preferred approach to dealing with the challenges arising from the input.

#### 6.4 Input Variables

The complex interplay of attention, comprehension and production in the interpreting process is variously affected by a number of ‘external’ factors. These relate primarily to the nature of the source message which serves as the immediate ‘input’ to the interpreter’s mental processing operations. Prior to the source-text processing as such is the issue of acoustic and/or visual access and perception.

##### 6.4.1 Sound and Vision

In interpreting from a spoken language, an essential condition for the viability of the process is the **acoustic quality** and the perceptibility of the input. In face-to-face consecutive interpreting without technical equipment, various background noises and unsuitable positioning, for instance, can impair the interpreter’s perception and thus comprehension of the original speech, but the interactive setting usually offers ways of resolving such problems. Not so in simultaneous interpreting, whether in the whispering mode, from spoken to signed languages, or in spoken-languages SI with electro-acoustic transmission systems. Since simultaneous interpreters are assumed to be

que é pessoal a escolha da abordagem para lidar com os desafios impostos pelo input.

#### 6.4 Variáveis de Input

A complexa interação entre atenção, compreensão e produção no processo da interpretação é, por muitas vezes, afetada por diversos fatores externos. Esses se relacionam à natureza da mensagem de partida, que serve como input imediato nas operações de processamento mental do intérprete. Antes do processamento do discurso de partida, há a problemática do acesso visual e/ou acústico e da percepção.

##### 6.4.1 Som e Visão

Na interpretação a partir de uma língua oral, uma condição essencial para a viabilidade do processo é a qualidade acústica e a perceptibilidade do input. No modo face-a-face<sup>46</sup> da interpretação consecutiva, ruídos do ambiente e o posicionamento inadequado, por exemplo, podem prejudicar a percepção do intérprete e, dessa forma, sua compreensão do discurso de partida. Contudo, um ambiente interativo geralmente apresenta maneiras de resolver tais problemas. Isso não ocorre na tradução simultânea de línguas orais e de sinais, seja em modo sussurrado, seja em IS através de equipamentos eletrônicos de transmissão, visto que intérpretes simultâneos trabalham no limite de suas capacidades de processamento (cf. Gile 1995b, 1999b), e a

<sup>46</sup> (N.T.) Modo face-a-face: modo sem equipamentos tecnológicos (fones, mesas de mixagem, etc.) entre o orador, o intérprete e o público.

<p>working at the limit of their processing capacity (see Gile 1995b, 1999b), the issue of sound quality is particularly acute. Gerver (1971, 1974b) investigated this in a study with 12 experienced professionals, who were asked to interpret and shadow short passages of scripted French prose into English at three different noise levels. Although Gerver's analytical techniques for assessing source-target correspondence are open to question, his findings clearly point to the detrimental effect of noise on the performance of simultaneous verbal tasks. More error and omissions were recorded for both shadowing and SI in noisy vs no-noise conditions, and the quality of the renditions deteriorated more sharply in the interpreting task. Gerver (1974b: 165) concluded that difficulty in perceiving source language input had resulted in less 'channel capacity' being available for translation and output monitoring by the interpreter. Tommola and Lindholm (1995) obtained similar results in a study with eight professionals who were asked to interpret realistic conference presentations from English into Finnish with or without the addition of white noise at -5Db. Interpretations were scored by two judges for propositional accuracy and reflected a significant of poorer sound quality on accurate performance in SI.</p> <p>While technical standards for adequate transmission quality in conference interpreting were set in the early 1980s (&gt; 11.1.1), the issue of noise, or signal quality has re-emerged with a vengeance in connection with teleconferencing and remote interpreting (&gt; 11.2). More so than sound quality, these developments impinge on the interpreter's <b>visual access</b> to the speaker and</p>	<p>qualidade acústica se torna crucial na interpretação. Gerver (1971, 1974b) investigou isso em um estudo com 12 intérpretes profissionais, que tinham de interpretar e fazer <i>shadowing</i> de passagens curtas inglês/francês sob três níveis diferentes de ruídos. Embora se possa discutir os métodos utilizados por Gerver para verificar a correspondência das mensagens de partida-chegada, sua pesquisa confirma o efeito negativo do ruído na performance simultânea de tarefas verbais. À medida que o ambiente se tornava mais inaudível, mais erros e omissões ocorriam tanto na IS quanto no <i>shadowing</i>, sendo o output na interpretação o mais afetado. Gerver (1974b: 165) concluiu que a dificuldade imposta na compreensão do input pelo ruído havia resultado em uma menor disponibilidade do 'canal de capacidade' para tradução e o monitoramento do output pelo intérprete. Tommola e Lindholm (1995) obtiveram resultados similares em um estudo feito com oito intérpretes profissionais, que interpretaram conferências reais inglês/finlandês com ou sem a adição de ruído branco<sup>47</sup> a -5DB. A precisão proposicional das interpretações foi avaliada por dois juízes, que atestaram uma deterioração no output da IS à medida que a qualidade de som diminuía.</p> <p>Apesar de normas técnicas para qualidade de transmissão terem sido estabelecidas no início dos anos 80, a problemática do ruído reemergeu fortemente com as teleconferências e a interpretação remota. Além da qualidade acústica, esses modos de interpretação impactam o acesso visual do intérprete em relação ao palestrante e ao ambiente. Embora intérpretes de conferência tenham há muito tempo expressado a importância do acesso</p>
--	---

<sup>47</sup> (N.T.) O ruído branco (*white noise*) é um tipo de ruído produzido pela combinação de sons de todos tipos de frequências. O adjetivo "branco" é utilizado para descrever o tipo de ruído por causa da forma que a luz funciona. A luz branca é a luz feita a partir de todas as diferentes cores (frequências) de luz misturadas (um prisma ou um arco-íris separa a luz branca em suas cores componentes). Da mesma forma, o ruído branco é a combinação de todas as diferentes frequências de som. Por esse motivo, geralmente, o ruído branco é utilizado para mascarar outros sons como, por exemplo, quando se liga um ventilador de um quarto para se bloquear o som de quartos vizinhos (ver <https://science.howstuffworks.com/what-is-white-noise.htm>).

proceedings. Although conference interpreters have long insisted on the need for a direct view of the meeting room, research on the role of visual information in SI has yielded an ambiguous pattern of findings. Survey research has documented conference interpreters' demands to see the speaker as well as the rest of the participants so as to have access to the full range of nonverbal visual cues, including speaker **kinesics** (gestures, facial expressions), turn-taking signals and audience reactions (see Altman 1990; Buhler 1985; Cooper et al. 1982). However, several attempts at experimentally validating the need for visual access to ensure adequate performance have failed to produce clear-cut results. In an experiment with twelve final-year students who interpreted short extemporaneous or read speeches from either audio or videotape, Balzani (1990) found significantly better performance (as assessed by two judges) in the video condition for extemporaneous texts but not for read speeches. In an earlier study by Anderson (1994), which involved twelve professional subjects who interpreted short authentic spontaneous speeches presented either with or without the video image, no such effect had been found. Similarly, Tommola and Lindholm (1995) reported no significant difference in propositional accuracy between SI with or without the video image.

#### 6.4.2 Accent and Intonation

In interpreting from spoken languages, the aspect of message delivery that relates most closely to perception is the speaker's **pronunciation** and the resulting phonetic quality of the source-language input. Like any perceptual process, the recognition of speech sounds depends on prior knowledge, and deviation from familiar acoustic-phonetic

visual, pesquisas sobre o papel das informações visuais na IS demonstram resultados ambíguos. Pesquisas de opinião têm documentado a demanda de intérpretes de conferência pelo acesso visual do orador e demais participantes, para que possam ter acesso total aos sinais não-verbais, como a linguagem corporal<sup>48</sup>, sinais de trocas de turno e as reações da audiência (cf. Altman 1990; Buhler 1985; Cooper et al. 1982). Contudo, estudos não encontraram resultados contundentes que atestassem a melhora da performance graças ao acesso visual. Balzani (1990) analisou o output de 12 intérpretes quase formados em discursos improvisados ou lidos (em áudio ou vídeo). O estudo, assistido por dois juízes, observou que o output dos discursos improvisados era significativamente melhor quando apresentavam o acesso visual (vídeo), mas o mesmo não se aplicava aos discursos lidos. Anderson (1994), ao analisar o output de 12 intérpretes profissionais em discursos espontâneos com ou sem imagens de vídeo, não observou diferenças nos outputs. Tommola e Lindholm (1995), de forma similar, não observaram diferença na precisão proposicional entre a IS sem ou com imagens de vídeo.

#### 6.4.2 Sotaque e Entonação

Na interpretação a partir de línguas orais, o aspecto da restituição da mensagem<sup>49</sup> (*delivery*) que mais se relaciona à percepção é a pronúncia do falante e a qualidade fonética resultante do input do DP. Assim como qualquer outro processo perceptivo, o reconhecimento de sons da fala depende de conhecimentos prévios, e quando esses divergem dos padrões acústico-fonéticos familiares ao intérprete, a percepção dos

<sup>48</sup> (ver "linguagem corporal" no glossário).

<sup>49</sup> (N.T.) Por ser utilizado ser utilizado nos artigos em português como *delivery*, optei por manter o termo em inglês acompanhado da tradução proposta por Cavallo (2019), que propõe em sua tese de doutorado a tradução 'restituição da mensagem'. Embora exista essa proposição de tradução, acreditei ser demasiadamente longa e cansativa quando em repetição para o leitor, logo, quando volta a ser mencionado, o termo aparece apenas como *delivery*, sem a explicação em português para auxílio.



<p>patterns is likely to make perception more difficult for the interpreter. In surveys on job stress among conference interpreters, ‘unfamiliar accent’ is cited by a majority of respondents as a frequent and serious problem (Cooper et al. 1982: 104; AIIC 2002: 25).</p> <p>The detrimental effect of a strong accent on SI performance has been highlighted in several studies (e.g. Kurz 2008; Chang and Wu 2014). Such evidence of the difficulties posed by speakers with a non-native accent is in line with findings from second-language acquisition studies on “perceptual foreign accent” (McAllister 2000), which predict greater perceptual difficulties for users of an acquired language, particularly when the speech signal is masked by noise or an unfamiliar accent. This points to the possible advantage of interpreting from one’s A into one’s B language, at least in difficult perceptual conditions, and there is some evidence suggesting that a speech delivered with a non-native accent may be less difficult to interpret if the speaker’s native language (i.e. the source of interference) is among the interpreter’s working languages (Kurz and Basel 2009).</p> <p>The input language that is most often subject to phonological, lexical and syntactic deviations is English, the world’s dominant lingua franca and conference language. Most studies have therefore focused on the problems associated with non-native features of English used by speakers of other languages. Albl-Misaka (2013) notes that <b>English as a lingua franca</b> (ELF) is likely to make additional demands on the interpreter’s processing capacity and hamper strategies</p>	<p>mesmos se torna mais difícil. Nas pesquisas sobre estresse entre intérpretes de conferência, ‘sotaques não familiares’ são apontados majoritariamente como um problema sério e frequente (Cooper et al. 1982: 104; AIIC 2002:25). O efeito prejudicial de sotaques fortes na performance da IS foi destacado em diversos estudos (ex. Kurz 2008; Chang e Wu 2014).</p> <p>As dificuldades impostas por oradores com sotaques não-nativos<sup>50</sup> aparecem, também, nos estudos sobre aquisição de segunda língua e percepção de sotaques estrangeiros (McAllister 2000), que observou dificuldade na percepção de falantes de línguas adquiridas, especialmente quando o sinal de fala é mascarado por ruídos ou sotaque não familiar. Isso demonstra uma possível vantagem para interpretação de língua A para língua B<sup>51</sup>, pelo menos em condições de difícil percepção, e há indícios que possa ser mais fácil interpretar um discurso com sotaque não-nativo se a língua nativa do orador (ex. a origem da interferência) fizer parte das línguas de trabalho do intérprete (Kurz e Basel 2009).</p> <p>A língua de input que é sujeita a maior derivação fonológica, lexical e sintática é o inglês, pois é a língua franca<sup>52</sup> dominante no mundo e nas conferências. Portanto, a maioria das pesquisas focaram nos problemas associados às características não-nativas do inglês quando falado por pessoas que não o possuem como língua A. Albl-Misaka (2013) observou que o Inglês como Língua Franca (ILF) cria mais demandas para capacidade de processamento do intérprete e dificulta estratégias como a inferência e a antecipação.</p>
---	--

<sup>50</sup> (N.T.) Sotaques não-nativos (*non-native accent*) se referem ao sotaque que falantes não nativos apresentam em certa língua. Ele pode ser identificado por nativos, geralmente, através de diferenças de tom, ritmo, escolha lexical, etc., que, embora seja nítido aos nativos, muitas vezes é imperceptível ao não-nativo.

<sup>51</sup> Segundo a AIIC, uma **língua A** se refere à língua nativa do intérprete (ou qualquer outra língua equivalente a uma língua nativa para o intérprete), com a qual ele trabalha nos modos de interpretação, simultâneo e consecutivo. A **língua B** é outra língua além da nativa do intérprete, a qual ele controla perfeitamente, ou seja, a traduz, interpreta e verte. Contudo, alguns intérpretes trabalham com sua língua B em apenas um dos modos de interpretação. Finalmente, a **língua C** é uma língua que o intérprete entende por completo e utiliza em seu trabalho (cf. GILLIAN, A. *Conference Interpreting: A Student’s Practice Book*. Londres: Routledge, 2013).

<sup>52</sup> (ver “língua franca” no glossário).

such as inferencing and anticipation. The frustration experienced by interpreters confronted with ELF is also discussed by Reithofer (2010).

In native and non-native speech alike, **intonation** and other components of **prosody**, such as tempo and rhythm, are particularly relevant to perception and understanding in the interpreting process. In an early experiment testing the impact of prosodically degraded input on the performance of simultaneous interpreters, Gerver (1971) had six professional interpreters render ten short texts from French into English. Half of the source texts had been read on tape (at 100 words per minute) with standard prosody, whereas the other half had been recorded with minimal intonation and stress and any pauses of 250 milliseconds or more eliminated. Gerver (1971) found that the monotonous (i.e. flat and inexpressive) passages had significantly lower accuracy scores, and concluded that prosodic cues like pauses, stress and intonation assist interpreters in segmenting and processing the source-language message. This was reaffirmed by Déjean le Féal (1982), who demonstrated the link between intonation patterns and the perception of input speed.

#### 6.4.3 Speed and Mode of Delivery

While interrelated with prosodic cues like intonation and rhythm, the speed of message delivery, also referred to as **speech rate**, ‘input rate’, ‘presentation rate’ or ‘delivery rate’, stands out as a key input variable in its own right. Though the rate of input can be assumed to affect the interpreting process in any mode, attention has traditionally centered on source-text speed in SI. Whereas a rate of 60 words per minute had been suggested for speakers at the Nuremberg Trial (Gaiba 1998), 100 to 200 words per minute were considered

A frustração vivenciada por intérpretes ao serem confrontados com o ILF também é abordada por Reithofer (2010). A entonação e outros componentes da prosódia, como tempo e ritmo, são relevantes para o entendimento e percepção da interpretação de discursos nativos e não-nativos. Gerver (1971) testou o impacto de inputs com prosódia ruim na performance da IS de seis intérpretes profissionais francês/inglês. Metade dos textos de partida haviam sido gravados (com cerca de 100 palavras por minuto) com prosódia padrão, enquanto a outra metade dos discursos havia sido gravada com pouca entonação e ênfase, e suas pausas maiores de 250 milissegundos foram omitidas. Gerver (1971), ao analisar 6 intérpretes profissionais restituírem 10 textos cursos do francês para o inglês, observou que passagens monótonas (ex. inexpressivas) haviam recebido interpretações pouco precisas e concluiu que as pistas prosódicas (ex. pausas, ênfase e entonação) ajudam os intérpretes a processarem a mensagem do DP. Déjean le Féal (1982) reafirma isso e demonstra o link entre os padrões de entonação e a percepção da velocidade do input.

#### 6.4.3 Velocidade e Modo de Delivery

Embora se interrelacione às pistas prosódicas (entonação e ritmo), a velocidade da fala<sup>53</sup> é uma variável de input muito importante. Apesar de poder afetar o processo da interpretação (tanto consecutiva quanto simultânea), o aspecto que mais recebe atenção das pesquisas é a velocidade do DP na IS. Embora a velocidade de 60 palavras por minutos tenha sido sugerida aos oradores no julgamento de Nuremberg<sup>54</sup> (Gaiba 1998), a velocidade definida como confortável para IS, pela AIIC<sup>55</sup>, em 1965, era de 100 a 200 palavras por minuto. Isso foi confirmado por Gerver (1969/2002), que observou a IS de dez

<sup>53</sup> Também é chamada de velocidade de input, velocidade de apresentação ou velocidade do delivery.

<sup>54</sup> (ver “julgamento de Nuremberg” no glossário)

<sup>55</sup> (N.T.) Fundada em 1953, a AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência) une mais de 3000 intérpretes de conferência em mais de 250 cidades e mais de 90 países. Os intérpretes associados à AIIC seguem um código de ética estrito e normas profissionais (ver <https://aiic.net/node/about>).

<p>comfortable for SI at an AIIIC symposium on interpreter training in 1965. This was confirmed in an experimental study by Gerver (1969/2002) with ten professional interpreters working from French into English (their A language). At input rates above the range of 95 to 120 words per minute, subjects showed a decrease in the proportion of the text correctly interpreted and an increase in ear-voice span and pausing.</p> <p>With reference to short-term-memory limitations, Gerver concluded that simultaneous interpreters can increase their output rate to cope with faster input only up to a point, at which they reach “a steady state of throughput at the expense of an increase in errors and omissions” (1969/2002: 66). As regards low-speed input, an explanation for its detrimental effect in SI was supplied by Shlesinger’s (2000a, 2003) work on the decay of unrehearsed traces in working memory (&lt; 5.2.3).</p> <p>Notwithstanding the rather clear findings for the effect of input speed, measuring this variable is in fact a complex problem. Apart from the choice of unit (words vs syllables), delivery rates depend on the frequency and duration of pauses, and thus on the <b>pause criterion</b> used to net out the <b>articulation rate</b> from the composite of speech bursts and pauses. Given the use of word counts for morphologically dissimilar languages, and the use of pause criteria varying between 7 and 600 milliseconds, it is hard to make comparisons across different studies. But even assuming that this issue can be resolved, the analyst is faced with the discrepancy between the input speed measured and the input speed actually perceived. In her 1978 dissertation based on a corpus of six authentic speeches, Déjean le Féal (1982) showed that <b>prosodic patterns</b> influence interpreters’ perception of the delivery rate: at the same objective rate, a source speech with monotonous intonation</p>	<p>intérpretes profissionais trabalhando do francês para o inglês (sendo esta a língua A deles). Os intérpretes demonstraram diminuição da precisão, aumento do EVS e das pausas em velocidades de input maiores que 95 a 120 palavras por minuto. Tendo em vista as limitações da memória de curto prazo, Gerver concluiu que intérpretes simultâneos podem aumentar a velocidade de seu output para lidar com inputs mais rápidos até certo ponto, no qual “a velocidade de <i>throughput</i><sup>56</sup> se mantém constante, mas erros e omissões aumentam” (1969/2002: 66). Shlesinger (2000a, 2003), por outro lado, pesquisou os efeitos negativos de inputs de baixa velocidade para IS, demonstrando o declínio de traços não-treinados na memória de trabalho. Apesar da evidência do efeito da velocidade de input, medir esta variável é um problema complexo. Além da escolha de unidade (palavras vs. sílabas), a velocidade da fala depende da frequência e duração das pausas e, assim, do critério de pausas utilizado para a avaliação. É difícil comparar os vários estudos sobre o tópico, visto que a contagem de palavras varia entre línguas e o critério de pausa varia entre 7 e 600 milissegundos. Contudo, mesmo que sanássemos esses problemas, também há a discrepância entre a velocidade do input medida vs. velocidade do input percebida Déjean le Féal (1982) demonstrou que padrões prosódicos influenciam a percepção da velocidade da fala: na mesma velocidade, o DP com entonação monótona e pausas curtas era percebido como mais rápido e, assim, mais difícil de se interpretar do que o discurso marcado com diferenças de entonação. Ao contrastar o discurso improvisado com a leitura de materiais escritos, Déjean le Féal pensou que seria mais fácil de entender o discurso improvisado por apresentar diversas pausas (ex. segmentos de fala mais curtos), “alívio acústico” (ex. pausas de hesitação</p>
--	--

<sup>56</sup> (N.T.) *Throughput*, como definido pelo dicionário Merriam-Webster, é a quantidade de algo (neste caso, de informação) que passa através de outro ponto (neste caso, o intérprete). Assim, na IS, o *throughput* são as informações presentes entre o input e o output.

and short pauses was perceived as faster, and more difficult to interpret, than a speech with marked intonation contours. Contrasting impromptu speech with the reading of scripted material, Déjean le Féal suggested that the former was easier to understand because a greater number of pauses (i.e. shorter speech segments), a distinct “acoustic relief” (i.e. hesitation pauses followed by stressed content words), and a higher degree of (accidental or deliberate) redundancy. Nevertheless, ‘mode of delivery’ must not be construed simply as a binary concept. As proposed by Kopczyński (1982) and developed in Pöchhacker’s (1994c) “text delivery profile”, there is a broad middle ground between improvised speech and reading, not to mention the combination of oral presentation and visual media.

#### 6.4.4 Source-Text Complexity

One of the most difficult parameters of input load is the information content of the source message. Apart from Treisman’s (1965) early attempt to calibrate her experimental input passages in terms of information per word (based on cloze testing 100 subjects on samples of ten words from each passage), few authors have systematically addressed this issue. At the **lexical** level, research might begin by considering such aspects as word frequency, lexical variability and specialized terminology (for which corpus-linguistic tools are increasingly available), move on to non-redundant items such as proper names and numbers (e.g. Gile 1984), and pay special attention to semantic phenomena like false cognates in a given language pair (e.g. Shlesinger 2000a), non-standard and culture-bound usage (e.g. Pöchhacker 2007), and ‘creative’ or humorous language use (e.g.

seguidas por palavras de conteúdo importantes) e aumento (acidental ou deliberado) da redundância. Todavia, a modalidade de restituição da mensagem não deve ser entendida como um conceito binário. Conforme proposto por Kopczyński (1982) e desenvolvido pelo Pöchhacker (1994c) em seu “perfil de oratória”, existe um meio termo entre o discurso improvisado e a leitura, além da combinação de apresentação oral e mídia visual.

#### 6.4.4 Complexidade do Discurso de Partida

Um dos parâmetros mais difíceis da carga de input é o conteúdo da mensagem de partida. Além de Treisman (1965), que tentou calibrar as informações por palavra do input (baseadas no teste de Cloze de 100 sujeitos em passagens de dez palavras cada), poucos autores abordam sistematicamente esse tópico. No nível lexical, as pesquisas começam a considerar aspectos como: frequência de palavras; variabilidade lexical; terminologia especializada (a qual necessitam de ferramentas da linguística de corpus); itens não-redundantes, como nomes próprios e números (ex. Gile 1984); e dão atenção especial aos fenômenos semânticos, como falsos cognatos (ex. Shlesinger 2000a); usos não-padronizados da língua e uso ligado à cultura (ex. Pöchhacker 2007); e o uso do humor ou linguagem ‘criativa’ (ex. Viaggio 1996). Apesar do valor de tais pesquisas, a complexidade informacional de um texto/discurso não pode ser atrelada às dificuldades do nível lexical. Assim como as medições dos testes de legibilidade<sup>57</sup> (ex.

<sup>57</sup> “Na biografia estrangeira, há registros de pesquisas sobre legibilidade (*readability*) pelo menos desde os anos 1920, conforme assinalam Davison e Green (1988, p.121), que afirmam que esses estudos surgiram a partir da necessidade de adequar materiais de leitura a públicos específicos. Os estudos baseavam-se no pressuposto de que todos os problemas de leitura estão relacionados a traços textuais mensuráveis, os quais, após a sua identificação, são inseridos em fórmulas cujos resultados estimam a legibilidade de um texto. Os traços mais comumente mensurados, até hoje, são a dificuldade lexical, baseada na frequência e na extensão das palavras, e a dificuldade imposta pelo tamanho da sentença, a partir do cálculo do número de

<p>Viaggio 1996). Notwithstanding the value of such research, the informational complexity of a text clearly could not be pegged to difficulties at the lexical level.</p> <p>Nor has the use of readability measures (e.g. Flesch-Kincaid, Flesch Reading Ease), which are based on sentence length (lexical density) and word length, proved effective in predicting source-text difficulty in interpreting (Liu and Chiu 2009). With a view to auditory processing, Alexieva (1999) proposed “listenability coefficient” based on the ratio of implicit (i.e. condensed, participial) to explicit <b>predications</b>. Similarly, Dillinger (1994), studying the effect of text structure on interpreters’ comprehension, focused on propositions and related them to their syntactic environment in terms of clause density and embedding as well as textual macro-structures (“frames”).</p> <p>Dillinger’s experiment, though criticized from some questionable choices of design, showed a clear negative effect of <b>propositional density</b> on accuracy of interpreting, with lower accuracy for propositions in embedded clauses. Tommola and Heleva (1998), in an experimental study with student interpreters working from English into Finnish, similarly found a significant effect of syntactic complexity on output accuracy as measured by propositional analysis. In contrast, <b>syntactic variables</b> as such (clause density and clause embedding) had only a weak overall effect on performance in Dillinger’s English-French study. This would seem to agree with the conclusion drawn by Setton (1999) from his corpus-based analysis of professional Chinese-English and German-English SI that “syntactic structure ... does not of itself constitute an obstacle to SI” (1999: 270).</p>	<p><i>Flesch-Kincaid e Flesch Reading Ease</i>), que não se provaram efetivas para prever a dificuldade do discurso de partida na interpretação (Liu e Chiu 2009). Com vista ao processamento auditório, Alexieva (1999) propôs o “coeficiente auditivo”<sup>58</sup> se baseando na proporção de predicacões implícitas (ex. condensadas, participais) para explícitas. Dillinger (1994), ao estudar o efeito das estruturas de texto na compreensão de intérpretes, também se focou nas preposições e as relacionou ao seu ambiente sintático em relação à densidade de suas orações e subordinações, assim como macroestruturas textuais. Embora tenha sido criticado por suas escolhas de desenho, o experimento de Dillinger demonstrou o efeito negativo da densidade proposicional na precisão da interpretação, com menos precisão nas preposições de orações subordinadas. Em um estudo experimental com estudantes de interpretação inglês/finlandês, Tommola e Heleva (1998) também encontraram efeitos significativos da complexidade sintática na precisão do output, como mensurado pela análise proposicional. Por outro lado, apenas no estudo de Dillinger com inglês/francês as variáveis sintáticas (densidade das orações e orações subordinadas) tinham pouco efeito sobre a performance. Isso parece ir de acordo com Setton (1999), que, utilizando a análise de corpus na IS profissional chinês/inglês e alemão/inglês, disse que “a estrutura sintática em si não é um obstáculo para IS” (1999: 270).</p> <p>No nível da tipologia textual, intérpretes profissionais e sujeitos não-treinados tiveram melhores performances na passagem de narrativa do que no texto descrevendo um procedimento, em Dillinger (1994). Visto que os dois textos possuíam número de palavras,</p>
--	--

palavras por sentença” (cf. PASQUALINI, B. *Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos da literatura para leitores com letramento básico*. 155 f. Trabalho de Conclusão de Curso – UFRGS, Porto Alegre, 2012). Um exemplo de teste de legibilidade é o *Flesch-Kincaid*, que calcula o quão legível um texto é a partir do cálculo da relação de suas palavras, sílabas e frases, através da fórmula:  $206.835 - 1.015 \times (\text{palavras/orações}) - 84.6 \times (\text{sílabas/palavras})$ .

<sup>58</sup> (N.T.) Traduzido do inglês *listenability coefficient*, o coeficiente auditivo mede a capacidade do ouvinte captar o áudio da mensagem.

Finally, at the level of **text type**, the professional as well as untrained subjects in Dillinger's (1994) study performed significantly better on the narrative passage than on the text describing a procedure. Since the two texts were closely matched for the number of words, clauses, cohesive elements and propositions, Dillinger attributed his findings to the effect of the informational structure and concluded that the sequence of episodes making up the narrative text was more amenable to comprehension than the hierarchical structure of procedures and subprocedures.

### 6.5 Strategies

A goal-directed complex activity, interpreting has been conceptualized as an essentially 'strategic' process, particularly by researchers viewing it in terms of cognitive information-processing or text-processing skills (van Dijk and Kintsch 1983). A wide array of psycholinguistic processing steps has been discussed under the heading of 'strategy', defined as a 'goal-oriented process under intentional control' (see Kalina 1998: 99). Interpreting-related strategies, variously referred to also as 'techniques' or 'tactics', can be classified in different ways. With a view to the overall task, one can distinguish between **on-line** strategies (as considered here) and **off-line** strategies preceding or following translational cognitive processing as such (e.g. preparing glossaries or marking up documents). On-line strategies, in turn, may be specific to or typical of a given **mode** of interpreting. This applies for instance to note-taking in consecutive interpreting and lag adjustment in the simultaneous mode, even though notes may also be used in the booth and time lag may be significant in note-taking behavior (< 6.3.3). Though strategic behaviors can be assumed to be vital also for discourse

orações, elementos coesivos e proposições similares, Dillinger atribuiu esse resultado ao efeito da estrutura informacional e concluiu que a sequência de episódios que constituía o texto narrativo era mais compreensível do que a estrutura hierárquica dos procedimentos e sub procedimentos do texto técnico.

### 6.5 Estratégias<sup>59</sup>

Por ser uma atividade complexa e orientada por objetivos, a interpretação é como um processo 'estratégico', principalmente por pesquisadores que a veem em termos de habilidades de processamento de informações cognitivas e processamento de textos (van Dijk e Kintsch 1983). Várias etapas do processamento psicolinguístico têm sido abordadas sob o nome de 'estratégias', definidas como "um processo orientado por objetivos ou sob controle intencional" (cf. Kalina 1998: 99). As estratégias da interpretação, também chamadas de técnicas ou táticas, podem ser classificadas de diversas formas. Tendo em vista a tarefa da interpretação, podemos distinguir as estratégias entre *online* (como descritas aqui) e *offline*, que são anteriores ou posteriores aos processamentos cognitivos translacionais (ex. preparar glossários ou grifar documentos). As estratégias *online* podem ser específicas ou típicas de um modo de interpretação. Isso se aplica, por exemplo, à tomada de notas na interpretação consecutiva e ao ajustamento de delay na IS, embora as anotações também possam ser usadas na cabine<sup>63</sup> e o delay possa ser significativo na tomada de notas de forma geral. Embora os comportamentos estratégicos sejam vitais também para o controle do discurso na interpretação dialógica, a maioria dos estudos sobre

<sup>59</sup> (ver "estratégias" no glossário).

<sup>60</sup> A cabine (cabine de tradução) é onde os intérpretes simultâneos se posicionam para interpretar uma palestra ou conferência. As cabines de interpretação simultânea devem seguir a norma ISO 2603:2016 (ver <https://www.iso.org/standard/67065.html>).

management in dialogue interpreting (> 8.2.1), most work on the subject of strategies to date has focused on simultaneous conference interpreting, particularly in relation to the ‘classic’ issue of structural dissimilarity between the source and target languages.

### 6.5.1 Norms, Strategies, Constraints

The topic of processing strategies in interpreting has been closely linked with difficulties arising from the interpreter’s input. In particular, high delivery speed (< 6.4.4) have been cited as factors inducing high processing loads and thus requiring coping strategies, especially under the temporal and cognitive constraints of SI. And yet, as demonstrated by Shlesinger (1999, 2000a, 2000b), strategies cannot be accounted for purely in terms of input load. Rather, the interpreter’s awareness of – and attempt to meet – certain expectations regarding his or her product and performance, which Chesterman (1993) refers to as translational “expectancy norms”, may be as powerful as cognitive constraints in shaping the interpreter’s strategic response. A performance standard such as fluent and smooth output, for instance, internalized in the course of an interpreter’s training and professional experience, could be taken to license certain kinds of omissions or additions (see Shlesinger 1999). This suggests a distinction between **process-oriented** strategies for **coping** with high-load-inducing input (> 6.5.2) and **product-oriented** strategies for **communicating** effectively with the target-language audience (> 6.5.3). The line between the two would be hard to draw, however. Gile (1995b), for example, addressing the interplay between strategic and norm-guided behavior, suggest that an interpreter’s choice of “coping tactics may be guided by various “rules”, such as “maximizing the communication impact of the speech” or “self-protection” (1995b: 201ff).

estratégias, até o presente momento, têm focado na interpretação simultânea de conferências, principalmente em relação ao problema ‘clássico’ das dissimilaridades estruturais entre as línguas de partida e chegada.

### 6.5.1 Normas, Estratégias e Restrições

Na interpretação, as estratégias de processamento têm sido conectadas às dificuldades que surgem do input do intérprete. Em especial, a alta velocidade de fala, que é citada como indutora do aumento da carga de processamento e que, portanto, requer estratégias de enfrentamento, principalmente sob as restrições temporais e cognitivas da IS. Contudo, como demonstrado por Shlesinger (1999, 2000a, 2000b), essas estratégias não dependem apenas da carga do input, mas da consciência do intérprete e da sua tentativa de cumprir certas expectativas de produção e performance. Chesterman (1993) se refere a isso como “normas de expectativa” translacionais, que podem ser tão poderosas quanto as restrições cognitivas, na formação da estratégia de resposta do intérprete. A expectativa de performances com output fluente e fluído, que intérpretes internalizam durante sua formação e experiência, por exemplo, pode ser utilizada como uma licença para cometer certas omissões e adições (cf. Shlesinger 1999). Isso sugere que façamos uma distinção entre estratégias orientadas por processos, para lidar com inputs de alta carga, e estratégias orientadas por produto, que buscam uma comunicação efetiva para com a audiência da língua de chegada. Todavia, a linha que difere os dois tipos de estratégia é tênue. Gile (1995b), por exemplo, ao abordar a interação entre comportamentos normativos e estratégicos, sugeriu que a escolha de um intérprete por “táticas de enfrentamento pode ser guiada por várias ‘regras’, como ‘maximizar o impacto da comunicação do discurso’ ou ‘autoproteção’” (1995 b: 201 ff).

### 6.5.2 Enfrentar a Estrutura: Tempo, Reestruturação e Antecipação

### 6.5.2 Coping with Structure: Timing, Restructuring and Anticipation

Ever since Glémet (1958: 120f) described output production in SI as involving “mortgaging your grammatical future”, researchers have studied ways of coping with the challenge of dissimilar grammatical structures. Kade (1967), Kirchhoff (1976/2002) and others giving special consideration to German as a source language mentioned the strategy of **waiting**, if not ‘for the verb’, as anecdotes would have it, at least for further disambiguating input. In line with Herbert’s (1952: 65) injunction against any pauses in the interpreter’s speech, waiting for further input can take the form of **stalling**, that is, slowing down delivery or using ‘neutral padding expressions’ or ‘fillers’, that is, slowing down delivery or using ‘neutral padding expressions’ or ‘fillers’ (e.g. Glémet 1958: 121; Kirchhoff 1976/2002: 116). However, the higher storage load resulting from such **lagging** strategies limits their application and suggests the need for more pre-emptive action such as segmentation, or **chunking**, also referred to as “salami technique” (Jones 1998: 101). As described by Kirchhoff (1976/2002), among others, this involves extracting and rendering independent input segments at phrase or clause level before the end of a complex input structure.

Seleskovitch and Lederer (1995: 125) refer to this widely taught strategy as “working with subunits of sense”. Chunking and the reformulation strategies associated with it have been studied on the basis of experimental as well fieldwork data. Meuleman and Van Besien (2009), for example, analyzed the strategies adopted by 15 professional interpreters in coping with a syntactically complex passage (French-Dutch). They observed that eight out of the ten interpreters

Desde que Glémet (1958: 120f) disse que a produção de output na IS envolvia “hipotecar o próprio futuro gramatical”, pesquisadores têm estudado maneiras de enfrentar as estruturas gramaticais dissimilares. Kade (1967), Kirchhoff (1976/2002) e outros pesquisadores deram atenção especial ao alemão como língua de partida na análise da estratégia de espera, seja pelo verbo<sup>61</sup>, seja pela maior desambiguação do input. De acordo com a admonição de Herbert (1952: 65) contra as pausas no output de intérpretes, a espera também pode ser parte da estratégia de estagnação, isto é, quando o intérprete diminui a velocidade do output ou usa expressões neutras para preencher espaço (ex. Glémet 1958: 121; Kirchhoff 1976/2002: 116). Entretanto, as estratégias de retardamento aumentam a carga de armazenamento e limitam sua aplicação, o que induz ações mais preventivas, como segmentar (seccionar), também chamada de “técnica do salame” (Jones 1998: 101). Como descrito por Kirchhoff (1976/2002), isso exige a extração e restituição de segmentos independentes do input (nível frasal ou da oração) antes do fim de uma estrutura complexa.

Seleskovitch e Lederer (1995: 125) se referem a essa famosa estratégia como “trabalhar com subunidades de sentido”. As estratégias de segmentação e reformulação associadas a ela têm sido pesquisadas por estudos experimentais. Meuleman e Van Besien (2009), por exemplo, analisaram as estratégias adotadas por 15 intérpretes profissionais ao lidarem com uma passagem sintaticamente complexa (francês/holandês). Eles observaram que 8 dos 10 intérpretes haviam usado a segmentação para restituir a passagem de forma aceitável, enquanto os outros dois

<sup>61</sup> O alemão pode seguir a ordem SOV (sujeito, objeto e verbo), embora não seja uma língua estritamente de tal natureza, se não o contrário, haja vista que todas as seis combinações são possíveis na tipologia alemã (SOV, OVS, VSO, VOS, OSV), além da já mencionada SOV. (ver NOBREGA, Rogério. O recuo dativo alemão em -e: uma perspectiva diacrônica. GMHP, São Paulo. Disponível em: [http://www.usp.br/gmhp/Sem/P5\\_12.pdf](http://www.usp.br/gmhp/Sem/P5_12.pdf). Acesso em: 02 jan. 2021). A estratégia da espera faz sentido para interpretação de línguas SOV, pois para compreender a ação é necessário esperar até o final da frase.



<p>who produced an acceptable rendering of the eight-layer-deep syntactic construction did so using segmentation, whereas the other two resorted to ‘tailing’, that is, using similarly complex syntax in the target language.</p> <p>The most widely discussed strategy of SI, however, is <b>anticipation</b>. Aside from its fundamental role in comprehension in the broader sense of expectation-based (‘top-down’) processing (&lt; 6.1.2), anticipation is defined specifically as the simultaneous interpreter’s production of a sentence constituent before the corresponding constituent has appeared in the source-language input (see Setton 1999: 52). This mainly occurs in SI from languages with a subject-object-verb (SOV) sentence structure into SVO languages, in which the verb is needed earlier in the sentence. Authors such as Wilss (1978) and Lederer (1978/2002, 1981) have described and exemplified various subtypes of syntactic anticipation and made a basic distinction between ‘linguistic anticipation’ (i.e. ‘word prediction’ based on familiar lexico-grammatical patterns) and ‘extra-linguistic anticipation’ on the basis of ‘sense expectation’. Linguistic anticipation and the search for structural transfer regularities constituted a point of interest for interpreting scholars working in the tradition of the Leipzig School (&lt; 2.3.1). This is the best reflected in the large-scale experimental study of syntactic strategies in Russian-German SI carried out in the PhD research by Salevsky (1987). While most German authors, and not they alone, seem to have shared the belief that “any SI process is language-pair-specific” (Wilss 1978: 350), scholars in the IT tradition have played down the role of syntactic asymmetries. Aside from theoretical argument, the question has been investigated in various empirical studies, including Gile’s</p>	<p>foram ‘seguindo atrás’<sup>62</sup> do DP, isso é, usaram uma sintaxe similarmente complexa na língua de chegada. Contudo, a estratégia mais discutida na IS é a antecipação. Além de ser fundamental na compreensão do processamento baseado em expectativas (<i>top-down</i>), a antecipação é definida como a produção de um constituinte da frase pelo intérprete antes mesmo desse ter aparecido no input da língua de partida (cf. Setton 1999:52). Isso ocorre principalmente na IS de línguas SOV para línguas SVO, nas quais o verbo é necessário no início da oração. Autores como Wilss (1978) e Lederer (1978/2002, 1981) descreveram vários subtipos de antecipações sintáticas e fizeram uma distinção básica entre ‘antecipação linguística’ (ex. ‘predição de palavras’ baseadas em padrões léxico-gramaticais familiares) e ‘antecipação extralinguística’, baseada na ‘expectativa de sentido’. A antecipação linguística e a busca pela transferência estrutural de regularidades interessaram aos pesquisadores da interpretação da Escola de Leipzig, como demonstrado pela tese de doutorado de Salevsky (1987), que analisou em estudo experimental de larga escala as estratégias sintáticas utilizadas na IS de russo/alemão. Enquanto a maioria dos autores alemães, embora não estejam sozinhos, acreditam que “qualquer processo na IS é específico do par de língua” (Wilss 1978: 350), os estudiosos da TI não deram tanta atenção ao papel das assimetrias sintáticas. Essa questão foi investigada em vários estudos empíricos, como Gile (1992a), que analisou a extensão e a função de finais previsíveis de orações no japonês; Alessandra Riccardi (1996), com estudantes e profissionais da interpretação alemão/italiano; e Udo Jorg (1997), que analisou a antecipação dos verbos na IS alemão/inglês. O experimento de Jorg, que</p>
--	---

<sup>62</sup> (N.T.) No inglês, a alternativa utilizada por esses 2 intérpretes é descrita como *tailing*. Literalmente, esse termo poderia ser descrito como ‘perseguindo’ ou ‘seguindo’ algo ou alguém. Assim, tendo em mente a tradução literal de *tailing* mais a descrição provida pelo autor a ela: *using similarly complex syntax in the target language* ou “usaram uma sintaxe similarmente complexa na língua de chegada”, optei por traduzir como ‘os dois intérpretes foram **seguindo atrás** do DP’, visto que descreve a ação do intérprete que cola seu discurso no DP, o que acaba, por muitas vezes, soando como um discurso não natural aos ouvintes.

<p>(1992a) corpus analysis of the length and function of predictable sentence endings in Japanese; Alessandra Riccardi's (1996) experiment on German-Italian SI with students and professional subjects; and the study on verb anticipation in German-English SI by Udo Jorg (1997). Jorg's experiments, which involved both student subjects and professionals with either English or German as their A language, addressed the issue of directionality as well as expertise. Whereas his finding pointed to a slight superiority for anticipation from the interpreter's A language, the opposite result was found by Bartłomiejczyk (2006) in her study on directionality in Polish/English SI. More recent corpus-based analyses have suggested that strategic anticipation in SI from SOV into SVO languages may occur as frequently as once every 1.5 minutes. Even so, Setton (1999) uses the findings from his German-English and Chinese-English corpus analysis to express skepticism about a "strategies-for-structure" approach, pointing out that "marked syntactic structure alone does not obstruct SI" (1999: 282), and foregrounding instead the cognitive-pragmatic processing of linguistic and contextual cues.</p> <p><b>6.5.3 Communicating Content: Condensation and Adaptation</b></p> <p>Strategies relating to various forms of adaptive processing of content evidently bear on the fundamental topic of performance standards and 'quality' (&gt;10.4). Nevertheless, some content-processing strategies, particularly of the 'reductive' kind, have been analyzed primarily as forms of coping with processing constraints. This applies especially to the strategy of <b>compression</b>, or</p>	<p>envolvia estudantes e profissionais da interpretação com inglês ou alemão como língua A, abordou tanto a direcionalidade quanto a expertise. Enquanto suas descobertas apontam uma leve superioridade da antecipação quando o intérprete trabalha a partir da sua língua A, o contrário foi observado por Bartłomiejczyk (2006), que analisou a direcionalidade da IS polonês/inglês. Análises mais recentes baseadas em corpora sugerem que na IS de línguas SOV para línguas SVO, a antecipação estratégica pode ocorrer de maneira frequente a cada 1,5 minutos. Ainda assim, Setton (1999) usou as descobertas de sua análise de corpus alemão/inglês e chinês/inglês para se posicionar contra a abordagem de "estratégias por estruturas", apontando que uma "estrutura sintaticamente marcada, por si só, não obstrui a IS" (1999: 282), destacando o processamento cognitivo-pragmático das pistas linguísticas e contextuais.</p> <p><b>6.5.3 Comunicar o Conteúdo: Condensação e Adaptação</b></p> <p>As estratégias que se relacionam às várias formas de processamento adaptativo de conteúdo influenciam<sup>63</sup> o tópico dos padrões de performance e qualidade. Todavia, algumas estratégias de processamento de conteúdo, principalmente as redutivas, têm sido analisadas como formas de enfrentamento contra as restrições de processamento. Isso se aplica especialmente à estratégia de compressão (abstração), que busca lidar com inputs de alta velocidade e/ou alta densidade de informação na IS. Chernov (1978, 1994), assim como muitos pesquisadores da Europa Ocidental, abordou a compressão e a omissão lexical e sintática em</p>
--	---

<sup>63</sup> (N.T.) No inglês, as estratégias que se relacionam às formas de processamento adaptativo de conteúdo *bear on* no tópico de performance e qualidade. *Bear on* possui algumas acepções diferentes, que podem ser traduzidas como "ter efeito sobre algo", "afetar algo", "se relacionar a algo" e "se aplicar a algo". Naturalmente, dizer que algo "afeta" ou apenas se "relaciona" gera ideias bem diferentes para os leitores. Buscando um meio em comum para reunir todos os significados que *bear on* pode significar nesse ponto, optei por traduzir *bear on* como "influenciam", pois não é tão forte quanto "afeta", mas não tão leve quanto "relaciona", e que une a importância que essas estratégias possuem sob o tópico de performance e qualidade.

<p>‘abstracting’, in response to high input speed and/or information density in the simultaneous mode. As early as the 1960s, Chernov (1978, 1994) discussed lexical and syntactic compression and omission in response to excessive input speed, and the issue was taken up by several interpreting researchers in Eastern Europe. In a similar vein, Kirchhoff (1976/2002: 116) envisaged strategic “information reduction ... through selection (omission of irrelevant information).” An empirical demonstration of this is offered by Napier (2004), who used retrospective protocols to analyze the performances of ten professional interpreters working from English into Australian Sign Language and found that some of their omissions corresponded to conscious strategic decisions. In a similar study with 36 advanced interpreting students working between Polish and English, Barlomiejczyk (2006) found compression to be one of the most frequently used strategies, particularly when interpreting into the B language.</p> <p>The fact that compression can be viewed not only as a ‘rescue technique’ but also as a strategic orientation underlying the translational process is best illustrated with reference to consecutive interpreting. Herbert (1952: 67) stipulated that full consecutive interpretation should only take up 75% of the time taken by the speaker. Such a reduction was to be achieved by speaking at a faster pace and avoiding repetition, hesitation, and redundancy. From an experimental corpus of Spanish-Danish consecutive interpretations produced by ten students and two professional interpreters, Helle Dam (1993) concluded that “text condensing”, achieved by various types of substitutions and omissions, was a necessary and usually good interpreting strategy. With reference to SI, UN chief interpreter Sergio Viaggio (1991: 51) argued that “saying it all” – that is, reproducing the sense of the message with all stylistic and semantic nuances – was not always necessary</p>	<p>inputs de altíssima velocidade. Em um estudo similar, Kirchhoff (1976/2002: 116) previa a “redução de informação estratégica [...] através da seleção (omissão de informações irrelevantes)”. Napier (2004) demonstrou isso de forma empírica ao analisar a performance de dez intérpretes profissionais inglês/auslan<sup>64</sup>. Através de protocolos retrospectivos, Napier observou que algumas das omissões correspondiam a decisões estratégicas conscientes. Já Barlomiejczyk (2006), que analisou 36 estudantes de interpretação avançados polônês/inglês, observou que a compressão era uma das estratégias mais frequentemente utilizadas, principalmente na interpretação para língua B. Como demonstrado pela interpretação consecutiva, a compressão não é apenas uma “técnica de emergência”, mas uma orientação estratégica subjacente ao processo translacional. Herbert (1952: 67) estipulou que uma interpretação consecutiva usaria apenas 75% do tempo integral utilizado pelo orador. O intérprete conseguiria reduzir o tempo ao evitar a repetição, hesitação, redundância presente no DP e ao acelerar sua velocidade de fala. Ao analisar um <i>corpus</i> de interpretações consecutivas de 10 estudantes de interpretação e 2 intérpretes profissionais espanhol/dinamarquês, Helle Dam (1993) concluiu que a “condensação do texto”, obtida através de vários tipos de omissões e substituições, era necessária e uma boa estratégia de interpretação. Em relação à IS, o intérprete chefe da ONU, Sérgio Viaggio (1991: 51), argumentou que “dizer tudo”, isto é, reproduzir o sentido da mensagem com todas as nuances estilísticas e semânticas, não é sempre necessário para que o intérprete “transmita todo o sentido”. Essa visão se aproxima da perspectiva “transferência baseada no sentido vs. transferência verbal” na interpretação e da distinção básica entre abordagens baseadas na forma e abordagens baseadas no significado, como examinado por Dam (1998/2002, 2001).</p>
--	---

<sup>64</sup> (N.T.) Auslan é a Língua de Sinais Australiana.

<p>for the interpreter to “convey all of the sense”. The latter explicitly relates to the sense-based vs verbal-transfer view of the interpreting process and to the basic distinction between a <b>form-based</b> and a <b>meaning-based</b> interpreting approach, as examined empirically by Dam (1998/2002, 2001).</p> <p>The case for a ‘synthetic’ rather than a ‘saying it all’ approach rests on the basic strategy of ‘condensation’, or <b>implicitation</b>. The latter term in particular points to the link between various techniques of compression and the language pair involved: what needs to be said or may remain unstated also depends on the language and culture in question. Conversely, and quite apart from its postulated status as a universal feature of Translation, <b>explicitation</b> may be needed as a strategy to circumvent linguistic and socio-cultural differences (e.g. Gumul 2006, Livingston et al. 1994). More generally, Kohn and Kalina (1996: 127) posit the need for <b>adaptation</b> strategies with regard to target-discourse conventions, including “appropriate cultural adaptations”. This issue has been touched on by many authors (e.g. Kondo and Tebble 1997) but has received very little systematic attention as a topic of empirical research. Exceptions include the fieldwork study by Chang and Wu (2009), who found that conference interpreters tended to render forms of address in line with target-cultural conventions, even though their communicative strategies in SI were also influenced by cognitive constraints.</p>	<p>Uma abordagem mais sintética ao invés de uma literal (que “diz tudo”), se apoia na estratégia de condensação (ou implicação). A condensação aponta para a conexão entre várias técnicas de compressão e o par de línguas envolvido: o que é preciso ser dito ou o que se manterá omitido também depende da língua ou cultura com que se está trabalhando. Por outro lado, bem distante de seu status postulado como característica universal da Tradução, a estratégia de explicitação pode ser necessária para contornar as diferenças socioculturais e linguísticas entre os pares de línguas (ex. Gumul 2006, Livingston et al. 1994). Kohn e Kalina (1996: 127), de forma mais geral, postularam a necessidade de estratégias de adaptação para lidar com as convenções do DC, como adaptações culturais. Esse tópico foi abordado por muitos autores (ex. Kondo e Tebble 1997), porém tem recebido pouca atenção sistemática pelas pesquisas empíricas. Chang e Wu (2009), por exemplo, observaram que intérpretes de conferência tendem a restituir pronomes de tratamento seguindo as convenções culturais da língua de chegada, mesmo que suas estratégias comunicativas na IS também fossem influenciadas por restrições cognitivas.</p>
--	--

## GLOSSÁRIO

### Compreensão

A **compreensão** é pré-requisito fundamental do processo da interpretação, que é o ato de expressar em outra língua o que se entendeu de um texto, discurso, fala, etc. A compreensão da linguagem é objeto de estudo de muitas disciplinas, que incluem a Linguística, a Psicologia e a Neurociência. Por isso, há muitos modelos analíticos para se representar o processo de compreensão. Contudo, há um consenso sobre o processo cognitivo ‘construtivo’ que ocorre através de diferentes níveis, do fonológico, léxico e sintático aos níveis do texto e do discurso no contexto situacional. De maneira geral, modelos de compreensão aceitos atualmente, como o Modelo de Construção-Integração (Kintsch 1988, 2004), o Sistema de Construção de Estrutura (Gernsbacher 1990) e o Modelo de Panorama (van den Broek et. al 1999, 2005), descrevem a compreensão como um processo dinâmico que abrange operações de micro e macro processamentos na construção de representações internas (linguísticas ou abstratas) de um evento em particular. O micro processamento inclui operações de baixo nível, que permitem a identificação de informações linguísticas explícitas no texto, enquanto o macro processamento utiliza estratégias de alto nível para integrar a informação textual com conhecimentos prévios e com o contexto comunicativo (Ericsson e Kintsch 1995; Kintsch 1988, 2004; van Dijk e Kintsch 1983).

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. BAJO, Maria; PADILLA. Comprehension. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 70 – p. 73).

### Delay

Na IS, o **delay** (ou *décalage*) é o espaço de tempo existente entre a entrega do discurso de partida e a produção do output pelo intérprete simultâneo. Também se utiliza o termo *ear-voice span*, o EVS, para se referir ao intervalo entre o intérprete ouvir o DP e, então, realizar seu DC ou sua interpretação do que foi dito. Embora seja geralmente aplicado à interpretação de línguas orais, o delay também ocorre na interpretação de língua de sinais, tradução à vista e nas tomadas de notas da interpretação consecutiva. Pouco se sabe sobre o delay de interpretação de língua de sinais, onde a modalidade visual da língua torna mais difícil mensurar o espaço de tempo, mas pesquisas descritivista indicam que seja muito similar ao delay da interpretação de línguas orais. É observado uma média de dois a três segundos que, parcialmente, são consequência de limitações cognitivas humanas. O delay é tradicionalmente mensurado através de unidades de tempo, mas outras medições também são utilizadas, como o número de palavras, e seu estudo levanta questões importantes sobre o que realmente acontece durante esse intervalo de tempo e quais são seus limites e padrões. Desde o início dos estudos sobre a IS, psicólogos e intérpretes analisam o delay. A média do tempo de delay, geralmente, é mensurada através de pontos de medida entre dois a quatro segundos, porém pontos individuais podem ser maiores que dez segundos e, até mesmo, negativos, onde a verdadeira antecipação acontece. Contudo, o tempo de delay pode variar dependendo do intérprete ou do tipo de discurso.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. TIMAROVÁ, S. Time Lag. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 418 – p. 420).

### **Desverbalização**

Dentro da Teoria Interpretativa da Interpretação, desenvolvida por Danica Seleskovitch e seus estudantes da *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs* (ESIT), a **desverbalização** é um dos três processos que ocorrem durante a interpretação para transmissão de significado. Uma vez que o sentido, em suas dimensões nocionais e emocionais, é compreendido, sua “casca” linguística inicial é descartada, e a mensagem se torna “livre da linguagem”, fixando-se apenas como representação mental na mente de intérpretes. A partir da desverbalização, intérpretes podem reformular o sentido e o retransmitirem para a língua de chegada, como seria feito na comunicação intralingual (ex. pôr ideais em palavras). Estudos empíricos da interpretação consecutiva e da interpretação simultânea demonstram que a compreender um segmento de fala significa desverbalizá-lo. Contudo, como apontam estudiosos da Teoria Interpretativa da Interpretação, a desverbalização não é uma característica natural apenas da interpretação, mas também da comunicação humana; isso também é reforçado por linguísticas pragmáticos, escritores e psicólogos cognitivos.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. LEDERER, Marianne. Interpretative Theory. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 206-p.208).

### **Estratégias**

Os processos estratégicos na comunicação vêm sendo objeto de pesquisa da análise do discurso monolíngue, aquisição de segunda língua e tradução. A partir desses estudos se dá a pesquisa sobre as estratégias de interpretação. Em relação à linguística aplicada, as estratégias podem ser definidas como planos potencialmente conscientes que um indivíduo utiliza para solucionar problemas a fim de atingir um objetivo comunicativo. Na tradução de textos, por outro lado, as estratégias são definidas como procedimentos os quais sujeitos empregam para solucionar problemas tradutórios. Nas pesquisas sobre estratégias na interpretação, geralmente o foco se volta para a IS. Enquanto isso, por exemplo, o comportamento de intérpretes na interpretação de conferência vem sendo analisado como “gerenciamento do discurso”, “trocas de turno” e “mediações interculturais”. De maneira geral, existem poucas pesquisas que abordem explicitamente as estratégias utilizadas na interpretação judicial, médica ou dialógica. Contudo, muitas estratégias utilizadas na interpretação de conferências podem ser identificadas em contextos dialógicos.

Pöchhacker (2004) diferencia as estratégias da interpretação entre: estratégias orientadas por processos, que lidam com inputs que induzem a alta carga cognitiva (estratégias de enfrentamento); e estratégias orientadas por produtos, que almejam a comunicação efetiva. Outras classificações das estratégias na interpretação se relacionam mais ao modo (consecutiva vs. simultânea) e as fases do processo da interpretação. Para Kirchhoff (1976), estratégias são decisões tomadas em dada situação ou em vista de certas probabilidades; elas incluem a segmentação do input; antecipação; troca de fases; manter informações disponíveis para processamento subsequente; deletar e selecionar; reduzir ou generalizar informações; monitorar o output, operações de reparo do mesmo. Já Kalina (1998) distingue estratégias entre dois tipos:

estratégias de aumento da compreensão, que incluem preparação, segmentação do input, inferência; e estratégias orientadas por produto, que podem ser condicionadas pelas características do DP, mas que são mais orientadas pelo ouvinte (o discurso deve fazer sentido para cultura de chegada). Elas incluem estratégias de estilo (ex. escolha de registro apropriado), reparos e o uso de características não-verbais da oralidade (entonação e prosódia) para controle da oratória.

Na perspectiva dos modelos de esforço, Gile (1995a) diz que intérpretes simultâneos trabalham geralmente no limite de sua capacidade de processamento e que características do texto de partida ativam a necessidade de maior processamento, que podem atrapalhar a fluidez do output. Para lidarem com tais problemas, ele diz que intérpretes utilizam diferentes táticas: táticas de compreensão, como a ‘estagnação’ ou o delay de resposta, reconstituição de um segmento com base no contexto, apoio do colega de cabine e consulta de documentos; táticas preventivas (anotar nomes ou figuras, ajustar EVS, segmentar, reordenar elementos); e táticas de reformulação (trocar um elemento por um mais generalizado, paráfrase, etc.).

As estratégias da interpretação apontada por esses autores e muitos outros, em certa medida, se tornam automatizadas com o tempo, se forem praticadas de maneira correta, deixando mais capacidade para as operações cognitivas a serem performadas. Há um consenso geral entre formadores/professores de intérpretes de que o processamento estratégico da interpretação deve ser ensinado para alunos, tanto sua teoria quanto sua prática.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. KALINA, S. Strategies. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 402 – p. 405).

## **Inferência**

A **inferência** é um processo de raciocínio sem definição formal, embora o termo seja amplamente utilizado para denotar como inferências dependem de processos intuitivos (inferência indutiva), em contraste a inferência dedutiva, que segue regras lógicas. Na comunicação humana, a inferência é reconhecida hoje como um componente indispensável da compreensão, já que falantes (ou leitores) buscam por sentidos para complementar sinais linguísticos de maneira espontânea. Esse processo é descrito e modelado por muitos estudos, que são influentes para os Estudos da Interpretação. A tradução e a interpretação demonstram claramente a necessidade da inferência para compreensão, visto que ambiguidades no código linguístico podem forçar uma escolha de output quando não existe palavra ambígua equivalente na língua de chegada. O processo de inferência na tradução de textos se diferencia da interpretação pelas restrições de tempo no processamento (ex. velocidade) e pelos contextos. Para intérpretes, o conhecimento contextual deriva mais da percepção visual imediata e da co-presença temporal do que um tradutor, que irá depender mais da documentação provida pelo cliente.

Muitos pesquisadores da interpretação de conferências pontuam a importância da inferência na interpretação, principalmente para estratégia de antecipação. Chernov (2004) distingue quatro tipos de inferência que apoiam a compreensão e ajudam na derivação de sentidos implícitos, são elas: linguística, cognitiva, situacional e pragmática. Assim, a inferência facilita o processo de interpretação (principalmente a antecipação) por aumentar a ‘redundância subjetiva’ do discurso do intérprete.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. SETTON, R. Inferencing. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 189 – p. 191).

## Interferência

O termo **interferência** designa no campo da Física a interação entre ondas sobrepostas. A linguística adotou o termo nos anos 1950 para se referir à influência de um sistema de língua sobre outro em situações de contato entre línguas. Esse fenômeno, também conhecido como interferência L1 ou transferência de língua, se manifesta tanto em indivíduos (falantes) quanto em comunidades de uma língua ou sistema. As interferências podem aparecer de diversas formas, seja positiva (ex. empréstimos), seja negativa, embora a interferência, de maneira geral, seja considerada indesejada. Em qualquer um desses casos, a interferência linguística é um desvio do nível sintático, lexical, morfológico, estilístico, fonológico e prosódico das normas da língua de chegada. Exemplos clássicos de interferências incluem falsos cognatos com significados distorcidos (ex. o termo francês *contrôler* significa ‘monitor’ em inglês, não ‘controle’) e intrusões indesejadas da língua de partida no nível estrutural, que embora sejam menos óbvias, são comuns. A interpretação é considerada altamente suscetível às interferências, devido à carga cognitiva excepcional de processamento utilizada em situações de limite de tempo e ao alto nível de ativação neural de duas línguas ao mesmo tempo, especialmente na IS e na interpretação/tradução à vista, onde o texto de partida está visualmente presente. Contudo, embora seja considerada importante para interpretação, o fenômeno da interferência não tem atraído sistematicamente muita atenção no campo dos Estudos da Interpretação.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. POCHHACKER, F; LAUTERBACH, E. Interference. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 194).

## Interpretação

Desde os tempos antigos, a **interpretação** é entendida como o ato de se reproduzir algo compreensível. Seu início se deu muito antes da tradução de textos. Diferente da tradução, que se atém mais à materialidade do texto, a interpretação coloca o agente humano em primeiro plano. Portanto, algumas das expressões mais antigas utilizadas para se referir à interpretação têm servido também como designações para a própria figura do intérprete. Vemos isso na raiz ‘*targumânu/turgumânu*’ do assírio-babilônio, que remonta até 1900 a.C. Embora ainda não se saiba a etimologia da expressão, sua forma correspondente em aramaico *targmānā/turgmānā* (‘explicar’) deu origem ao termo árabe *tarjumān* (ترجمان) e seus descendentes em várias línguas, que incluem a palavra *dragomános* do grego bizantino, utilizada para designar os Dragomanos (‘intérpretes’) durante o Império Otomano. Além disso, a forma *tercüman* do turco gerou a *tolmács* do húngaro, que por sua vez formou a palavra *tolmetsche* do Alto-alemão médio.

O componente semântico central de *explaining* (‘explicar’) também se encontra na palavra grega *hermeneus*, que, embora não tenha sua etimologia totalmente clara, originou a ‘hermenêutica’, isso é, a teoria da interpretação de textos, que desenvolveu uma teoria para a compreensão humana. O fato de *hermeneus* denotar tradutor ou intérprete, assim como seu duplicado latino *interpres*, demonstra como as diferentes escolhas linguísticas disponíveis em certas línguas moldaram o conceito de interpretação e seu status em relação ao conceito da tradução. Por esses motivos, o russo e outras línguas eslavas não possuem termos separados para ‘interpretação’, que é denotada pela qualificação do termo genérico para ‘tradução’; nesse *perevod* como ‘oral’. De forma similar, *yi* (譯) era utilizada no chinês clássico para se referir à ‘tradução’, ‘interpretação’,



‘tradutores’ e ‘intérpretes’. O termo *kouyi* (口譯), que se refere à ‘tradução oral’, foi cunhado apenas no século XX para o mandarim padrão. O mesmo se aplica aos termos utilizados na Coreia medieval, onde o elemento lexical *yŏk* se referiam a ‘interpretar’/‘traduzir’. Contudo, também existiam expressões como *sŏl-in*, traduzida literalmente como ‘pessoa língua’. O vínculo conceitual existente entre língua (linguagem) e ‘língua’ (órgão humano) também é observado no termo *lenguas* do espanhol colonial utilizado para se referir à intérpretes, que aponta a oralidade como um aspecto crucial do processo da interpretação.

Além de seu vínculo óbvio com a fala, a oralidade destaca a produção de enunciados como um processo dinâmico de ações situadas, o que inclui os enunciados das línguas de sinais. Em qualquer modalidade da linguagem, a interpretação depende de fatores da comunicação não-verbal e é caracterizada, particularmente, pela necessidade da performance comunicativa em tempo real. Essa definição da interpretação distingue a interpretação da tradução não apenas pelo uso da oposição “língua falada contra língua escrita”, mas sim pelo imediatismo do processo. A extensão do limite conceitual entre interpretação e tradução aparece em expressões lexicais distintas dependendo dos recursos linguísticos disponíveis e, principalmente, das necessidades de categorização e preferências moldadas por diferentes contextos socioculturais: enquanto uma cultura oral pode se focar nas habilidades da oralidade (como ‘linguistas profissionais’ ou *griots* na África), uma civilização que estima a escrita pode não ter um termo específico para ‘interpretação’, podendo incluí-la através de um fenômeno de marginalização dentro da noção dominante de ‘tradução’. Dinâmicas dessa natureza podem ser observadas na história da interpretação até nos séculos mais recentes, o que pode ter exercido influência na evolução dos Estudos da Interpretação como uma disciplina.

De maneira geral, a relação entre as definições de tradução e interpretação podem ser entendidas como de hipônimo e antônimo. Devido ao uso generalizado da ‘tradução’ com sentido mais amplo que abrange todas as atividades tradutórias, a ‘interpretação’ pode ser entendida como um hipônimo do hiperônimo ‘tradução’ e, desse modo, uma forma de tradução. Ao mesmo tempo, a interpretação e a tradução podem ser vistas como elementos antônimos, opostos em um contínuo oral-literário. Uma vez feita essa distinção básica, além da modalidade da língua em questão (oral ou sinalizada), outro fator para diferenciar tradutores e intérpretes é a relação temporal entre o texto de chegada e o texto de partida. Existem diversos modos de interpretação, sendo os dois principais a interpretação simultânea e a interpretação consecutiva, que podem ocorrer em diferentes contextos como: interpretação comunitária; interpretação jurídica; interpretação médica; interpretação educacional; interpretação de diálogos; a interpretação de conferências. No que diz respeito à relação entre tecnologia e interpretação, é interessante citar a interpretação relay [conhecido como ‘relé’ no Brasil] (a interpretação a partir de outra interpretação, e não da língua de partida), a interpretação remota (feita a distância com uso da tecnologia) e a interpretação de máquina (ou automática), entre outras.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. POCHHACKER Franz. Interpreting. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 198-200).

### **Interpretação Automática**

O desenvolvimento da interpretação **automática** ou interpretação de máquina (IM) está conectado e é dependente da tradução de máquina (MT). Nos anos 80 se deram início às pesquisas em larga escala sobre a interpretação automática, também conhecida como tradução de fala-para-fala automática. Sistemas de IM típicos combinam o reconhecimento de fala automático e os módulos

de texto-para-fala com a TM. Contudo, apenas combinação não é o suficiente para prover uma interpretação automática, pois não considera os elementos não-verbais e paraverbais da linguagem (prosódia, ênfase, gestos, etc.). Com essa problemática em mente, muitos projetos sobre IM contam com a adição de componentes como o processamento do contexto, redução de ruído e semântica dialógica. Ferramentas computacionais para intérpretes (CAI - interpretação assistida por computador) já são acessíveis e úteis, sobretudo no que diz respeito à gestão de terminologia, porém o objetivo máximo da IM é operar apenas com computadores, sem a necessidade de humanos, tornando o computador em intérprete. Embora muito progresso tenha sido feito nos últimos anos na área, o campo da IM ainda se limita a domínios específicos, contextos linguísticos e dados limitados de inputs de fala naturais altamente padronizados. Por isso, a interpretação automática ainda precisa se desenvolver muito mais para substituir intérpretes humanos por completo, mas já oferece um amplo campo de perspectivas de estudo para pesquisadores.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. JEKAT, Susanne. Machine Interpreting. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 240-241).

### **Interpretação Consecutiva**

Intérpretes, desde o antigo Egito, por muitos séculos serviram governantes, conquistadores, militares e líderes religiosos, assim como exploradores e negociantes. Antigamente, o modo consecutivo era o mais utilizado, muito pela falta da tecnologia que ajuda a IS. Contudo, antes do século XX não havia uma categoria especial para essa prática antiga, que foi chamada ‘interpretação *liaison*’ ou, como é mais conhecida atualmente, interpretação de diálogos ou dialógica. O termo ‘**interpretação consecutiva**’, utilizado amplamente como o modo “padrão” da interpretação, começou a ser utilizado após a década de 20 para marcar a diferença entre a interpretação tradicional e a ‘telefônica’ (ex. simultânea), que recém havia sido desenvolvida. Foi na Liga das Nações, a primeira organização institucional a contratar seu próprio grupo de intérpretes, que a interpretação consecutiva ‘clássica’ prosperou. Gustave Camerlynck, André Kaminker e Paul Mantoux são exemplos de intérpretes que trabalharam profissionalmente mesmo sem formação especial, assim como todos os intérpretes daquela época. Comentários sobre o trabalho desses intérpretes são encontrados em relatos de memórias de intérpretes e de políticos. Seguindo o sucesso do uso da IS nos Julgamentos de Nuremberg e sua adoção pela ONU (Baigorri-Jalón 2004), a interpretação consecutiva começou a ser utilizada em conferências. Já que a interpretação consecutiva pode demorar desde alguns segundos até alguns minutos ou mais para ser ouvida, processada e (re)produzida pelo intérprete, não é difícil entender porque o modo simultâneo é o preferido nesses contextos. Uma consecutiva clássica pode englobar discursos de cinco ou seis – às vezes até vinte – minutos para serem interpretados; uma consecutiva curta engloba enunciados curtos, cerca de duas a três frases de uma vez para o intérprete processar.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. ANDRES, Dorte. Consecutive Interpreting. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 84-p.87).

### **Interpretação de Conferências**

A **interpretação de conferências** é a forma mais profissionalizada, prestigiada e notável da profissão de intérprete, graças aos locais de alto nível nos quais ocorre. A interpretação de conferências teve início no início do século XX durante as negociações multilaterais e as conferências da Liga das Nações e OIT, após o fim da Primeira Guerra Mundial, onde intérpretes trabalhavam no modo consecutivo. A interpretação consecutiva era o modo predominante de interpretação até o meio do século XX, embora a IS tenha sido desenvolvida e testada com sucesso no final dos anos 1920. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o uso da IS nos Julgamentos de Nuremberg e proliferação das organizações internacionais e de conferências alavancou rapidamente a institucionalização da interpretação. À medida que a interpretação de conferências prosperava no mundo pós-guerra, existia a necessidade urgente por intérpretes profissionais treinados, que deram início às escolas voltadas à formação de intérpretes. Com o passar dos anos, essas escolas se tornaram departamentos em faculdades, combinando a educação de nível superior com a pesquisa acadêmica. Em 1953, surge a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC) para organização global da profissão de intérprete de conferências. A AIIC ajudou a estabelecer condições de trabalho e normas profissionais adequadas ao campo da interpretação de conferências, atuando como mediador entre os intérpretes e as maiores organizações internacionais.

A evolução da interpretação de conferências voltou os holofotes à interpretação, facilitando o desenvolvimento de normas profissionais e dos Estudos da Interpretação na academia. De forma geral, a interpretação de conferências pode ser definida como o processamento de discursos de uma língua de partida para produção desses em uma língua de chegada no contexto de conferências informais ou formais, seja no modo simultâneo ou consecutivo. Como indicado por essa definição, o termo ‘interpretação de conferências’ se refere, em verdade, ao contexto (ambiente) onde ocorre a interpretação, podendo essa variar seu modo (consecutivo ou simultâneo). Esses contextos geralmente são: conferências internacionais, encontros multilaterais (ex. ONU e EU), workshops, jantares oficiais, coletivas de imprensa, sessões parlamentares, tribunais internacionais, até mesmo aulas universitárias e serviços da igreja. A interpretação de conferências está associada tradicionalmente à interpretação de línguas orais; contudo, a interpretação de línguas sinalizadas também ocorre em contextos de conferência, geralmente ‘oral para sinal’/‘sinal para oral’ ou textos escritos e legendas para língua de sinais. A AIIC abriu recentemente espaço em seu grupo para intérpretes de línguas de sinais, que, assim como a maioria dos intérpretes de línguas orais de conferência, operam majoritariamente no modo simultâneo. De fato, o uso prevalente e, geralmente, exclusivo da interpretação simultânea (IS) em conferências fez com que esse modo se tornasse sinônimo da interpretação de conferências, contudo é preciso distinguir a IS, um modo de interpretação (estudado majoritariamente pelas abordagens cognitivas), da interpretação de conferências, que é um âmbito profissional.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. DIRIKER, Ebru. Conference Interpreting. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 78- p. 82).

### **Interpretação Simultânea**

De forma geral, a **interpretação simultânea** (IS) é o modo de interpretação no qual o intérprete processa o discurso da língua de partida e o produz na língua de chegada com um delay de apenas alguns segundos. Intérpretes simultâneos geralmente trabalham em cabines de tradução, que são equipadas para IS (à prova de som, com fones de ouvido, etc.). A prática da IS, contudo, não depende da cabine de tradução exclusivamente para poder acontecer, podendo ser performada

através da interpretação sussurrada (*chuchotage*), no caso de poucos ouvintes, ou do sistema *bidule* (rádios e fones de ouvido portáteis). A interpretação simultânea, naturalmente, também acontece entre línguas faladas e sinalizadas (chamada de ‘interpretação bimodal’). Já que as línguas sinalizadas são expressas através da modalidade visual-gestual, não existe a sobreposição acústica, que tanto afeta a interpretação simultânea de línguas orais, porém, na interpretação de línguas sinalizadas o contato entre o intérprete e os palestrantes ou a plateia surda é crucial para o processo. Outra forma da IS é a interpretação/tradução à vista, na qual o intérprete recebe textos da língua de partida e deve lê-los em voz alta ou sinalizá-los para língua de chegada em tempo real. Isso também é feito no modo combinado simultâneo com texto, onde o intérprete processa o discurso do palestrante ao mesmo tempo que segue um texto escrito daquele discurso. Outra forma híbrida da IS é a consecutiva simultânea, onde o intérprete, trabalhando de maneira consecutiva, grava o discurso de partida e, então, interpreta a gravação simultaneamente ao invés de contar com o apoio apenas de notas.

A disseminação do uso da IS em organizações internacionais teve início na era pós-guerra, principalmente depois de seu sucesso público nos Julgamentos de Nuremberg, que fez com que a IS fosse associada fortemente à interpretação de conferências. Embora essa conexão exista entre os dois tipos de interpretação, é provável que intérpretes processassem discursos simultaneamente muito antes da institucionalização da interpretação simultânea de conferências. Contudo, outra conexão foi feita com a IS no século XX: interpretação simultânea e tecnologia, que permite novos caminhos de atuação para intérpretes simultâneos como a interpretação remota. Desde o início, pesquisadores se interessaram pelo elemento da ‘simultaneidade’ da IS, pois o intérprete ouve o discurso (enquanto é proferido), o processa e o (re)produz em outra língua, tudo ao mesmo tempo. Nos anos 1930, por exemplo, Sanz chama atenção para os processos específicos da IS. Nos anos 1970, psicolinguistas pesquisaram aspectos do processamento bilíngue da linguagem humana na IS. Embora muito progresso tenha sido alcançado através de pesquisas sobre a IS, a complexidade da tarefa e a dificuldade de se isolar variáveis sensíveis que interagem no processo da interpretação continuam a desafiar abordagens psicolinguísticas e abordagens cognitivas. As principais áreas de investigação da IS são: modelos do processo cognitivo; a função de componentes chaves como a memória de trabalho; os correlatos neurais do processamento bilíngue da IS; as dinâmicas das variáveis de input e características do output na performance profissional; e as estratégias utilizadas por intérpretes para lidarem com os desafios cognitivos e linguísticos da IS.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. DIRIKER, Ebru. Simultaneous interpreting. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 382-385).

### **Julgamento de Nuremberg**

O **julgamento de Nuremberg** se refere ao julgamento dos Nazistas por seus crimes de guerra antes do Tribunal Militar Internacional (TMI). O processo durou de novembro de 1945 até outubro de 1946 e tomou lugar no Palácio da Justiça de Nuremberg. O julgamento foi importante para lei internacional e é um dos primeiros grandes eventos internacionais noticiados pela mídia. Por seu caráter internacional, o julgamento de Nuremberg reuniu sujeitos de diferentes países, que, por sua vez, falavam línguas distintas e que, conseqüentemente, necessitavam da interpretação de línguas orais para se comunicarem. Graças à arquivos, memórias de intérpretes e entrevistas, hoje é possível saber sobre a interpretação no TMI. O julgamento marcou um ponto de virada na história da interpretação: sob o olhar vigilante público internacional, houve o

primeiro evento com interpretação simultânea para quatro línguas, que acabou servindo como modelo para formular as bases da interpretação de conferências atual. Assinada pelos Aliados em 08/06/1945 como parte do Acordo de Londres e do próprio tribunal, a carta do TMI postulava um julgamento justo, que incluía a tradução de todos os documentos utilizados e também a interpretação dos processos para inglês, francês, russo e alemão. Por questões de custo e tempo, o modo consecutivo tradicional da interpretação não era viável. O Coronel Léon Dostert, então, sugeriu a utilização do “Sistema Internacional de Tradutores” Filene-Finlay da IBM para realizar a interpretação simultânea do julgamento. O sistema da IBM chegou à Nuremberg no final de outubro de 1945, pouco tempo após o início dos julgamentos. Dostert se encarregou de recrutar os profissionais para a interpretação, que deveriam ter um domínio “quase-nativo” das línguas requeridas. Os candidatos que se encaixassem no padrão foram levados a Nuremberg, onde também tiveram seus conhecimentos gerais e de vocabulário testados, especialmente a terminologia médica e legal, e tiveram de demonstrar resistência ao stress em práticas de interpretação. O critério mais importante, contudo, era a agilidade linguística para lidar quase que de imediato com o input do DP. Apenas 5% dos candidatos passaram no teste, a maioria entre 35 e 45 anos, todos fluentes em não mais que duas línguas; metade deles eram mulheres.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. BEHR, Martina. Nuremberg Trial. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 288 – p. 289).

### **Legendagem ao vivo**

A **legendagem ao vivo** é a produção de legendas através do reconhecimento da voz, onde o legendador (*respeaker*) ouve o discurso de partida (ex. de um programa ao vivo) e o reproduz para um software de reconhecimento de fala, incluindo pontuações e algumas características específicas para audiência surda. O discurso reproduzido, então, é transformado em legendas com menos delay possível. Por isso, então, a legendagem ao vivo é uma forma de interpretação simultânea (geralmente intralingual) assistida por software. Embora legendadores sejam encorajados a repetir a trilha sonora de partida para produzir legendas mais literais possíveis, a alta velocidade de fala de alguns discursos e a necessidade de adicionar pontuação geralmente faz com que eles parafraseiem a trilha sonora de partida, ao invés de repeti-la (*shadowing*). A legendagem ao vivo começou a ser utilizada na década de 1940, através dos experimentos do taquígrafo norte-americano Horace Webb. Até aquele momento, taquígrafos de tribunais deveriam anotar o discurso que ouviam e o transcrever em máquinas de escrever. Webb propôs que o taquígrafo repetisse (reproduzisse) em um microfone cada palavra do discurso que ouvia, ao invés de o transcrever, utilizando uma máscara da taquígrafia (*stenomask*) para cancelar os ruídos. A gravação da fala do taquígrafo, então, seria o material utilizado para transcrição. A legendagem ao vivo utiliza softwares de reconhecimento de voz e além do contexto judicial também é utilizada para produção de legendas CC (*closed captions*), encontros, aulas, etc. A legendagem ao vivo simultânea foi em 1999, quando o taquígrafo Chris Ales transcreveu uma sessão judicial em Lapeer, Michigan, com o software de reconhecimento de voz *Dragon Naturally Speaking*. Em 2001, a legendagem ao vivo chegou na Europa através do canal de televisão belga VRT e a BBC, canal de televisão aberto inglês, para substituir métodos menos acessíveis, como o uso de estenótipos.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. ROMERO-FRESCO, Pablo. Respeaking. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 350).

### Língua A (B/C)

As línguas de trabalho de intérpretes são classificadas como línguas A, B ou C. Segundo a descrição provida no website da Associação de Intérpretes de Conferência (AIIC), a **língua A** se refere à língua nativa do intérprete (ou qualquer outra língua equivalente a uma língua nativa para o intérprete); a **língua B** é outra língua além da nativa do intérprete, que ele consegue controlar com um nível de proficiência muito elevado; finalmente, a **língua C** é uma língua que o intérprete entende por completo.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. THE AIIC A-B-C. **AIIC**, 2021. Disponível em: <https://aiic.org/site/world/about/profession/abc#:~:text=The%20'A'%20language%20is%20the,easily%20express%20even%20complicated%20ideas>. Acesso em: 20 de maio de 2021).

### Língua Franca

A **língua franca** é uma língua auxiliar adotada como meio de comunicação comum entre pessoas com línguas nativas mutuamente ininteligíveis. O termo ‘língua franca’ foi primeiro aplicado na era medieval para denominar uma língua de negócios (trocas) na região mediterrânea, e faz referência ao reino Franco. Essa língua era um *pidgin* (língua simplificada desenvolvida de forma espontânea entre viajantes e mercantes), que se baseava em dialetos italianos e outras línguas (Vikør 2004). Ao longo dos séculos, as línguas francas foram utilizadas de diferentes formas ao redor do mundo, muitas vezes em conjunção (ou como uma alternativa) para a interpretação, como por exemplo: o uso do aramaico no sudoeste da Ásia durante o século 7 a.C. e 650 d.C.; o uso do latim durante o Império Romano e entre intelectuais europeus do século 18; o uso do holandês, espanhol, português, inglês e francês como línguas imperiais nas Américas, África e no Extremo Oriente; e o uso do swahili por mercantes no oeste da África como língua franca (Crystal 2003; Vikør 2004). Do século XVII até o século XX, o francês era a língua dominante da diplomacia na Europa, o que restringiu a necessidade da interpretação diplomática (os dragomanos utilizados para fazer contato com o Império Otomano eram exceção). Após a Primeira Guerra Mundial, o uso exclusivo do francês foi substituído pelo princípio de ‘uma nação, uma língua’, que transformou o século XX em uma era de conferências internacionais multilíngues com interpretação. O século XXI, por outro lado, é marcado pela disseminação do inglês como língua franca e seus efeitos na profissão de intérpretes.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. ALBL-Mikasa, Michaela. Língua Franca. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 235).

### Linguagem Corporal

Elementos não-visuais da comunicação, que são chamados de cinésica ou comunicação não-verbal, são frequentemente agrupados sob o termo guarda-chuva ‘**linguagem corporal**’ e são

considerados parte inseparável do processo da comunicação verbal. Esses elementos da comunicação não-verbal incluem gestos e outros elementos cinésicos, como expressão facial, contato visual e postura, assim como a comunicação proxêmica, que se refere ao posicionamento espacial dos interlocutores em certo contexto. Esses elementos podem limitar, acompanhar ou complementar, substituir e até contradizer os elementos verbais da interação. Se utilizada de forma efetiva, a linguagem corporal pode otimizar a comunicação e, então, contribuir para a construção de sentidos do que se é dito. Além de sua contribuição para construção de sentidos e significados para as línguas orais, a linguagem corporal constrói os significados da língua de sinais, visto que é percebida visualmente e produzida por movimentos corporais. A sinalização não se constitui apenas de sinais manuais, mas também de articuladores não manuais, como expressões faciais, movimentos da cabeça e enunciação de palavras sem produzir som. Sinais individuais são definidos pelos parâmetros majoritários de sua formação: posição da mão, orientação, movimento e local da articulação. Línguas de sinais também tem componentes prosódicos, que são codificados por articuladores manuais e não-manuais. A visualização de elementos não-verbais é importante para os intérpretes de duas formas: eles devem entender os elementos não-verbais do discurso de partida, pois contribuem para a formação dos significados, mas também devem ser capazes de expressar tais elementos no discurso de partida de forma que seja apropriada à situação. Além disso, os intérpretes também percebem as reações não-verbais dos ouvintes e, às vezes, precisam ficar atentos a elas. Por esses motivos, os intérpretes insistem na necessidade do acesso visual da audiência e do orador. O complexo fluxo entre informações verbais e não-verbais durante a interpretação foi delimitado por Poyatos (1987/2002: 237, 1997: 251), que afirma que elas dependem do modo (simultâneo ou consecutivo). Sinais verbais e não-verbais podem vir de diferentes interlocutores ou impostos um sobre o outro. Na IS, por exemplo, os canais não-verbais e verbais da comunicação são entrelaçados para a audiência da língua de chegada: ouvintes da língua de chegada percebem a linguagem corporal da língua de partida do orador em combinação com os sinais recebidos do intérprete. Nesse contexto, há um risco de irritação e desentendimentos da audiência em relação ao aspecto cultural dos elementos não-verbais e o delay entre a língua de partida-chegada. O intérprete simultâneo trabalhando em cabine se restringe ao canal acústico, assim, o uso de elementos cinésicos não é para os ouvintes da língua de chegada, mas pode servir para ajudar o processamento de significados e acentuar a produção da língua de chegada. No caso da interpretação consecutiva, os elementos cinésicos têm um impacto grande na audiência, visto que tanto o intérprete quanto o orador estão visíveis aos ouvintes. Logo, a linguagem corporal do intérprete pode influenciar o efeito comunicativo da interpretação. Contudo, ainda não se sabe ao certo o quão iguais devem ser os gestos e expressões faciais do intérprete em relação aos do orador. A recomendação de Herbert (1952) é que o intérprete deve evitar reproduzir gestos enfáticos e utilizar menos linguagem corporal possível, visto que a audiência já está observando a linguagem corporal do orador.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. AHRENS, Barbara. Body Language. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 36-p.37).

### **Memória de Trabalho**

Considerada a “área de trabalho da mente”, a **memória de trabalho** é o mecanismo cognitivo responsável pelo armazenamento da memória de curto-prazo, manutenção e processamento da informação e pelo controle executivo de processos cognitivos. O armazenamento é a retenção da informação realizada pela memória de trabalho (ex. ler um endereço e guardar a informação sem

olhar novamente para o papel em que está anotado). Já a manutenção é a atualização ativa da informação para que não seja esquecida (ex. pensar no endereço mais de uma vez, em diferentes momentos, para que não precise checar a informação). O processamento é a manipulação da informação armazenada, como ler o endereço em inglês e traduzir mentalmente para o português (ex. transformar a informação mental “ir para Avenida Ipiranga” em “*go to Avenue Ipiranga*”). Por fim, o controle executivo é uma coleção de processos, entre eles a administração da atenção. Outra característica importante da memória de trabalho é sua capacidade limitada, mensurada temporalmente ou pela quantidade de itens da linguagem isolados de seu contexto que possam ser armazenados e manipulados ao mesmo tempo. Miller (1956) sugere que indivíduos normais consigam lembrar cerca de sete itens isolados de contexto, como dígitos, palavras ou letras. Contudo, a capacidade de armazenamento aumenta para dezesseis itens quando os itens possuem contexto ou podem ser combinados em blocos que façam sentido ao indivíduo. Todavia, sem manutenção, o armazenamento da informação irá se deteriorar em dois segundos. É preciso se esforçar e focar a atenção para reter informações na memória de trabalho mais tempo.

Estudos que comparam a memória de trabalho de intérpretes e não-intérpretes é uma prática comum no campo dos Estudos da Interpretação. Existe pouca evidência nesses estudos que atestem a superioridade da memória de trabalho de intérpretes em relação à de não-intérpretes. Um exemplo clássico de como esse tipo de estudo é conduzido é a tarefa de amplitude de leitura, na qual participantes leem frases em voz alta (processando) e lembrando as últimas palavras (armazenamento e manutenção). Esse tipo de estudo geralmente identifica melhor performance de intérpretes em relação a não-intérpretes (ex. Christoffels et al. 2006; Padilla et al. 1995; Signorelli et al. 2012; Tzou et al. 2012). Outros estudos utilizam uma variante da tarefa de amplitude de leitura chamada “tarefa de amplitude de audição”, que faz com que os participantes ouçam as frases ao invés de lê-las, e que se assemelha mais com a tarefa da interpretação. Contudo, os estudos que utilizam a tarefa de amplitude de audição não identificaram superioridade da memória de trabalho de intérpretes (ex. Liu et al. 2004; Köpke & Nespoulous 2006).

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. TIMAROVÁ, Sarka. Working Memory. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 443).

## Omissão

A **omissão** se refere à correspondência translacional entre texto de partida-chegada ou à falta dela. As omissões presentes na performance do intérprete podem ser analisadas através da precisão (um aspecto da qualidade). Em seus estudos baseados em corpus, Barik (1975) analisou o número e o tipo de omissões feitas por intérpretes amadores e profissionais em relação ao tipo de texto e direcionalidade e propôs uma taxonomia para diferenciar entre quatro tipos de omissões: passagem (pular um item lexical); compreensão (omissão de uma unidade maior de significado pela incapacidade de compreender a mensagem da língua de partida); delay (omissão de uma unidade maior de significado pelo grande tempo de delay); e composição (unir elementos de diferentes frases). Barik observou que cinco dos seis participantes da pesquisa omitiram aproximadamente a mesma quantidade de material tanto ao trabalharem para sua língua nativa quanto para sua segunda língua. Ele também descobriu que quanto maior o delay maior seriam as omissões. Utilizando a taxonomia de Barik, Kopczynski (1980) examinou a performance de estudantes de interpretação nos modos consecutivo e simultâneo, fazendo distinção entre omissões ‘obrigatórias’ e ‘opcionais’. Kopczynski observou uma ocorrência maior de omissões



na interpretação consecutiva, que entendeu como sendo erros da performance (ex. lapsos de memória, excesso de delay, pressão devido o tempo e fadiga) e da competência de receptividade (quando a intérprete falha em entender a mensagem de partida).

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. NAPIER, Jamina. Omissions In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 289 – p. 290).

### **Paradigma DI**

O **paradigma DI**, ou o paradigma na interação dialógica baseada em discursos, ganhou impulso nos anos 90 com o avanço dos estudos empíricos baseados no discurso. O sucesso do paradigma DI é associado ao aumento do reconhecimento da interpretação comunitária como prática profissional válida e, portanto, área frutífera para pesquisa. Embora tenha se inspirado nos estudos sociológicos e sociolinguísticos ao invés da teoria tradutória, o paradigma DI, assim como o paradigma TT, segue as preocupações dos funcionalistas e se foca na interação e mediação e nas normas translacionais, como manifestado no discurso e fontes extratextuais, a exemplo os códigos de ética de profissões. O foco da pragmática do discurso interativo aproxima o paradigma DI da abordagem cognitiva-pragmática de Setton. É preciso dizer que, naturalmente, existem múltiplos pontos de interface entre as pesquisas mais recentes e as mais tradicionais e estabelecidas na área dos Estudos da Interpretação.

**Referência:** Conceito adaptado do livro *Introducing Interpreting Studies* (cf. POCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2016, p. 79).

### **Paradigma PC**

O **paradigma PC** se concentra no processamento cognitivo (PC) e, fundamentalmente, se baseia no trabalho pioneiro de Gerver e na agenda dos cientistas cognitivos que buscam explicar a interação entre linguagem e cognição. De fato, a definição de Gerver para a interpretação (simultânea), que é vista como um processamento informacional humano, também incluía fatores além dos mecanismos cognitivos, como: fatores linguísticos, motivacionais, situacionais, entre outros. As pesquisas orientadas pelo paradigma PC são amplas; após o doutorado de Gerver (1976), outros pesquisadores como S. Lambert (1989) e Ingram (1992) e Moser (1978) pesquisaram as habilidades de processamento baseadas no modelo da IS e nos modelos de esforço de Gile. Esse último, que demonstra o interesse psicológico no tópico da atenção dividida, se tornou bem popular na comunidade dos Estudos da Interpretação e é uma base teórica chave do paradigma PC, aparecendo de maneira similar no modelo triangular baseado em sentido de Seleskovitch no paradigma TI.

Enquanto o paradigma PC tem sido, geralmente, receptivo aos métodos e descobertas das Ciências Cognitivas, muitos pesquisadores da área da interpretação vêm acatando o princípio da interdisciplinaridade. Podemos fazer uma distinção dentro do paradigma PC entre aqueles que gostariam de se unir à ciência, mesmo que pouco, e aqueles que, embora não possuam experiência/treinamento nos métodos de pesquisa da Ciência Cognitiva, avaliam intérpretes de forma mais modesta.

**Referência:** Conceito adaptado do livro *Introducing Interpreting Studies* (cf. POCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2016, p. 73).

## Paradigma TI

O **Paradigma TI** foi construído a partir da Teoria Interpretativa da Tradução (TI) por Seleskovitch na dita Escola Parisiense. Embora Seleskovitch e Lederer utilizassem dados gerados experimentalmente em seus estudos, o paradigma TI originalmente não via a experimentação científica como algo necessário ou como uma abordagem válida para questionar a interpretação. Ao invés disso, era reforçado que o conhecimento empírico de profissionais advinha de práticas bem sucedidas; esse conhecimento, nesse contexto, seria melhor analisado através da observação e reflexão de transcrições e gravações. O paradigma TI, então, se foca no processo ideal da interpretação, ilustrando o processo através de bons exemplos reais selecionados, por exemplo, analisar como intérpretes de conferência conseguem interpretar no alto nível esperado através da análise de seus DPs bem sucedidos.

**Referência:** Conceito adaptado do livro *Introducing Interpreting Studies* (cf. POCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2016, p. 68 – p. 69).

## *Shadowing*

O termo *shadowing* ('ocultamento') se refere a uma tarefa de processamento da linguagem, e é utilizado em pesquisas sobre IS e formação de intérpretes de conferências desde os anos 60. Ele consiste da repetição da mensagem ouvida palavra por palavra (intralingual) com o menor delay possível, podendo ser categorizado como *shadowing* de fonemas ou *shadowing* de frases. A ideia é que a tarefa verbal-auditivo do *shadowing* ativa os mesmos processos cognitivos da interpretação simultânea, isso porque o processamento da informação e a atenção dividida entre ouvir e falar estão presentes em ambas atividades. O *shadowing*, todavia, é uma tarefa monolíngue, enquanto a IS implica a tradução da mensagem de partida para outra língua. As primeiras pesquisas que envolvem *shadowing* foram desenvolvidas por Colin Cherry (1953), do campo da psicologia cognitiva, para investigar a atenção seletiva e o processamento de informações em estudos sobre escuta dicótica. Os participantes eram instruídos a repetir a mensagem de partida do fone esquerdo e ignorarem a mensagem aleatória que tocava no fone direito. O *shadowing* também foi estudado sem o acompanhamento de uma mensagem aleatória para avaliar a produção e percepção do discurso. Em uma série de experimentos, William Marslen-Wilson (1985) demonstrou que a decodificação e codificação simultânea de mensagens envolve não apenas o sistema auditivo, articulatório e processos fonológicos, mas também a análise sintática e semântica. Treisman (1965), um dos estudos mais antigos da psicologia sobre interpretação, investigou a IS como "uma variação da tarefa de *shadowing*". Ela descobriu que participantes (não-treinados) demoravam mais para interpretar do que para fazer *shadowing*, que atribuiu a maior "carga decisória" presente na tarefa tradutória da interpretação.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. RICCARDI, Alessandra. *Shadowing*. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 371).

## Teoria da Relevância

Proposta por Grice (1975), a **teoria da relevância** buscava substituir o modelo clássico de código na comunicação. Ao postular que a busca por relevância é um princípio guia, a teoria da relevância

oferece uma visão explicitamente cognitiva da comunicação na qual o contexto é fundamental para completar o sinal linguístico. A teoria da relevância vem sendo aplicada à tradução especialmente por Gutt (1991/2000) e também serve de fundação para o estudo da interpretação nas abordagens linguística/pragmática tradicionais. Em um modelo código de comunicação, o significado é visto entre emissor e receptor na codificação e decodificação, restringido apenas pela precisão do código, o nível da identificação dos participantes da comunicação para com o código e a qualidade do canal. Todavia, nos anos 50 e 60, ‘filósofos da língua comum’ como Austin (1962), Searle (1969) e Wittgenstein (1953) demonstraram que, distante da codificação lógica e transparente da informação proposicional, línguas humanas naturais, em sua maioria, subdeterminam os significados dos falantes, deixando uma lacuna entre o que pode ser precisamente codificado e o que o emissor quis realmente dizer. Um dos objetivos do campo da pragmática é explicar como essa lacuna é preenchida. Segundo Grice (1975), enunciados apresentam apenas a intenção do que o emissor quis dizer, levando receptores a realizarem inferências para compreender o que não foi dito.

Sperber e Wilson (1986/1995) dizem que a comunicação humana é conduzida pela busca de relevância (que Grice propôs como uma ‘máxima’, mas sem especificar como poderia operar) e que é ‘ostensiva-inferencial’: o emissor sinaliza sua intenção comunicativa através da ‘ostensão’, criando uma presunção da relevância que justifica o esforço do receptor ao processar o estímulo para derivar ‘efeitos cognitivos’ que podem enriquecer seu ambiente cognitivo. Na teoria da relevância, diferente das abordagens pragmáticas pré-cognitivas, ‘contexto’ e ‘relevância’ possuem significado técnico: o contexto é uma construção psicológica, acessível a todos os pressupostos (conhecimentos prévios, crenças, percepções) do receptor; uma interpretação ‘relevante’ é aquela que entende o sentido a partir da evidência provida pela decodificação semântica dos enunciados nestes contextos.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. SETTON, Robin. Relevance Theory. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 341- p. 344).

### **Teste de Cloze**

Em 1953, o **teste de Cloze** foi estabelecido por W. L Taylor para avaliar proficiência em línguas. A tarefa proposta por Taylor, essencialmente, se baseia em exercícios de preenchimento de lacunas, pois entendia que textos são redundantes em si próprios e contêm mais informações do que o necessário para que os leitores entendam sua mensagem. A redundância dos textos estaria em palavras, estruturas textuais, frases, e permitiria que leitores pudessem entender os significados mesmo se estivessem incompletos ou gramaticalmente incorretos. Falantes nativos “reconstroem” mensagens de forma automática e sem esforço, enquanto falantes não-nativos necessitam utilizar recursos cognitivos para completar a tarefa. Exercícios de Cloze são criados a partir de textos autênticos dos quais certas palavras são removidas, seja de maneira aleatória, seja de acordo com regras pré-estabelecidas. Por exemplo, poderia se omitir uma palavra a cada cinco, ou palavras de um certo grupo gramatical (conectivos, adjetivos ou verbos). As primeiras duas ou três frases se mantêm iguais, para prover conhecimento textual aos leitores. Os testes de Cloze podem ser conduzidos na forma escrita ou oral. Quando utilizada a forma oral da testagem, as passagens omitidas são completadas por participantes de forma escrita ou em voz alta. Então, os participantes são instruídos a preencher as lacunas ao utilizar seu conhecimento prévio da língua em questão, analisando a estrutura inerente do texto, antecipando informações e, principalmente, chegando a conclusões. Testes de Cloze, portanto, servem para avaliar proficiência do vocabulário

de falantes, compreensão de leitura e escuta e a habilidade de antecipação, capacidade das memórias de curto e longo prazo e criatividade.

Os testes de Cloze são apropriados para treinar habilidades chave na preparação de intérpretes, pois os estudantes são instruídos a aplicar seu conhecimento prévio e entender intuitivamente os significados subjacentes de textos, mesmo que não estejam familiares com todas as palavras. Eles também são utilizados em exames de admissão para cursos de interpretação. Pöchhacker (2011a) desenvolveu a tarefa SynCloze para avaliar aptidão para interpretação. O SynCloze combina exercícios de vocabulário (sinônimos, paráfrases, etc.) e antecipação. Utilizando um microfone e fones de ouvido, estudantes ouvem um discurso e, ao ouvirem um beep, preenchem a lacuna com a maior quantidade de sinônimos possível. Outra variação do teste de Cloze é o Cloze Personalizado, onde estudantes escutam textos contendo referências bibliográficas do falante e são instruídos a fazer *shadowing*, mas devem substituir as referências bibliográficas do falante com referências de sua própria vida. Esse exercício combina elementos do *shadowing* com paráfrase.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. CHABASSE, Catherine. Cloze. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 55).

### Tomada de Notas

A interpretação consecutiva de discursos longos é um grande desafio para a memória dos intérpretes. Para conseguirem lidar com discursos de cinco, dez ou mais minutos, intérpretes acabaram desenvolvendo um sistema de **tomada de notas** para não sobrecarregarem a memória no processamento inicial (compreensão) e garantir a retomada de todos os elementos armazenados na memória durante o segundo processamento (produção). Contudo, as anotações não substituem a memória: elas são usadas como forma de ajudar o intérprete a relembrar e contêm estruturas, ideias ou alguns detalhes do discurso, mas não a transcrição literal do discurso de partida. Segundo Matyssek (1989), apenas 20% a 40% do discurso de partida, no máximo, é representado nas anotações. Intérpretes consecutivos complementam sua memória cognitiva através de “materiais de memória”, neste caso, as anotações. Kirchoff (1979) fala sobre um armazenamento paralelo, onde a informação a ser relembrada é armazenada simultaneamente de duas formas diferentes e interdependentes. Enquanto ouvem e anotam simultaneamente, intérpretes estão analisando o discurso e isso os permite compreender e lembrar seu conteúdo e linha de raciocínio. Antigamente, cada intérprete tinha seu próprio sistema de anotações desenvolvido através da experiência de trabalho, intuição e princípios similares, como a anotação de conceitos chave, links lógicos e marcas de negação, como números, nomes e datas e abreviações. Nos anos 1950, Herbert (1952) e Rozan (1956) sumarizaram essas práticas e, então, formaram o cânon das anotações da Escola de Genebra. Essa abordagem, baseada no uso de palavras e cerca de 20 símbolos, foi depois desenvolvida por Ilg (1988; Ilg & Lambert 1996), que integraram mais símbolos e emoticons. Diferente de Rozan (1956), Mínar-Beloruhev (1969b) da Escola Soviética optou pelo uso de mais símbolos para evitar a interferência de anotações na língua de partida durante a produção do output. Essa abordagem ‘independente da linguagem’, que utiliza mais símbolos do que palavras para representar conceitos, também foi desenvolvida por Matyssek (1989), que propôs um sistema de símbolos combinatórios. Embora sigam os mesmos princípios básicos (Ahrens 2005b), além da utilização de sinais ou palavras, essas abordagens também se diferenciam na escolha da língua na qual as anotações devem ser produzidas. Algumas

abordagens dizem que as anotações devem ser produzidas na língua de chegada (ex. Herbert 1952), já outras dizem que devem ser escritas na língua A do intérprete.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf AHRENS, Barbara. Note-taking. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 283-p. 286).

### **Tradução à vista**

A **tradução à vista** é um dos modos básicos da interpretação. É uma forma híbrida onde o texto de partida é transformado em um texto de chegada oralizado ou sinalizado, em tempo real. O intérprete deve processar os conteúdos do texto escrito, geralmente sem poder ler previamente, com velocidade e ritmo consistente e fluente. Embora seja chamado em várias línguas de ‘tradução à vista’ (*sight translation*), esse modo mais se aproxima à interpretação, pois requer processamento em tempo real e simultâneo. Por isso, o termo ‘interpretação à vista’ é mais adequado para descrever esse modo de interpretação, que pode aparecer em muitos contextos diferentes. A interpretação à vista pode aparecer em reuniões bilaterais, na leitura de documentos escritos e cartas de parabéns ou atestados de ausência, coletivas de imprensa, etc. A tradução à vista faz com que o processamento cognitivo do intérprete se foque mais na visão do que no input auditório, o que por um lado pode ajudar o intérprete a controlar melhor seu ritmo, mas por outro pode gerar inferências sintáticas e lexicais, uma vez que o intérprete vê o texto na língua de partida. Na formação de intérpretes, a tradução à vista é utilizada em testes de aptidão, que determinam se os candidatos são capazes de entender rapidamente a mensagem de um texto e a (re)produzir simultaneamente.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. CENKOVA, Ivana. Sight Interpreting/Translation. In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 374-376).

### **Turnos de fala**

As teorias da interação compartilham a ideia de que sistemas de comunicação interativa se baseiam em formas de ação coordenadas. O conceito de **turnos de fala** (*turn-taking*) foi desenvolvido pela Análise da Conversa (AC) para descrever as contribuições orais de participantes em contextos ordinários. Segundo a AC, os turnos de fala são parte de um sistema ordenado e regulado, no qual participantes de uma conversa sistematicamente intervêm nas contribuições de outros participantes e vice e versa. Em conversas, os participantes moldam suas ações para serem mais relevantes possíveis para conversa em andamento e, ao fazerem isso, entendem suas próprias ações e a dos outros falantes. Por exemplo, ao questionarem algo, participantes não apenas perguntam, mas também projetam ações relevantes que vão ser tratadas em seguida. Esse mecanismo coordenado constrói a interação e orienta a participação de interlocutores nela. Na interpretação de diálogos, que inclui encontros de negócios, serviços públicos e contextos jornalísticos mediados pelo intérprete, é explicitamente interacional, visto que não pode acontecer sem a contribuição de no mínimo três participantes. As contribuições desses participantes podem ser entendidas como ‘turnos’ e a organização desses como um ‘sistema de revezamento de turnos de fala’. Dessa perspectiva, a construção da comunicação e das contribuições do intérprete podem ser entendidas como ações relevantes em relação às outras ações produzidas através da fala. A explicação mais sistemática do sistema de turnos de fala na

interação mediada por intérpretes é apresentada por Davidson (2002), que analisou a interpretação médica. Davidson mostra que dentro do sistema de turnos de fala os participantes, enquanto falam ou escutam, estão igualmente engajados no processo de construção de significados conversacionais e devem participar do diálogo para negociarem a capturarem o significado de enunciados produzidos na conversa em questão. Já que intérpretes não podem prover a interpretação sem entender o processo de comunicação, eles não podem ‘não participar’ da conversa. É a participação deles na conversa que os permite produzir enunciados significativos que geram o efeito comunicativo e as respostas dos interlocutores.

**Referência:** Tradução resumida, adaptada e objetiva feita pela autora. (cf. GAVIOLI, Laura. Turn-taking In: POCHHACKER, Franz. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2015, p. 428-p. 430).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução comentada finalizada acabou reunindo as quatro partes desenvolvidas separadamente no início do projeto: o comentário geral, que revela aos leitores decisão prévias e posteriores à tradução; a tradução em tabela, que apresenta à esquerda o texto de partida e à direita o texto de chegada, ambos assegurados pela aquisição dos direitos autorais da porção selecionada; o glossário, que reúne 27 termos expandidos, também com porções asseguradas pela aquisição de direitos autorais; e, por fim, de certa forma também o presente Trabalho de Conclusão de Curso, que é uma descrição do processo de pesquisa envolvido na tradução do capítulo, que percorre o referencial teórico, a análise da área dos Estudos da Interpretação no Brasil, seleção do público-alvo, a metodologia empregada, etc. A produção dos comentários expandidos (presentes no glossário) não estava prevista na ideia original do projeto, porém posso dizer que sua adição, mesmo que tenha tornado o trabalho mais extenso do que o previsto, compensa por prover maior riqueza e qualidade à tradução. Na tradução em tabela, é interessante observar que o texto de chegada acabou ficando uma página mais curta do que o texto de partida. Contudo, devido ao fenômeno da explicitação, como descrito por Kraskowska, que é promovido pela adição de comentários por parte da minha tradução, o texto traduzido acabou ficando mais longo que o texto de partida quando se considera os paratextos. Os comentários permitem-me, como tradutora, estar mais presente no texto, podendo adicionar comentários explícitos (comentários explicativos e explicativos expandidos) e, também, comentários implícitos (comentários de natureza tradutória) que seriam omitidos em uma tradução não-comentada. Dessa forma, posso demonstrar minha individualidade como profissional da Letras e enriquecer a tradução com informações que ajudam o público-alvo acessar e entender os significados presentes no texto.

É uma grande alegria ter terminado essa tradução e presente projeto de Trabalho de Conclusão mesmo com todas as adversidades externas impostas, como a pandemia do COVID-19, que fez com que o trabalho demorasse um ano a mais para ser concluído. Com essa tradução e o trabalho produzido a partir dele, espero contribuir para o desenvolvimento crescente da área dos Estudos da Interpretação e o aumento do interesse na área da interpretação não apenas no Brasil, mas também em seu panorama geral ao redor do mundo. Além disso, espero que meus comentários, anotações e notas de rodapé sirvam como base para estudantes e profissionais da Letras realizarem seus próprios

trabalhos e pesquisas sobre a área dos Estudos da Interpretação, enriquecendo a base acadêmica brasileira dessa área. Com o aumento do interesse do público brasileiro na área da interpretação, também espero poder futuramente traduzir mais trabalhos sobre interpretação, mais partes de *Introducing Interpreting Studies* além do capítulo “Processos Cognitivos”, e continuar desbravando e pesquisando a área dos Estudos da Interpretação.

Além disso, a partir dessa tradução comentada e do presente Trabalho de Conclusão de Curso, espero poder ajudar o público e a academia brasileira enxergar a distinção entre os *modi operandi* de intérprete e tradutores, que, até o presente momento, acaba sendo um pouco nebulosa, e valorizar a interpretação de línguas orais. Ambas áreas, tradução e interpretação, possuem suas especificidades e especialidades próprias, e a área da interpretação no Brasil tem muito a crescer também nos cursos de bacharelado, dos quais ela vem sendo negligenciada. É apenas no contexto acadêmico onde é possível formar profissionais e evoluir a área através da pesquisa. O retorno da presença da interpretação de línguas orais, mesmo que mínima e introdutória, já ajudaria a encaminhar melhor futuros profissionais da Letras e na integração da interpretação para/com os currículos de bacharelado em Letras de línguas modernas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIXELÁ, F. **An overview of interference in scientific and technical translation.** The Journal of Specialised Translation, n. 11, 2009.

ALBANO, N. M. **A Macro e a Microestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (Glotear).** UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ., Londrina, v. 10, n. 2, p. 17-22, out. 2009.

ARAÚJO, D. **Os cursos de formação de intérpretes no Brasil e as melhores práticas da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência: um caminho para a profissionalização.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, pp. 151. 2017.

BARROS, L. **Conheça a importância do público alvo no mundo da tradução.** Rockcontent, 2020. Disponível em: <https://comunidade.rockcontent.com/publico-alvo-na-traducao/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BEVILACQUA, C; FINATTO, M. **Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais.** Alfa, São Paulo, 50 (2): 43-54, 2006.

BEVILACQUA, C; REUILLARD, P. **A formação em tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Os Estudos da Tradução no Brasil nos Séculos XX e XXI. Tubarão e Florianópolis: CopiArt-PGET/UFSC, 2013.

CAMARGO, D; HASMANN, D. **Proposta de elaboração de um glossário bilíngue de termos simples, expressões fixas e semifixas da área de sensoriamento remoto.** Caderno Seminal Digital, Rio de Janeiro, Ano 19, nº 19, V. 19 (Especial/2013 – ISSN 1806-9142)

CARRION, K. **Todas as crianças crescem, menos uma: análise das notas de rodapé na tradução de Peter Pan.** Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, pp. 43, 2019)

CAVALLO, P. **A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues.** TradTerm, São Paulo, v. 25, p. 61-81, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/103054/101337>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CAVALLO, P; POMPEU, A. **Bilinguismo, Tradução e Interpretação: Percepção dos clientes quanto aos profissionais contratados.** Cad. Trad., Florianópolis, v. 39, nº 3, p. 90-110, set-dez, 2019.

CAVALLO, P.; REUILLARD, P. C. R. **Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira.** Letras & Letras, v. 32, n. 1, p. 353-368, 21 ago. 2016.

COPYRIGHT CLEARANCE CENTER. Copyright, 2021. Disponível em: <http://www.copyright.com/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

GARCÍA, A. **Evaluating Students' Translation Process in Specialized Translation**: Translation Commentary. *JoSTrans*, United Kingdom, n. 07, pp. 139-163, 2007.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**: Revised edition. Netherlands: John Benjamins Publishing Company, 2009.

JANCZUR, Christine. **Apresentação de uma tradução comentada da Introdução e da Primeira Parte de Introduction à l'étude de la médecine expérimentale de Claude Bernard**: do projeto à realização. 2015. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Acesso em: 2021-03-09.

KARAS, H. **Le statut de la traduction dans les éditions bilingues**: de l'interprétation au commentaire. *Palimpsestes*, Paris, n. 20, pp. 137-160, 2007.

KRASKOWSKA, E. **Universals of Translation**. *Forum of Poetics*, Polonia, n. 14, pp. 2018.

LIMA INKE, Rebeca. **Táticas de interpretação simultânea na cerimônia do Oscar**. 2016. 63 pp. Work Completion of Graduation in Languages– UFRGS, Porto Alegre, 2016.

MERODE, Paola Davi Nolasco Rodrigues. **Bilinguismo e interpretação simultânea: uma análise cognitiva do processamento da memória de trabalho e da fluência verbal**. 2012. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PAGURA, Reynaldo. **A interpretação de conferências**: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. spe, pp. 209-236, 2003. Acesso em 08 out. 2020.

PAGURA, R. J. **A Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens) revisitada**: um novo olhar sobre a desverbalização. *Tradterm*, 19, pp. 92-108, 2012.

PAGURA, RJ. **Tradução & interpretação**. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. *Tradução & perspectivas teóricas e práticas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books.

PERMISSIONS FOR BOOKS & JOURNALS. Routledge, 2021. Disponível em: <https://www.routledge.com/contacts/rights-and-permissions/permissions>. Acesso em: 09 mar. 2021.

PÖCHHACKER, Franz. **Coping with Culture in Media Interpreting**. *Perspectives: Studies in Translatology*, 15:2, 123-142, maio 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13670050802153798> >. Acesso em: 03 dez. 2020.

PÖCHHACKER, F. **The role of research in interpreter education**. Translation & Interpreting, v. 2, n. 1, pp. 1-10, 2010.

PÖCHHACKER, F. **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. London: Routledge, 2015.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London: Routledge, 2016.

RIGHTS & PERMISSIONS. Routledge, 2021. Disponível em: <https://www.routledge.com/contacts/rights-and-permissions>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SILVA, C. **Um olhar sobre a evolução histórica dos Estudos da Interpretação no Brasil**. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, n. 28, 2020/1.

SOBRAL, A. Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução. São Paulo: Editora SBS, 2008.

VALE, Luciana Marques. **A Importância da Terminologia para a Atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário de sinais-termo do processo judicial eletrônico**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico**: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. ISSN 2317-2096. Acesso em: 28 out. 2020.